

REVISTA DA SEMANA



N.º 13

NA CAPITAL CR\$ 1,50 — NOS ESTADOS CR\$ 2,00

30 - 3 - 46



«NEW FACES»

1 9 4 6



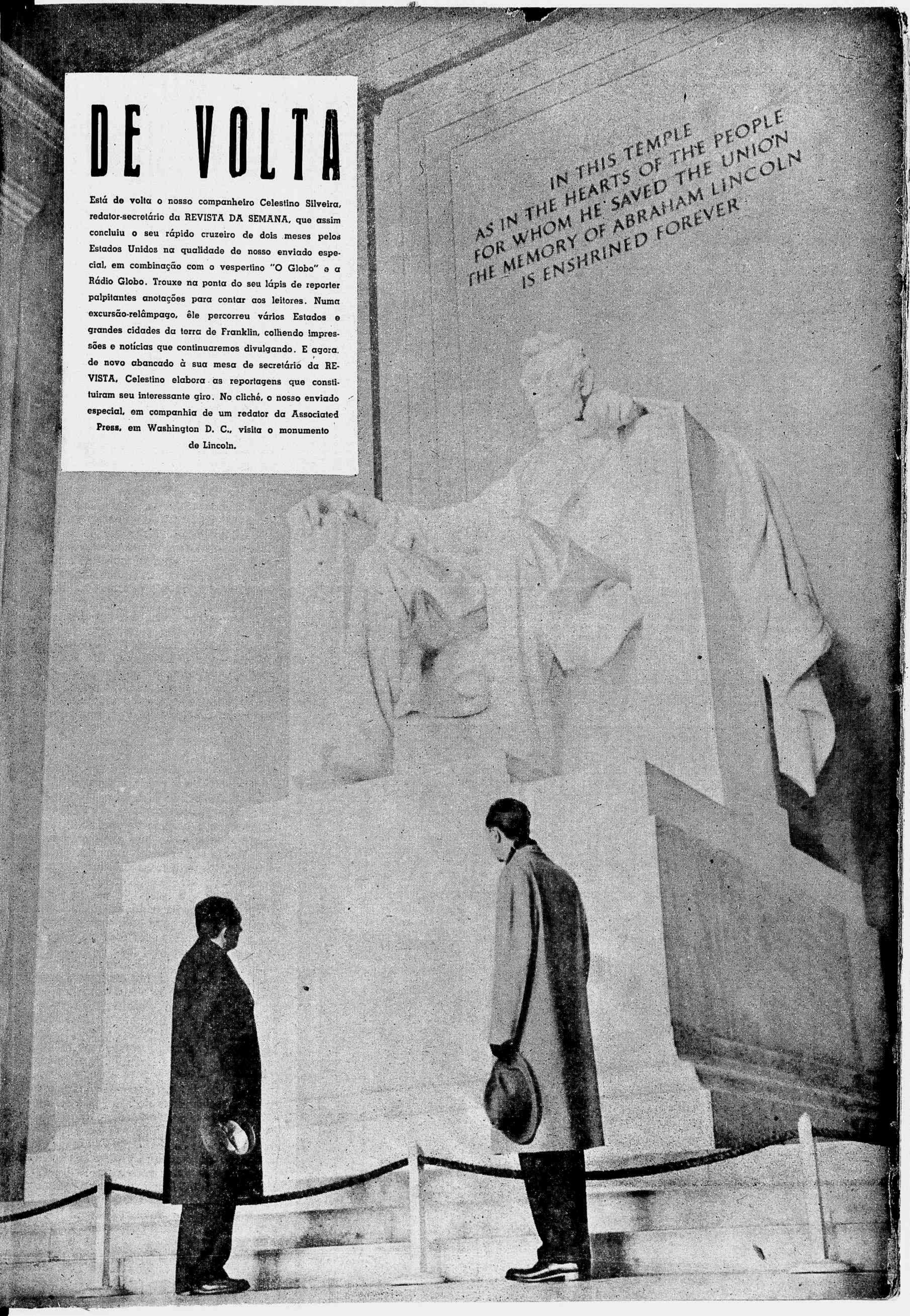
O início do ano de 1946, como sempre acontece nos dias que se sucedem à noite de São Silvestre, marcou o aparecimento de uma infinidade de novas atrizes em Hollywood. Muitas dessas moças se perderão em pouco tempo no anonimato, mas outras brilharão nas futuras constelações do "écran". Nesta página, as fotos de duas das "new-faces" mais cotadas de 1946. Elas são como centenares de outras que se dirigiram aos estúdios, saídas das camadas pobres, em busca da fortuna e da glória fáceis do cinema. Hoje são "caras novas". Amanhã serão o que eram antes, ou grandes "estrêlas". Os seus nomes não são conhecidos. Ao alto, Martha Vickers, da Warner Brothers; em baixo, Esther Williams, da Metro.



DE VOLTA

Está de volta o nosso companheiro Celestino Silveira, redator-secretário da REVISTA DA SEMANA, que assim concluiu o seu rápido cruzeiro de dois meses pelos Estados Unidos na qualidade de nosso enviado especial, em combinação com o vespertino "O Globo" e a Rádio Globo. Trouxe na ponta do seu lápis de reporter palpitantes anotações para contar aos leitores. Numa excursão-relâmpago, êle percorreu vários Estados e grandes cidades da terra de Franklin, colhendo impressões e notícias que continuaremos divulgando. E agora, de novo abancado à sua mesa de secretário da REVISTA, Celestino elabora as reportagens que constituiram seu interessante giro. No clichê, o nosso enviado especial, em companhia de um redator da Associated Press, em Washington D. C., visita o monumento de Lincoln.

IN THIS TEMPLE
AS IN THE HEARTS OF THE PEOPLE
FOR WHOM HE SAVED THE UNION
THE MEMORY OF ABRAHAM LINCOLN
IS ENSHRINED FOREVER



A "REVISTA" EM WASHINGTON

Não foi uma simples viagem de recreio a que vem de empreender aos Estados Unidos o enviado especial da REVISTA DA SEMANA. Essa excursão, obedecendo a uma finalidade puramente jornalística, foi estudada com grande antecedência e teve como essencial razão de ser, a obrigação em que nos sentíamos de dar aos leitores, logo no primeiro ano de após-guerra, uma ampla e palpitante reportagem sobre a vida na grande nação amiga, agora em dias de paz. Fomos, no Brasil, um aliado precioso para os Estados Unidos, e seus homens de maior responsabilidade não escondem a importância do papel que este país desempenhou nos dias de guerra, aliando-se às Nações Unidas e dando-lhes, na destruição ao nazismo, a fina flôr da sua mocidade, homens destemidos que expunham o peito às balas com a mesma coragem que agora se aprestam para os deveres de paz.

Vínhamos de conhecer sensível alteração nos dispositivos políticos e administrativos do país. Um renhido prélio eleitoral acabava de ferir-se no Brasil, enquanto nos Estados Unidos também grandes problemas de ordem política, nacional e internacional, jogavam-se no tabuleiro das discussões e das supremas resoluções de seu povo. Tínhamos que acompanhar, bem de perto, o desenrolar desse fenômeno de após-guerra, e nada melhor que um nosso correspondente especial, mandado à pátria de Tio Sam, para sentir de perto e "de visu" esse panorama.

Acresce que a REVISTA DA SEMANA, publicação veterana e tradicional na imprensa ilustrada brasileira, vinha de encetar, nestes dois últimos anos, uma nova e ativa fase de grandes reportagens. Ora, se as mesmas, dentro das nossas fronteiras, encontravam a mais larga e cativante repercussão, fácil seria imaginar o que, em maior escala, se registraria. Foi o que realmente sucedeu. Nosso enviado especial, em combinação com um importante vespertino brasileiro — "O Globo" — e uma emissora de relêvo — a Rádio Globo — levava aos ombros responsabilidades de grande monta, pôsto que a ele confiávamos uma tarefa de capital importância. Não se tratava de enviar as clássicas e amáveis correspondências enaltecendo sistematicamente homens e coisas de um país amigo, porém, muito mais: cuidava-se de sentir as pulsações de um povo e de um governo que não prescindem dos seus radicais e tradicionais princípios de liberdade de pensamento.

Que o jornalista brasileiro se houve de maneira irrepreensível no desempenho dessa missão, provam-no os seus trabalhos enviados desde Miami e Washington, mais tarde de Nova York e, finalmente, intensificados na travessia que fez "coast to coast", isto é, do Atlântico ao Pacífico, rasgando o "hinterland" americano de Nova York e Chicago à Califórnia.

Nem todas as correspondências puderam ser divulgadas antes do seu regresso, e se a viagem meteórica não foi além de oito semanas, o material recolhido, as observações apuradas e os apontamentos feitos nesses dias e noites vertiginosamente vividos em terra estranha, dão margem para a reconstituição de crônicas, ensaios e artigos que iremos publicando ainda por muitas semanas.

O mais propício ambiente para o desempenho dessa missão foi encontrado pelo nosso redator-secretário, onde quer que se apresentasse com as simples credenciais de jornalista brasileiro. Dir-se-ia que todas as camadas



O marco zero na cidade de Washington D. C., capital norte-americana, visitado pelo nosso redator; ao fundo a Casa Branca, residência presidencial, onde agora Mr. Truman governa a grande nação. Esse marco é o ponto de referência para todas as distâncias em território "yankee".

A porta do Capitol Theatre, na Pennsylvania Avenue, em Washington, um "stand" para recolher "dimes" (moedas de dez centavos), destinadas a amparar a campanha contra a paralisia infantil, no aniversário de Roosevelt, campanha que se renova anualmente.





Fiorello La Guardia transmitindo a Celestino Silveira, na entrada da Casa Branca, sua satisfação em visitar o Brasil, por motivo da posse do governo Eurico Gaspar Dutra. De volta dessa viagem, o ex-prefeito de Nova York manifestou-se em termos eloquentes sobre o nosso povo e a nossa terra, aludindo às atenções que aqui lhe foram dispensadas e garantindo que não tardará muito em voltar ao Rio.

sociais norte-americanas lhe aguardassem a visita, proporcionando-lhe amplo campo de análise e toda a sorte de facilidades:

— “Desejo que o senhor esteja como em sua própria casa, e que possa voltar à sua terra habilitado a reproduzir fielmente tudo quanto tenha visto aqui na América” — disse, por exemplo, o Presidente Truman quando Celestino Silveira foi entrevistá-lo na Casa Branca.

E foi realmente na “própria casa” que ele se encontrou, auscultando a opinião pública “yankee”, traduzindo em seus artigos os imperativos da massa norte-americana, exercendo, enfim, a sua profissão sem o menor controle de terceiros. Quem estivesse acompanhando as crônicas aqui estampadas, há de ter sentido o reflexo de independência e imparcialidade de que se revestiam. São os Estados Unidos, na concepção do nosso companheiro, uma grande nação e um povo de incalculáveis possibilidades de ordem material e espiritual. Ao contacto assíduo com o reporter carioca, povo e governantes da América do Norte fizeram coro e timbraram em homenagear, na pessoa física do jornalista do Brasil, a nossa própria Imprensa e o Brasil inteiro. Queremos ressaltar, nestas linhas, o significado maior da excursão que a REVISTA DA SEMANA vem, assim, de realizar, traduzindo de público os nossos agrade-

cimentos às autoridades e ao povo, pelo ambiente cordial que, ambos, tributaram ao nosso companheiro.

Houve assim a recíproca às atenções sempre, no Brasil, dispensadas aos jornalistas norte-americanos, quando aqui vêm desenvolver seu campo de ação profissional e ver de perto, sem o estrabismo que a distância às vezes provoca, a realidade do cenário social e político da nossa terra.

Aqui estão, por exemplo, alguns flagrantes sugestivos colhidos em Washington D. C., a capital da terra de Tio Sam. Portas a dentro da Casa Branca, onde o Presidente Truman resolvia então delicados casos de greves, ou no recinto do Capitol, onde o parlamento “yankee” discutia calorosamente renhidas questões regionais ou internacionais, nas visitas empreendidas ao monumento e ao museu de Lincoln, ou à Galeria de Arte, em qualquer museu, biblioteca ou universidade, não era um simples reporter brasileiro que ali andava em consulta aos assuntos norte-americanos, mas um amigo, um irmão, um homem nascido em país aliado e colaborador na vitória de uma recente guerra, a quem os “yankees” recebiam, com toda a afabilidade.

Esse o significado moral de mais alta expressão de que se revestiu, nos Estados Unidos, a presença do nosso companheiro.

O general James H. Doolittle, que empreendeu o primeiro “raid” a Tóquio, vestiu-se de Papai Noel para visitar o Walter Reed General Hospital em Washington, pelo Natal. Aí o vemos autografando o livro de um soldado ferido, que se vê em companhia da esposa e de uma filhinha de 4 anos.



A SEMANA EM REVISTA

ACABARAM-SE AS FÉRIAS



— "Acabaram-se as férias, meu filho". Agora, vida nova. Você continuará este ano a aprender o que começou no ano passado. O ano passado foi o início. Este ano não será o fim."

Assim falou a mãe, enquanto arrumava na sacola os livros, a merenda e os cadernos do garoto.

E o menino foi para a escola, correndo pelas ruas, num bando de colegiais mirins. Entrou alegre na sala de aula, levando na sacola os livros, os cadernos e a merenda. A única coisa que se aproveitou de tudo foi a merenda. Os livros já não serviam, os cadernos estavam errados. Tudo evoluiu. A própria merenda já não era a mesma: havia menos uma banana que no ano

passado. O garoto viu com pesar que a escola se modificara. Tudo o que ele aprendera fora revogado. Revogado para alegria dos homens da Academia Brasileira de Letras e dos livreiros gananciosos.

Veio, por fim, a última decepção do menino:

— "Fessora"!

— Que é, Joãozinho? — foi a voz da mãe.

— A mamãe mandou "te perguntar-lhe" se o meu livro de leitura do ano passado vai servir pro Zezinho.

— Não se diz "te perguntar-lhe", Joãozinho. E pode falar à sua mãe que o livro já não serve. Este ano foi adotado outro para o primeiro ano. Custa Cr\$ 22,00. Você também terá que comprar um livro que custa Cr\$ 25,00. Você sabe, Joãozinho. Houve muitas reformas, as palavras já não se escrevem como no ano passado. Você já ouviu falar na questão dos acentos e no caso da uniformidade da língua?

E a pobre mãe, pensando no namorado e lembrando o filme de Gary Cooper, tenta defender a xaropada dos acadêmicos, citando Olegário Mariano, Claudio de Souza e outros, para aqueles meninos de oito anos que se agitavam inquietos nas carteiras duras. Ela mesma não entendia muito bem o que falava, a lógica da nova acentuação não lhe podia entrar na cabeça. Mas continuava a falar, porque pensava ser de sua obrigação defender as reformas ortográficas.

Tocou a sineta. A primeira aula de 1946 terminou. Joãozinho voltou para casa. Aprendera alguma coisa? Vejamos:

— "Mamãe, a 'fessora' mandou te dizer-lhe que tem de comprar um livro novo pro Zezinho. É um livro da Academia Brasileira de Letras e a gente compra ele na acentuação por Cr\$ 22,00."

LÁ TAMBÉM!



Lá também, na América, as coisas não vão muito bem. Lá também, na América, não são todos que podem comer um bom bife a cavalo e atender a qualquer hora às reclamações do estômago. Lá também, na América, há racionamento de manteiga, há carestia dos gêneros de primeira necessidade, há falta de açúcar.

Lá também a classe média aperta o cinturão em volta da barriga magra, enquanto os especuladores enchem-se à custa do dinheiro do povo.

Regressando há pouco dos Estados Unidos, um de nossos companheiros contou coisas interessantes a respeito dos Estados Unidos. A manteiga, quando havia, era fornecida aos hóspedes do hotel onde se hospedou,

em tabletes tão pequenos que até hoje ele não pôde saber se a manteiga da terra de Tio Sam é má ou boa. Foi ainda esse nosso companheiro que nos falou acerca dos frascos de vitaminas que muitos americanos conduzem nos bolsos, para suprir a falta de elementos alimentícios das refeições baratas. Essas refeições são compostas em geral de sandwiche e saladas de alface. Se aparece um bom bife, vai

custar ao freguês do restaurante nada menos de dois dólares, o que representa em nossa moeda quarenta cruzeiros bem contados. Pode-se argumentar que os salários de lá são maiores. Mas, em compensação, os preços também o são. E tanto não é boa a atual alimentação do americano em geral, que muitos vivem se queixando nos Estados Unidos da falta de alimento e do preço dos gêneros.

Mas não foi só na terra de Lincoln que esteve o nosso companheiro. Na longa viagem de volta, ele visitou várias cidades do Pacífico e das repúblicas centrais da América do Sul. Em La Paz, hospedou-se num bom hotel. A diária era de tanto, mas cobrava-se mais tanto pelo jantar. O nosso companheiro quis jantar fora. No dia seguinte pediu a conta: tanto da diária, mais tanto do jantar.

— Mas eu não jantei aqui! — aventurou o jornalista.

— Não jantou porque não quis — respondeu o dono do hotel. — A "bóia" estava aí.

E assim aconteceu com o redator da REVISTA DA SEMANA. Em todos os lugares por onde passava, o que via era carestia, racionamento, exploração. O que ouvia eram queixas e lamúrias. Assim é o Brasil. Assim é a América. E o dinheiro voava...

Onde está nosso mundo melhor?

O ÚLTIMO SOLDADO DESCONHECIDO



Já viste passar os "tanks", leitor? Eles vêm como verdadeira personificação da morte e do terror, surgem ao longe, fazendo soar as sirenes graves, que são como aviso sinistro de uma sinistra aparição. Depois dobram a esquina, as lagartas pesadas fazem tremer o asfalto e eles avançam, entre o retinir dos ferros das cremalheiras duras que vão riscando por sobre o pavimento a marca do seu poder de destruição. Vem em marcha lenta ou acelerada, o aço entrecrocando com o betume, as vozes das sirenes graves sempre avisando os transeuntes do perigo. Ganham velocidade, as cremalheiras giram rapidamente, devorando as distâncias e deixando para trás, nas esquinas silenciosas, os grupos de curiosos estupefatos que se reuniram à sua passagem. E fica ainda no ar, por muito tempo, mesmo depois de sua passagem, o cheiro de "tank". É um misto de odor de óleo cru e de tinta fresca. Os escaravinhos de aço se foram, dobraram a esquina, as vozes apagadas da sirene perdem-se nos quarteirões distantes, mas fica ainda na rua a presença dos "tanks".

Nada se pode comparar à intensidade do nervosismo criada pela passagem dos "tanks". É um momento de crise psicológica, que ninguém poderá jamais

definir. Quando passam, rentes ao passeio, as máquinas poderosas dos batalhões de carros de combate, é como se passassem, pelas ruas de Catargo, os elefantes adestrados de Anibal. O homem olha os "tanks" e se convence de sua pequenez. Perto daquela máquina, são insignificantes todas as idéias, o barulho das cremalheiras é maior que todas as palavras. Uma angústia pesada nos toma o coração, quando passam os "tanks", pois verificamos, cheios de angústia, que todos os conceitos se esvaem de encontro àquelas rodas dentadas, todas as definições se anulam de encontro àquelas torres de aço, que giram para a frente e para trás, dirigindo as bocas ameaçadoras dos 75 de tiro rápido.

Outro dia, os "tanks" passaram na rua Clarimundo de Melo. Todos correram para vê-los. As sirenes avisavam os transeuntes, na sua voz profunda, que o perigo viajava por ali. Foi então que um homem mal vestido, preto, de identidade desconhecida, se atirou à frente de uma dessas máquinas. A esteira da lagarta se distendeu por sobre o seu corpo, os dentes rasgaram-lhe a carne. A máquina assassinou o homem, o monstro esmagou o dr. Frankenstein. Correram os curiosos, veio o rabecão, o cadáver foi conduzido ao necrotério. Viu-se que o homem não tinha nem dinheiro, nem meios, nem nome.

Mais um suicídio sensacional. O suicídio do último soldado desconhecido. O soldado desconhecido da miséria.

A AMÉRICA EM REVISTA



Volto da América um de nossos companheiros. Voltou contente. Alegre porque teve oportunidade de pisar a neve mole de Washington, contente porque conheceu muitas coisas que a maioria dos brasileiros dariam a vida por conhecer.

O interessante desta viagem foi que o nosso redator voltou contando coisas boas e coisas más. Em geral, quem vai à América volta elogiando. Aquilo é, para quase todos os brasileiros que se dirigem aos Estados Unidos com bolsas de estudos, um verdadeiro paraíso. Não há restrições. Tudo é perfeito, tudo é limpo, tudo é claro, tudo é o "maior e o melhor do mundo". Outros vão à terra mestra do capitalismo já com o espírito preconcebido. E quando voltam, se escrevem ou falam, é só para "meter o pau". É por isto que nos acostumamos, já de há muito tempo, a ter da América duas impressões: uma tirada dos livros de Erico Veríssimo, o idólatra; outra tirada dos comentários e dos livros daqueles que dizem justamente o contrário do que afirmou Erico Veríssimo. E, em nossa mentalidade viciada nas velhas definições morais

da literatura antiga, de acordo com as quais o que não é perfeito não presta, formou-se uma confusão terrível a respeito dos Estados Unidos. O que seria a América? O paraíso? O caos?

Afim de esclarecer um pouco os nossos leitores a respeito das coisas dos Estados Unidos, foi que a REVISTA DA SEMANA, em combinação com uma grande emissora, enviou para lá um reporter, velho jornalista endurecido no serviço severo de muitas redações, em missão de boa vizinhança. Dizemos missão de boa vizinhança, pois temos para nós que nada pode fazer melhor dois amigos, que o conhecimento completo das virtudes e dos defeitos de ambos. Note-se bem. Enviámos a América um reporter, não um comentador político ou social. E assim prestámos aos nossos leitores o mais valioso serviço. O nosso enviado aos Estados Unidos voltou e está escrevendo para o público brasileiro tudo o que lhe foi dado ver ali. Não comenta, não fala contra nem a favor. Conta o que viu. Esta é uma das qualidades deste jornalista. E era isto o que a REVISTA desejava: contar fielmente o que se passa na América. Os leitores que tirem dos fatos as conclusões que melhores lhes parecerem. A nós, contenta-nos a satisfação de havermos feito um grande trabalho.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N. 13 :-: 30-3-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323 Tel. 4-7866

Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co.

Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal

434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.

Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos

colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de

originais, mesmo quando não publicados

SUMARIO

REPORTAGENS

A REVISTA nos Estados Unidos	3/5
Uma tarde na Constituinte (Adhemar Nóbrega)	8/15
A heroína de Hollywood que o cinema desconhece (Celestino Silveira)	32/33
Figuras e Fatos	33
Jockey Club	39
A grande emoção de Joan Crawford (Louis Serrano)	23/25

LITERATURA

Sta. Francinetti (Eutiquiano Reis)	19
Na torre envidraçada (Escagnolle Doria)	26
Medo (W. W. Jacobs)	27
Um artista do trapézio (Franz Kafka)	34

CURIOSIDADES

O problema do teto	16/18
Quando Goering procura escapar	20/21
O moderno teatro em Londres	35
Nem tudo eles perderam	36/37
Os grandes momentos da guerra	54/58

MODAS

Nos Bastidores Femininos	29
Modelitos	30/31
Vestidos em duas cores	40/41
Penteados	42
Modelos franceses	50

REVISTA DA SEMANA



NA CAPA

Martha Vickers, môça e bonita, uma das graciosas e mais elegantes figuras de Hollywood de nossos dias e contratada exclusiva da Warner. Está aparecendo com merecido destaque. Na ilustração da sobrecapa, Martha Vickers oferece às leitoras um lindo chapéu primaveril.

As Crianças!

Dôres no Ventre, Mau Hálito, Língua Suja, Indigestão, Consequências da Prisão de Ventro



As crianças adoecem muito facilmente do estômago e intestinos. Basta, às vezes, que mastiguem mal a comida ou comam depressa e fóra de horas para que tenham indigestão, dôres no ventre, moleza, arrepios, calafrios, tonturas, mau hálito, dôres de cabeça, vontade de vomitar, língua suja e até febre.

Convem dar Ventre-Livre sem demora

Ventre-Livre é um remédio brando e suave, de gosto agradável, que as crianças tomam sempre com prazer.

Ventre-Livre é o remédio indicado para combater a prisão de ventre e suas consequências: mau hálito, língua suja, indigestão, dôres de barriga e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Tenha Ventre-Livre sempre em casa.



SECÇÕES

A Semana em Revista	6
De Bom Humor	22
Coisas do Brasil	28
"Charge" de Raul	46

No próximo número:

CARMEN MIRANDA

- no cinema
- no teatro
- no rádio
- em casa
- na rua

Palpitantes flagrantes especiais para a

"REVISTA DA SEMANA"

em sensacional reportagem de

CELESTINO SILVEIRA

feita em Nova York e Hollywood.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECHITAS MÊ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

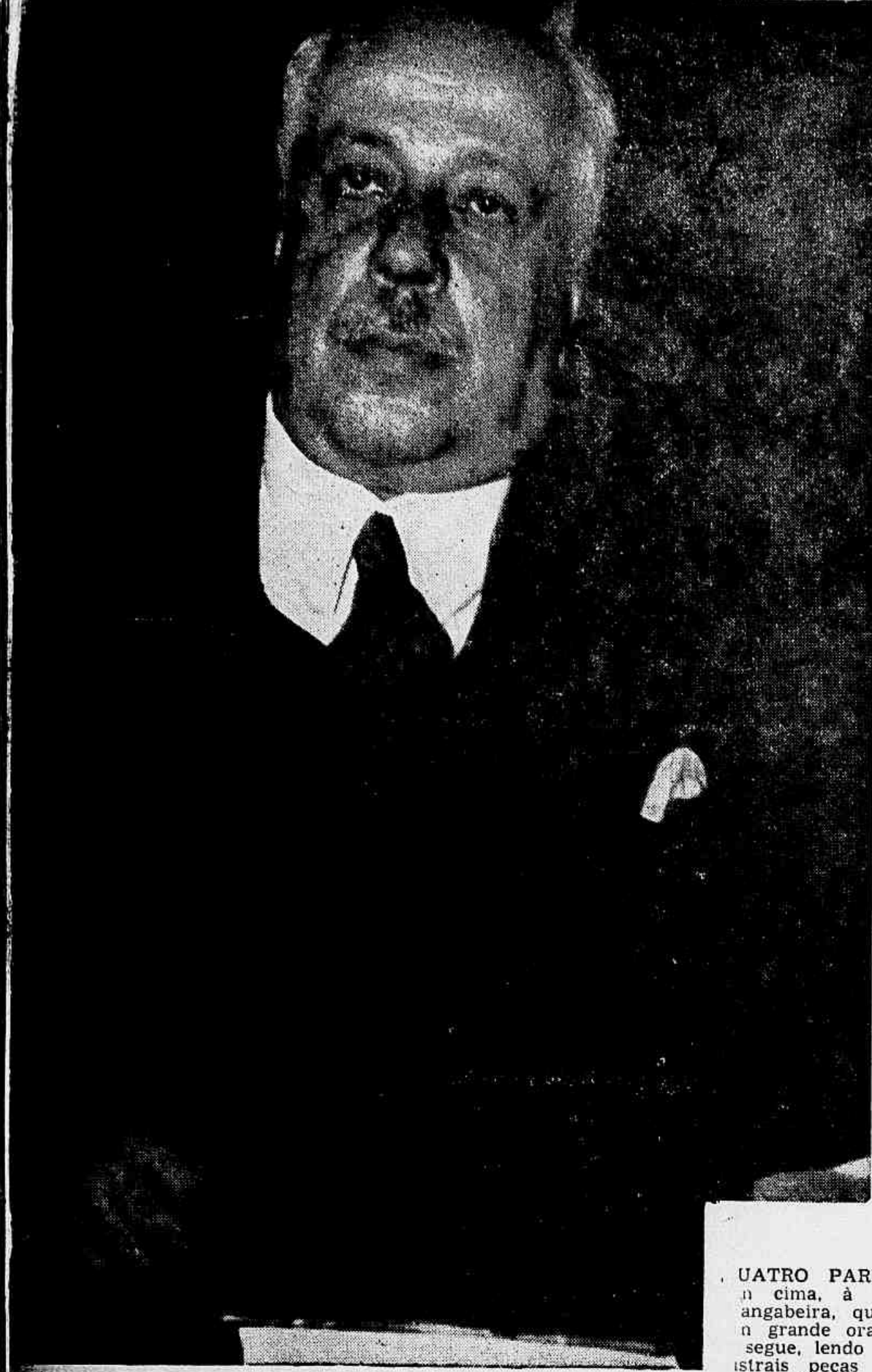
R. CARIOCA N.º 23

Joalheria

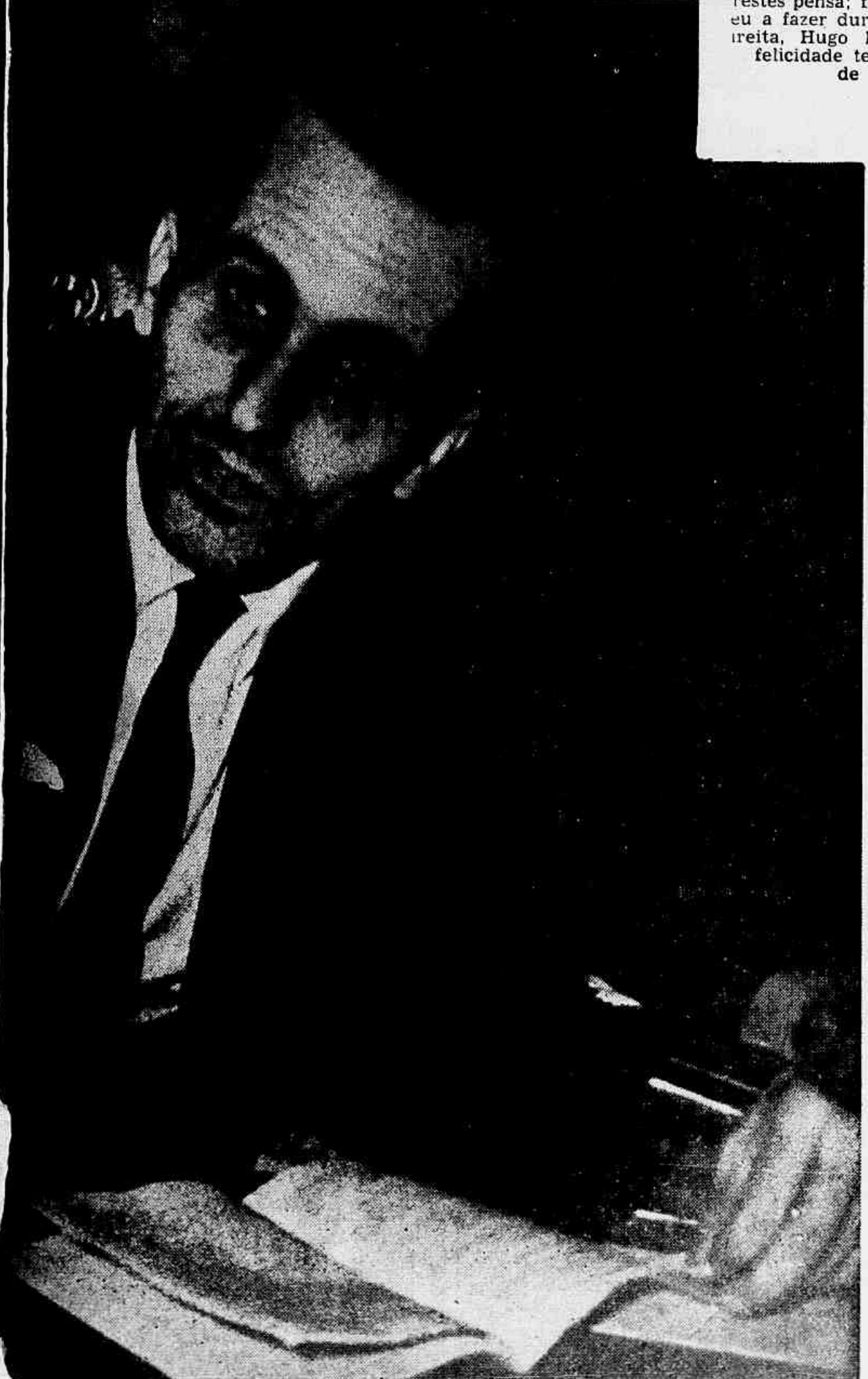
LUIZ R. RICART

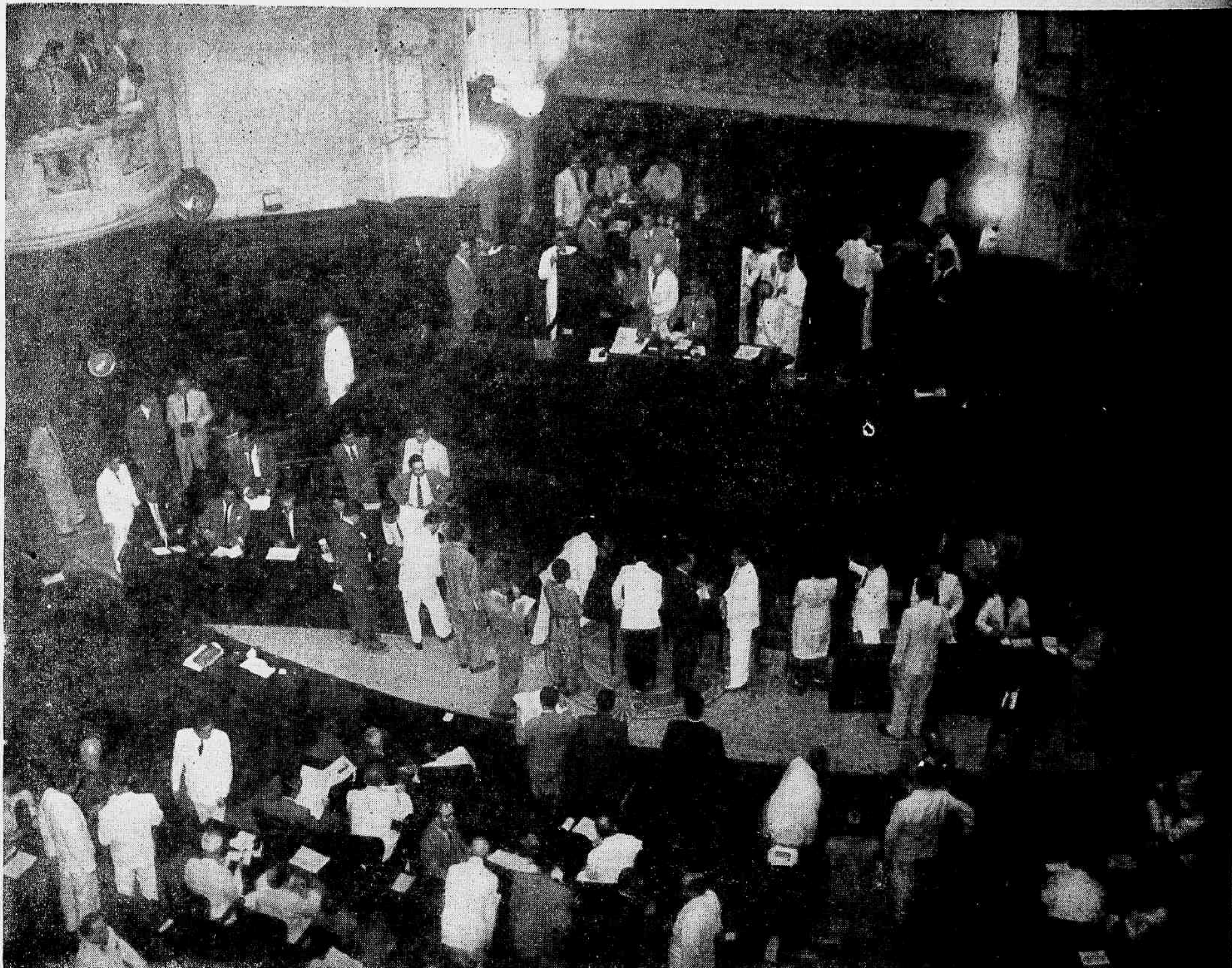
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELOGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



QUATRO PARLAMENTARES -
Em cima, à esquerda, Octaviano
Mangabeira, que continua a ser
um grande orador. Souza Costa
segue, lendo uma de suas ma-
nistras peças de oratória. Em
baixo, à esquerda, Luiz Carlos
Costa pensa; foi o que ele apren-
deu a fazer durante nove anos. À
direita, Hugo Borghi goza. Essa
felicidade tem quinze anos
de idade.





Em cima — Mal chega o senador Melo Viana que, como presidente da Casa, detém um dos três poderes da República, forma-se em torno dele uma roda de congressistas. Enquanto isso, os taquígrafos afixam os lápis e preparam-se para registrar as próximas refregas. Há muitas cadeiras vazias, e noutras os seus ocupante lêem e gozam os vespertinos. Em baixo — Antonio Castelo Branco, garçon do Palácio Tiradentes desde 1933, é um verdadeiro malabarista na arte de servir. Milagrosamente, ele arruma, numa bandeja de três andares, 40 chécaras de café para estimular as lutas entre conservadores e comunistas.

UMA TARDE NA CONSTITUINTE

AS GALERIAS — OS DISTRIBUIDORES DE EMPREGOS PÚBLICOS — O TRABALHO E O CAPITAL, NO MESMO ELEVADOR — OS CORREDORES, "TERRA DE NINGUÉM" DO PARLAMENTO — DISCURSO SEM ENRÊDO É FILME NACIONAL — AS CAMPAINHAS, UMA VOZ QUE NÃO ADMITE APARTES

Escreveu Adhemar Nóbrega

Fotografou Arnaldo Vieira

POR causa do prolongado sono que foi imposto às nossas instituições democráticas, muita gente hoje não faz idéia do que seja uma Assembléia Constituinte em funcionamento. Sim, porque durante quase oito anos em que vivemos suportando as "garantias" da "nova ordem", conformados com ela como uma fatalidade histórica ou, ainda, desfrutando-a, como o fizeram os novos "camelots du roi", durante quase oito anos, dizíamos, a representação do povo numa assembléia soberana, para decidir do seu destino, parecia ser um assunto encerrado em nossa história.

Se lá pela Europa, berço da conquista dos direitos do homem e do cidadão, as liberdades públicas haviam sido substituídas pela obediência sem discussão às ordens de semi-deuses de barro; se na gloriosa França todo o arcabouço de uma democracia ameaçava ruir, mercê de uma política que marchava

para trás, de capitulação em derrota e de derrota em desespero, como esperar melhores dias para nós, sujeitados infalivelmente às influências dessas transformações? Era um retrocesso da história, duro, senão impossível de deter.

E parecia que tudo isso ameaçava instalar-se definitivamente aqui, contrariando princípios universais de evolução da história e que jamais o povo dispusesse do direito de influir nos seus próprios destinos. E' que o vento da tempestade soprava forte e não havia sinais de claridade no céu turgido e carregado. Mas, lá um dia, o barômetro da política internacional deu uma reviravolta e indicou a proximidade de bom tempo, com rajadas de leste, etc. E os brasileiros, fiéis às tradições de 91 e de 33, retomaram a posse de si mesmo e exigiram a volta das instituições democráticas de que é a Constituinte a mais lúdica expressão.



AS GALERIAS

Por não estar habituado aos debates parlamentares, o povo não tem, atualmente, um juízo definitivo a respeito do Poder Legislativo. Não há, pode-se dizer, uma comunidade de pontos de vista sobre a importância das discussões no Palácio Tiradentes, de tão gloriosas tradições, onde pontificaram o verbo de J. J. Seabra, a "verve" e a astúcia de Antonio Carlos, o espírito brilhante de Alcantara Machado e de outros expoentes da nossa história parlamentar.

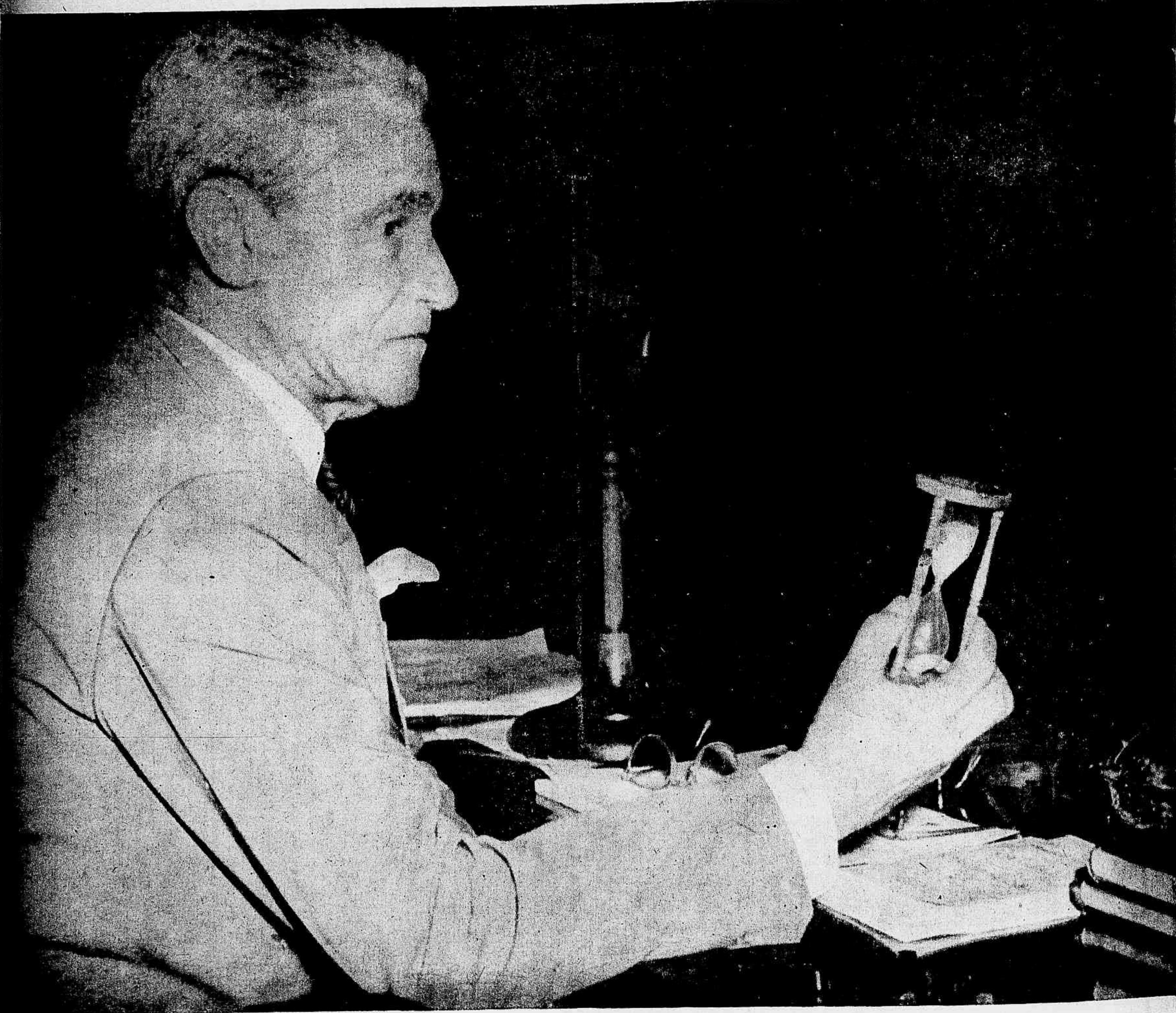
tituinte foi um conceito puramente gramatical. Não havia o objeto para ilustrar a expressão. E as coisas, os fatos palpáveis, são sempre mais convincentes do que as palavras.

OS DISTRIBUIDORES DE EMPREGOS PÚBLICOS

Há uma tradição infeliz, nascida dos nossos vícios em matéria de política, que consiste em considerar um deputado ou senador um homem antes de tudo indicado para distribuir empregos. Isto é fruto de doutrina con-

mava em considerar o seu cargo um direito assegurado pelas relações políticas da família e um simples pretexto para justificar um bom ordenado (o que infelizmente era a maioria dos casos), o interesse público que fôsse às favas.

Assim se formou o conceito do homem público no Brasil. Quando o partido que estava no poder perdia as eleições, sucedia-se a inevitável "derrubada" e lá iam por terra as situações conseguidas à custa de cartas amáveis e palmadinhas nas costas, ao lado de capacidades de desempenho adquiridas hon-



O senador Melo Viana segura a ampulheta que vai marcando inexoravelmente o tempo concedido ao orador. Se o discurso provocar muito barulho, aí estão ao seu alcance os botões do sistema de tímpanos elétricos. Quando eles entram em ação, não há eloquência que os suporte. São a única voz que não admite apartes.

Há os crentes da democracia, os que, pela sua formação liberal, são necessariamente inclinados a ver num congresso de representantes do povo a mais legítima aspiração de um homem livre, e há os derrotistas, os que, por motivos pessoais, nem sempre fáceis de confessar, procuram desacreditar a casa dos congressistas e os seus trabalhos. Mas o que se pode perscrutar, no seio do povo, o que é fácil de constatar, frequentando as galerias, é uma curiosidade inflamada pelo que se diz e pelo que se grita no plenário.

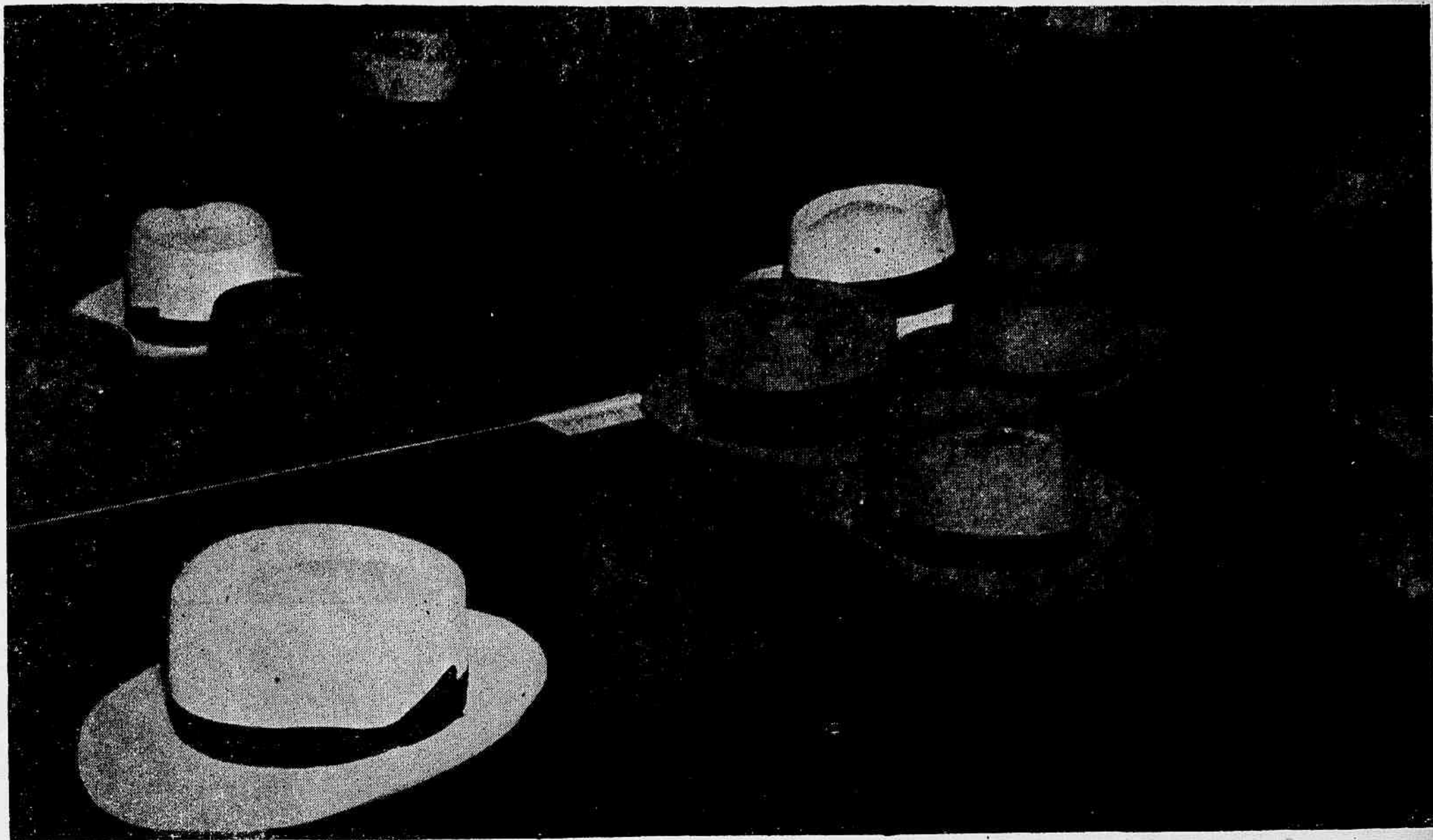
E' que durante oito anos, assembléia cons-

sagrada pelo uso, antes de se tentar a moralização da administração pública no Brasil.

Se um estudante de direito vinha da província para o Rio, o pai recomendava-o fatalmente à influência do deputado X que por sua vez o encaminhava a uma secretaria de Estado e, conforme o prestígio do congressista, em pouco tempo o apadrinhado instalava a sua inexperiência no desempenho de um polpudo cargo público. Se o cidadão se adaptava ao trabalho e procurava corresponder à responsabilidade de que estava investido, melhor para a Nação, mas, se tei-

tamente no trato dos negócios públicos. Num noutro caso, o Estado era a maior vítima, porque os cargos ficavam vagos à disposição de outros apadrinhados, para os quais o futuro surgia agora mais risonho e... mais cheio de cifras e cifrões.

Esta digressão no terreno da política do "agora é a minha vez" justifica, em parte, o descrédito lançado à conta dos augustos representantes do povo. A República de 91 foi mestra nessa prática e a de 34 seguiu-lhe os passos. Cabe, agora, aos congressistas de 46 evitar os mesmos erros.



A chapelaria nivela as diferenças de credo religioso e convicções políticas de maneira notável. Todas as posições se confundem sobre esta mesa, e o flagrante acima é por todos os títulos significativo. Ali estão, em primeiro plano, os chapéus de João Cleofas, da U. D. N., de Alceio Coutinho e Agostinho de Oliveira, do P. C. B., e do padre Arruda Câmara, do P. D. C. Se lá no plenário, eles estão se fuzilando verbalmente, não somos culpados. Os chapéus estão na maior harmonia...

Mas seja como for, mesmo os derrotistas se interessam pelo funcionamento da Câmara. O povo gosta dos debates, particularmente quando eles assumem o aspecto de duelos. E a atual composição da Constituinte, incluindo representações de todas as correntes de opinião, dá oportunidade a que se sucedam com frequência verdadeiras batalhas. Daí, contarem as seções parlamentares dos

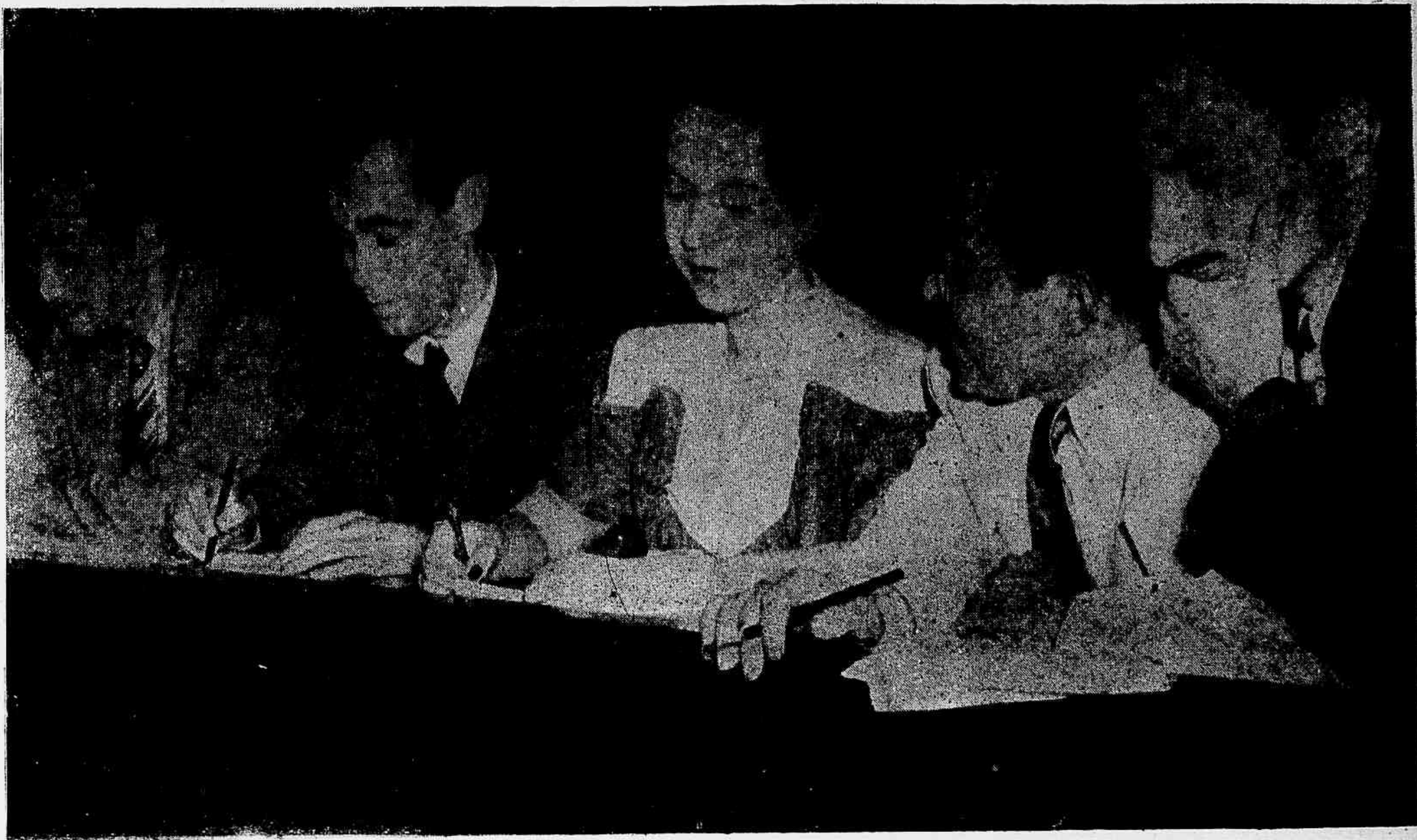
jornais com tantos leitores quanto as páginas de futebol.

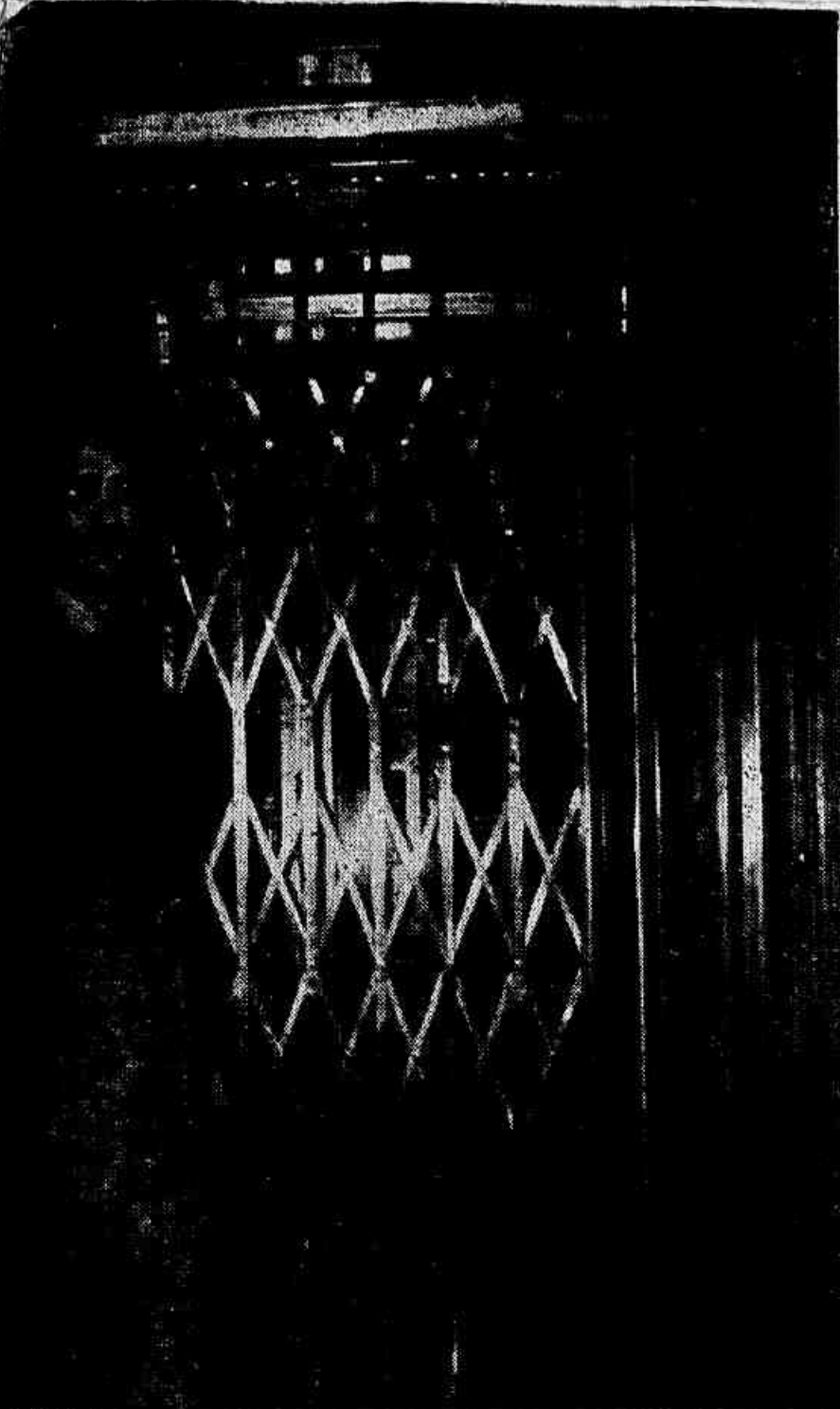
Indiscutivelmente, o homem é mesmo um animal político. Doença ou virtude, é uma verdade. Que o digam as galerias da Constituinte, infalivelmente repletas de curiosos, olhos e ouvidos atentos ao que se passa na arena do plenário.

Nesta época trepidante em que não se pode

perder um minuto, porque a inflação exige cada vez mais um aumento de renda, e justamente quando as filas nos tomam metade do dia, os bancos incômodos e as restrições dos policiais de um metro e oitenta não impedem que pais de família se deixem ficar horas seguidas nas galerias, para ouvir a palavra daqueles em quem eles depositaram a confiança de lutar por um mundo melhor.

Há uma tribuna reservada à imprensa, além da que é privativa dos taquígrafos. No flagrante abaixo, a objetiva apanhou em plena atividade, da direita para a esquerda, os nossos confrades Mário Carlos, locutor da Rádio Mauá; José Queiroz Campos e Yvone de Miranda, redatores da "Imprensa", e Vieira Neto, de "A Manhã".





DEMOCRACIA... — A esquerda, um elevador privativo do presidente da Assembléia. Há um outro menor e mais modesto para os demais senadores e deputados, e há, por fim, um de quatro lugares, de aspecto desagradável e eficiência duvidosa... para todas as demais pessoas que frequentam a Câmara. Ao centro, uma estenógrafa registra um lance triunfante de sucesso. A direita, um dos corredores, "terra de ninguém" do parlamento, onde às vezes os congressistas se aliviam da tormenta que ruga lá dentro.

O TRABALHO E O CAPITAL, NO MESMO ELEVADOR

As reuniões começam às 14 horas mas antes disso, logo depois de meio dia, já se nota no Palácio da rua da Misericórdia um intenso vai-e-vem nos corredores.

Já feita a limpeza de todas as dependências e instalações, prepara-se a louça para o café e o mate gelado. A portaria é sempre cheia de interessados trazendo cartões de apresentação, indagando pela presença de congressistas, solicitando empregos na Secretaria e de outros desejosos, simplesmente, de ver passar os figurões do Congresso.

Se algum interessado não consegue falar ao senador X ou se o faz mas deixa de ser atendido nas suas pretensões, a República

UMA HISTÓRIA VIVA DA DEMOCRACIA — Com 34 anos de serviço na Câmara, Manoel Honório Ferreira é história viva da democracia brasileira. Sua mais grata recordação é a de ter-se feito esperar, pelo Parlamento, quando foi a Itajubá levar uma carta ao ex-presidente Wenceslau Braz, consultando-o sobre o estado de sítio a ser decretado.



conta, desde logo, com um inimigo do sistema representativo: "Eles só querem é ganhar nove ou dez contos por mês e o povo que sofra. Eu é que não confio mais nessa gente".

Chegam os srs. congressistas e descem, por um elevador privativo até à chapelaria, instalada provisoriamente no andar térreo, em precárias condições, porque o DIP inutilizou a que havia anteriormente, informa um contínuo.

Na porta dessa dependência, junto ao elevador, um funcionário vai riscando os nomes dos que chegam, indicando-lhes a presença para efeito de pagamento do "jeton". Ele conhece todos os senadores e deputados, senão pelas convicções políticas ao menos pelo chapéu e pelo nome:

— Boa tarde, senador.

— Como vai passando, deputado.

E Prestes e Sousa Costa tornam a subir no elevador, agora levando uma carga de nitroglicerina: o trabalho e o capital.

A chapelaria nivela as diferenças de credo religioso e de convicções políticas, de maneira notável. Todos os antagonismos se eliminam, todas as posições se confundem, sobre aquela mesa comprida onde se guardam os chapéus que resguardam cabeleiras volumosas e calvas reluzentes onde se abrigam, por sua vez, os pensamentos que constituem o mosaico da política nacional: desde os conservadores, passando pelos liberais e pelos democratas progressistas até os comunistas. Há um flagrante curioso que o reporter não se furta o prazer de registrar: alinhados sobre a mesa, numa sugestiva coincidência, estão os de João Cleofas, da U. D. N., Alcedo Coutinho e Agostinho de Oliveira, do P. C. B., e do padre Arruda Camara, do P. D. C.

Se lá no plenário eles já estão se fuzilando verbalmente, não somos responsáveis. Os chapéus, porém, estão na maior harmonia...

NA "TERRA DE NINGUÉM"

Nos corredores, ilustrados de quadros e estatuetas de gosto francês, um pouco antes do início da sessão, cruzam-se senadores, deputados, jornalistas, contínuos, garçons, pretendentes a emprego e desempregados profissio-

nais... fantasmas da província que não largam os srs. constituintes. E' a "terra de ninguém" do parlamento. Ora o deputado Argemiro de Figueiredo, udenista paraibano, é abordado por um "velho conhecido" que se queixa de um mal igualmente velho: "perseguição política"; ora é um funcionário que entrega a Prestes um telegrama dos mineiros de Butiá, protestando contra a espécie de "democracia" em vigor para os operários; ou uma jovem de aparência simpática e sorriso amável que aborda o chefe da Secretaria, refrescando-lhe a memória com a lembrança de um lugar de datilógrafo que ainda está vago.

Enquanto isso, lá dentro do recinto das reuniões, já muitos parlamentares conversam, lêem e gozam a reportagem de um vespertino sobre um "nobre colega", consultam-

O deputado alagoano Amando Fones, "doublé" de romancista e delegado pela oposição para contestar a defesa da política financeira do deputado Sousa Costa, e o senador Hamilton Nogueira que, definindo sua atitude de líder católico em face do comunismo, fez uma tarde memorável no Palácio Tiradentes.



se, preparam-se, afiam as armas para o que der e vier.

Chega o senador Melo Viana que, como presidente, detém nas mãos um dos três poderes da terceira República.

E mal chega, acercam-se dele líderes de várias bancadas, inclusive o da maioria. Conversa-se animadamente e o senador mineiro que estava sisudo, dá uma boa gargalhada. O reporter fica ansioso para saber o motivo. Será o recurso da U. D. N. junto ao Tribunal Eleitoral, a respeito da eleição dos trabalhistas? O caso dos prefeitos de Minas Gerais? Ou efeitos da discussão entre os deputados Trifino Correia e Rui de Almeida? Não. Nada disso. Quando o grupinho se dispersou, porque ia começar a sessão, um dos constituintes vinha da mesa com um exemplar do vespertino contendo a reportagem que tanto sucesso fazia, momentos antes, no plenário.

UM CAFÉ DE RESPONSABILIDADE

O café é uma constante em todas as atividades intelectuais. Sem querer fazer ciência de almanaque, avançaríamos que sem a rubiácea estimulante ainda estaríamos na idade média. Porque ele está em toda parte onde um homem ponha a cabeça para trabalhar, bem ou mal.

Não poderia, pois, faltar na Constituinte. E muito embora, devido ao calor, tenha-se sugerido e adotado o uso do mate gelado, sucedâneo feliz para 33 graus à sombra, ninguém esquece o café, mesmo quando não se gosta de São Paulo.

Alcides Soares Botelho é quem prepara a deliciosa infusão para os representantes do povo. Isso, desde 1933.

A Constituição de 1934, de vida efêmera e inesperado fim, apesar da robustez do seu conteúdo, foi toda alimentada pelo café que Botelho preparava.

Firme na cafeteira, até 9 de novembro de 1937, foi transferido depois para o Ministério da Justiça, onde, é claro, não coou nem serviu uma xícara, porque isto seria uma traição ao seu passado. E' que Botelho, como todos os demais funcionários do Palácio Tiradentes, alimenta o orgulho de servir aos representantes da soberania popular, assistindo, embora da portinhola da cozinha, à edificação do regimen republicano.

E se é certo que o café contribui para estimular as idéias e se a maneira de prepará-lo pode alterar a natureza dessas idéias, Alcides Soares Botelho é responsável por muita coisa boa e ruim que venha a se converter em lei.

Outro serventuário da mesma dependência é Antonio Castelo Branco (belo nome para um parlamentar). Ele é o garçon, também como o seu colega, trabalhando há vários anos e guardando a mesma nobreza de profissão.

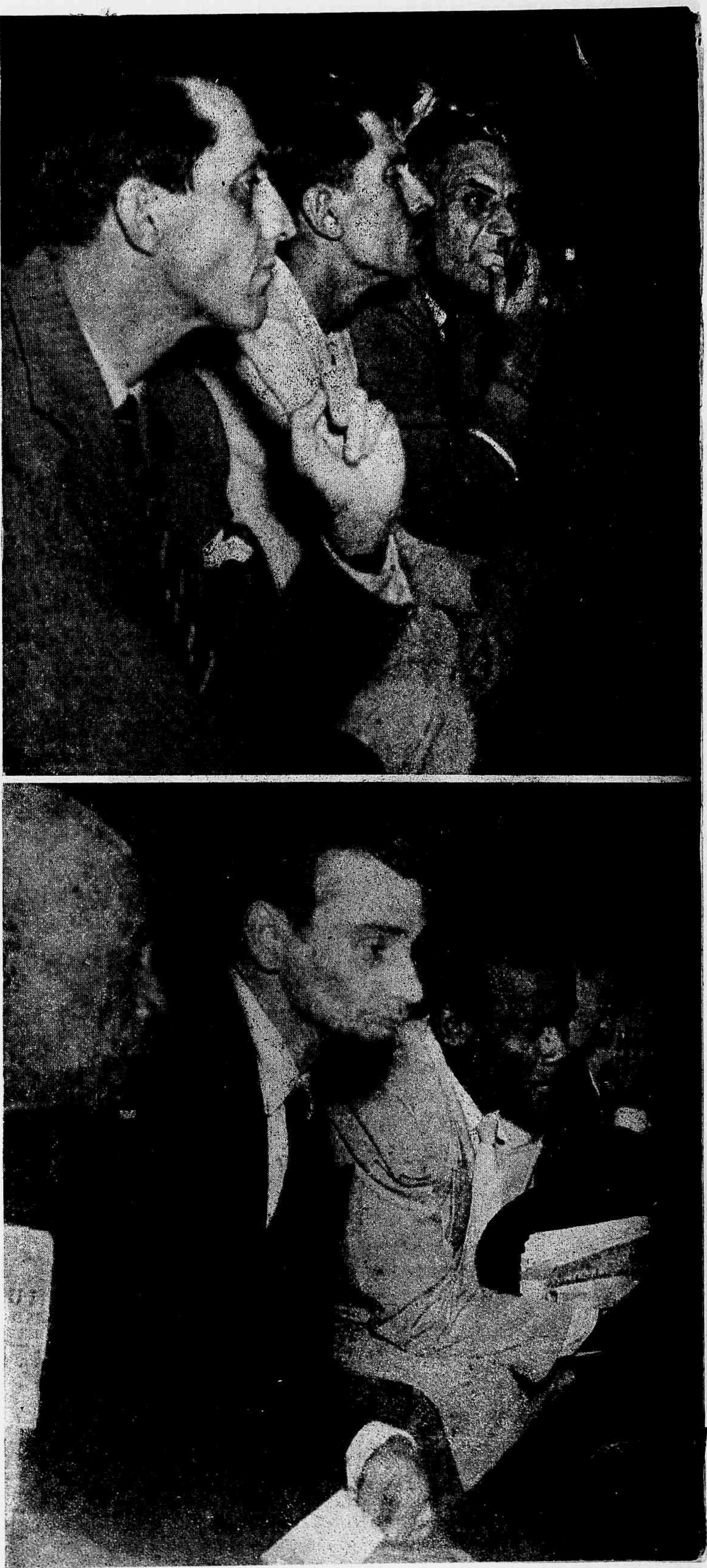
Verdadeiro malabarista na arte de servir, Castelo Branco arruma milagrosamente 40 xícaras de café (não para a Câmara dos 40) numa bandeja de três andares, para ativar as lutas entre comunistas e conservadores.

Quando a Constituição estiver pronta, ninguém mais se lembrará que os dois prestaram grandes serviços à democracia ou ao que venha a ser o que está sendo resolvido. Seja como for, é um café de responsabilidade perante o povo.

FILME NACIONAL...

Lá para as tantas, depois de acesa luta entre o udenista Daniel de Carvalho e vários representantes pessedistas, a respeito do que se pode chamar a repartição do "bolo

Em cima — De fisionomias atentas e mãos nervosas, os frequentadores das galerias não querem perder uma palavra, um gesto daqueles que os representam no plenário. O charuto que o caólio fuma é o terceiro, depois que começou o duelo entre os deputados Trifino Correia e Rui de Almeida. **Em baixo** — Todos estes homens têm o que fazer lá fora. Comerciantes, estudantes, trabalhadores, motoristas, seja o que for, uma vez adquirido o vício da galeria, é difícil deixar. E a "torcida" continua.



do Estado" pelos vencedores aos seus correligionários, um congressista bandeirante vai à tribuna e deita a falar, não parecendo que esteja disposto a fazer ponto final.

O reporter anota dois bocejos e um cochilo. Ali adiante, outro afunda-se num jornal, aproveitando-o desde o caso russo-iraneano até as historietas de Popeye e Olivia Palito; outros dormem de olhos abertos, sonhando com a fazendola em Minas, o gado mugindo no pasto, o leite puro de manhã, a baixa de arroz oscilando à brisa suave da tarde; também se defendem da interminável falação dois conhecidos congressistas cariocas que discutem sobre dividendos. E o tribuno continua falando heroicamente, gesticulando, suando e falando cada vez mais.

— Sr. Deputado, não vai ouvir o resto do discurso?

— Tem graça... Aquilo é filme nacional... não tem enrêdo.

Ao lado — Depois do "climax" do orador, um dos circunstantes goza a trégua, acendendo um cigarro para ajudar a restabelecer a calma que fugiu por alguns instantes. Em baixo — As críticas do deputado Daniel de Carvalho à política de distribuição de empregos pelo partido vencedor provocou apartes e contra-apartes, protestos, gritos... O senador Melo Viana não teve dúvidas: acionou os botões dos tímpanos e foi água na fervura: esfriaram os ânimos e o orador continuou.

E lá se vai para a sala do café, doce e amável refúgio...

Acompanhámo-lo. A sala está cheia de refugiados que avançam, firmes, nas bandejas de mate.

— Duas limonadas para o deputado Café Filho — grita Castelo Branco pela portinhola. E a voz responde lá de dentro, sem demora:

— Acabou-se o açúcar para limonadas.

Como se vê, os congressistas não gozam de tantas imunidades como se apregoa por aí. O valente progressista potiguar, por exemplo, tem de se conformar e ser coerente: café, em vez de limonada.

UMA VOZ QUE NÃO ADMITE APARTES

Mas a vida na Câmara não decorre somente entre copos de mate, chécaras de café e historietas de vespertinos. Aquêles homens aos quais nove milhões de eleitores confiaram



a defesa e objetivação de suas aspirações políticas trabalham das 14 horas até enquanto render o último assunto abordado. Outro dia, por exemplo, o famoso caso Borghi foi, de prorrogação em prorrogação, até às 20 horas.

Enquanto filamos, na cozinha, um cafezinho do Legislativo, ouvimos soarem forte várias campainhas abafando vozes que se esforçam por transpor o limite de intensidade. Mas ninguém se arreda para ver o que é. Aquêles barulho na rua, pensa o reporter, no mínimo provocaria o aparecimento de um choque da Polícia Especial, ostentando a mesma... coragem de sempre. Mas, aqui dentro do Congresso, ninguém liga para o caso. E' uma ocorrência banal.

E' que alguém furou um tumor ou magoou uma inflamação. O financiamento do algodão ou a nomeação dos prefeitos de Minas. Em tais circunstâncias, os apartes surgem como cogumelos depois das primeiras chuvas e os apartes suscitam contra-apartes e os contra-apartes provocam protestos, brados enérgicos, punhos fechados e olhares furiosos. E' quando entra em função a autoridade serena, a soberana autoridade do presidente. A essa altura dos acontecimentos, qualquer apêlo verbal seria inócuo, senão contraproducente, porque viria aumentar a confusão. Mas há remédio para tudo. Para o caso, os tímpanos elétricos. Não há eloquência que os suporte, não há oratória que lhes resista. Os tímpanos constituem para os srs. congressistas a única voz que não admite apartes.





UM HUMANISTA EM FACE DO COMUNISMO — O senador Hamilton Nogueira, representante do Distrito Federal pela U. D. N., é um líder católico de prestígio incontestável. Quando ele subiu à tribuna para definir sua atitude de humanista em face da atuação dos comunistas, manifestando-se contra a reação desabrida como processo político, todas as atenções se voltaram para ele. E embora seu discurso tenha sido interrompido repetidas vezes, manteve-se todavia num plano superior, acima de preferências ou diferenças pessoais.

Primeiro eles soam à meia voz, como se fizessem uma amável advertência. Aumentando o clamor, entram em função outras campanhas de maior intensidade. Por fim, se os srs. deputados não querem atender, o senador Melo Viana aciona de uma vez todo o sistema e a casa passa a vibrar como um colégio em hora de recreio.

Tudo volta à ordem... para começar novo "round".

34 ANOS DE CÂMARA

Como nos admiramos de que chegue a tais excessos o "tutti" da numerosa orquestra parlamentar, Manoel Honório Ferreira nos esclarece com a sua experiência:

— Qual... O senhor não viu nada. Pior era no tempo de Seabra e de Pedro Moacir.

E Manoel Honório nos conta um pouco de sua vida. Entrou para o serviço da Assembléia em 1911, como ajudante de "chauffeur", passando no mesmo ano a contínuo.

Era líder da maioria o famoso tribuno

baiano J. J. Seabra, chefiando a minoria o não menos fogoso parlamentar Pedro Moacir.

O mais velho servidor do Palácio Tiradentes, o único que pode fazer concorrência ao deputado José Augusto, em antiguidade, fala com saudade, das campanhas de Pinheiro Machado, da eleição de Wenceslau Braz, a quem ele foi, certa vez, levar uma carta da maioria, consultando sobre a concessão de estado de sítio. Recebeu para a viagem trezentos mil réis e quase nada gastou em Itajubá, onde se hospedou na residência de Wenceslau Braz, já eleito presidente. De volta este ainda lhe deu mais cem mil réis, o que lhe permitiu passar uns dois meses bem folgados.

— Mas o melhor, conclui Honório, é que enquanto eu não regressei, a Assembléia não se reuniu. Foi a única vez que a Câmara dos Deputados, no Brasil, esperou por um contínuo.

Manoel Honório despede-se e retoma o seu lugar na porta do Palácio que dá para a rua D. Manoel.

O QUE É PRECISO PARA FAZER UMA CONSTITUIÇÃO

O reporter volta e passa pelo plenário onde os ânimos já serenaram, depois de acalorados debates suscitados por um discurso do senador Hamilton Nogueira. A sessão está para terminar e, ao que parece, não se fez muita coisa, senão discutir.

Mas é assim mesmo. Uma Carta Magna não se faz somente com direito constitucional, conhecimento de problemas econômicos, justiça social e boa vontade. É preciso, além disso, mate gelado, café pequeno, poltronas macias, muito respeito e um bom subsídio.

O povo sabe que isto tudo sai muito caro. Mas o povo também sabe que: "Ruim com ele, pior sem ele". Por isso, ninguém estrebucha. Mesmo que pense de modo contrário, não tem coragem de levantar o braço em sinal de protesto.

Só os fascistas não gostam de assembleias funcionando. Mas nós estamos falando dos homens...



CASA DE BANHOS — Dois "yankees" resolvem o problema de moradia passando a noite numa casa de banhos. O calor provocado pela vaporização pode ser muito intenso, mas sempre é mais agradável que o frio e a nevasca da rua. Aqui estão os dois moradores da casa de banhos, dirigindo-se ao seu lar, de bagagem em punho.



SOB A BANDEIRA ESTRELADA — Este veterano da guerra, herói de muitas batalhas, continua a viver em sua barraca de campanha. Chama-se ele Jack Maurer e a sua bela e pitoresca vivenda está "construída" num jardim de Camden, em New Jersey. E sob a bandeira estrelada o veterano repousa do labor intenso da luta libertária.

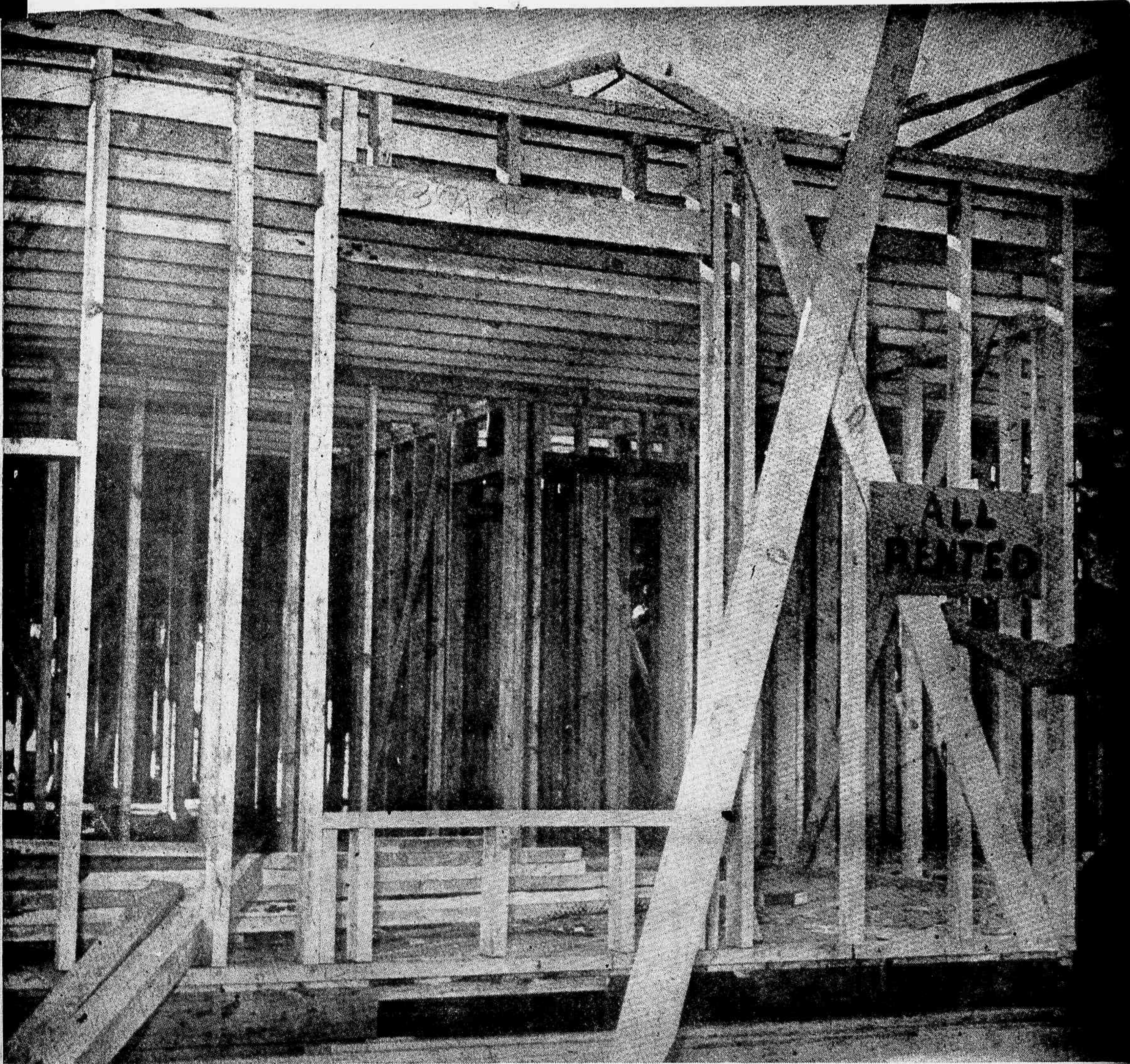
O PROBLEMA DO TETO

SÓBRE QUATRO RODAS — A família Montgomery, de Atlanta, está reunida em sua residência. Esta é um velho automóvel, habilmente adaptado para servir de moradia a todos os membros do clan. Agora, em busca de habitação, eles se dirigem de Atlanta para uma localidade afastada, onde consta haver uma casa vazia e imóvel.



AO MENOS UM ATAÚDE — Um casal americano, cansado de procurar casa, pede pouxada no salão de vendas de uma empresa funerária. Eles precisam dormir, e o farão, ainda que um ataúde lhes sirva de leito. A crise de habitação nos Estados Unidos é tão acentuada quanto a que o Brasil atravessa no presente momento.





ALUGADA — Esta é uma das casas de construção rápida, que os construtores põem em estado de ser habitada no curto espaço de algumas horas. Um operário trabalha no levantamento das paredes, que são seguras por fortes traves de madeira. Ainda não havia chegado ao local metade do material da construção, e já se exibia, preso a uma das traves, um cartaz que explicava: "Alugada". Muitas ilusões se perdem diante desses pedaços de madeira com inscrições em tintas comuns, que enfeitam as construções dos Estados Unidos.

A crise de habitação não é um problema nosso. Não queremos com isto tentar levar consolo aos que lutam pela conceção de um apartamento, de uma casinha ou mesmo de um simples quarto para alugar. Não será o fato de se ter notícia de que também sofrem os outros povos do universo que virá aliviar os nossos sofrimentos.

Cumprimenta, logicamente, que tomemos das soluções tentadas para o angustioso problema em outros países, os exemplos que elas possam nos oferecer, trabalhando também racionalmente para que se solva a crise do lar, tão depressa quanto possível, e possam enfim todos ter um teto para se abrigar.

Nos Estados Unidos, para onde se voltam agora os olhos esperançosos de todos os povos, na ânsia de ver edificar-se o tão anunciado mundo melhor, a crise de habitação está atingindo proporções de calamidade pública. A REVISTA DA SEMANA já teve ocasião de noticiar uma greve individual levada a cabo por uma mulher que, não conseguindo lugar em nenhum hotel de Miami, sentou-se no "hall" de um deles, instalando

num sofá a sua residência provisória. Este fato é sintomático. Vem ele nos dizer claramente o quanto é grande a carestia de casas na terra de Tio Sam e o quanto é vasto o humor americano. Mas, para os que lutam aqui com a falta de teto, nada tem de engraçado a história da mulher que resolveu morar num sofá. Esta é apenas uma das soluções pitorescas que os "yankees" têm dado para o angustioso problema. Muitos outros procuram acomodar-se de qualquer maneira, bem ou mal, dormindo em casas de banho, ou transformando os seus automóveis em residências "confortáveis". Numa cidade de New Jersey, um veterano da guerra, herói de muitas batalhas, armou a sua barraca de campanha num jardim público e instalou a sua residência definitiva sob o pequeno toldo de lona.

Isto são as iniciativas particulares. Mas na América o governo está agindo contra a crise da habitação. E é por isto que, favorecida por facilidades oficiais, cresce e prospera nos Estados Unidos uma nova indústria: a de fabricação de casas pre-construídas.

Esta espécie de habitação, que pode ser



"BLITZ"-CONSTRUÇÃO — Dentro de algumas horas estas casas estarão prontas para serem habitadas. Aí está uma solução prática para o problema da habitação.



edificada em qualquer terreno no espaço de poucas horas, é confortável e obedece aos planos arquiteturais mais diversos. Não há uma homogeneidade completa de estilo, mas as linhas de tôdas elas obedecem a uma determinada norma, pois são tôdas fabricadas

em série, afim de que se satisfaça com a urgência possível nas circunstâncias atuais os pedidos dos milhares e milhares de clientes dessa grande indústria.

Alguns cálculos mais otimistas prevêm para breve a anulação da crise de habitação

nos Estados Unidos, pela edificação de casas pre-construídas. Outros admitem que a solução não virá tão cedo. De uma maneira ou de outra, porém, os americanos se empenham com tôdas as forças em pôr fim à angustiante situação. Por que não os imitamos?

ENGENHARIA NORTE-AMERICANA — Centenas de empresas americanas dedicam-se hoje à venda de casas pre-construídas. O freguês visita os armazéns, escolhe o tipo e o estilo que mais lhe agrada e convenha e manda colocar a sua residência em tal rua, número tal. No dia seguinte muda-se para a nova casa. Na foto abaixo vemos três técnicos em construções desta natureza empenhados no estudo de um projeto. Sobre as mesas da oficina estão empilhadas várias casas a serem instaladas. Estes pedaços de madeira constituem a esperança de muita gente, que espera a solução do problema de habitação pelo incremento das casas pre-construídas.





CONCURSO DA
"REVISTA DA SEMANA"
CLASSIFICADO NO

SENHORITA FRANCINETTI

Conto de
EUTQUIANO REIS

Ilustração de
ARMANDO MOURA

LA por volta de 1929, eu e o meu colega de turma Fernando Guimarães, ambos recém-formados, instalámos modesto escritório de advocacia na cidade de X, tendo por único luxo um telefone e por clientela as nossas esperanças. Vivia Fernando, nessa época, embevecido no que chamava o seu grande problema de amor. Impressionara-o formosa jovem a quem revia nos cinemas e nas igrejas, sem lhe conhecer sequer o nome. E sem dela ter logrado ainda um simples olhar, martirizava-me com as suas conjecturas, na busca de uma interpretação para a indiferença da sua bem-amada. Era jovem, de boa aparência, elegante mesmo. Não teria ainda sido notado ou não correspondia ao tipo ideado pela deidade objeto dos seus cuidados? Estavam as coisas neste pé quando resolvi intervir, mais a bem do

meu sossêgo e, fazendo-o, identifiquei a deusa do Fernando. Era uma deusa mesmo. Além de invulgar formosura, nascera a senhorita... Francinetti em leito de púrpura.

A notícia foi, para o Fernando, um desastre. Muito pobre, tinha mais escrúpulos que ambições. E embora fôsem acreditadas as suas honestas intenções, como poderia pleitear as preferências de u'a moça escandalosamente rica, ele, possuidor de um único terno cinza e que viva com cem mil réis mensais de uma agência de jornais, desde que, uma vez bacharelado, dispensara o auxílio paterno?

Não foi sem esforço que o induzi a prosseguir, com a máxima discreção, usando mesmo do anonimato. E tomados da mesma emoção fizemos a primeira telefonema, o segundo, depois outro e outros mais. O mesmo

chavão: era êle o enamorado anônimo e obscuro, subjugado pelos seus encantos naturais, sem outro desejo que o seu olhar, sem outra ambição que o seu afeto; que receava revelar a identidade, medroso da decepção que pudesse causar, de ser enxotado como um cão que ousou fitar estrêlas.

Foi difícil dela obter a primeira correspondência. Mui delicadamente desligou o fone às primeiras investidas, ponderando não ser próprio a uma senhorita comunicar-se com estranhos. Porém, moça e romântica, não resistiu à exaltação que o Fernando lhe transmitia pelo fio telefônico.

Viveram então o adágio da sonata. Todos os dias, durante uma hora e mais, êle recitava para ela as mais frementes preces de amor e recebia, invariavelmente, a carinhosa súplica para que desvendasse o incógnito.

Certa tarde, como Fernando não aparecesse à hora do costume, e como estivesse eu minuciosamente ao par do que conversavam diariamente, testemunha auricular e assídua que era, ocorreu-me fazer a substituição e tive êxito integral, pois que ela não distinguia o timbre da voz. Repeti os madrigais de todos os dias e era tão envolvente a sua súplica, deixei-me de tal forma arrebatado pela comédia que representava, que lhe prometi: à noite no cinema X, ao qual compareceria ela com os pais, sentar-me-ia na ponta da fila posterior à sua, trajando cinza. Era a primeira revelação. O nome iria depois se o físico não decepcionasse.

Nunca imaginei tão forte fôsse o sentimento inspirado pelo Fernando ao coração da

(Continua na página 52)



DUAS MARTIRES — No cliché acima reproduzimos duas fotografias de vítimas do fanatismo e da paranóia criminoso do marechal Herman Goering, que agora procura inocentar-se perante o tribunal de Nuremberg, tentando desviar a atenção de seus juizes para terrenos diferentes do seu caso. À esquerda, aparece a expressão alegre de uma jovem francesa ao ser libertada pelos Aliados. Ela ainda traz nas faces as marcas de selvageria nazista. À direita, o rosto cadavérico de uma mulher que participou do movimento da resistência subterrânea na França, e foi capturada pelos soldados de Goering

QUANDO GOERING PROCURA ESCAPAR

RECORDAÇÃO DO NAZISMO — Aí estão, como mementos sinistros dos dias negros que cobriram a Europa durante os longos anos do domínio nazista, as fotografias das vítimas dos famigerados camisas negras da polícia de Himmler. Goering deu ordens para que se chacinassem prisioneiros nos campos de concentração espalhados pela Europa ocupada, mas agora tenta se inocentar, procurando convencer aos juizes, em Nuremberg, que não tomava conhecimento das atrocidades cometidas pelos seus asseclas. O mundo não pode esquecer que foram ele e Hitler os autores indiretos dessa bárbara inquisição, que enodou a história do século vinte.





OLHAI ESTES CADAVERES — Os juizes de Nuremberg não podem se esquecer d'êste documento. E diante da prova irrefutável desta fotografia, conseguida por um fotógrafo no campo de concentração de Belsen, ruíram como castelos de cartas todos os argumentos sofistas de Goering. O criminoso número um do nazismo não pode contestar êste tremendo libelo que as fotografias de suas vítimas organizaram contra êle. Esta fossa, onde eram atirados os cadáveres dos homens, mulheres e crianças que a morte colhia diariamente no campo de Belsen, será por certo o laudo descriminativo da culpabilidade do comandante da Luftwafe. Que os seus juizes não se esqueçam disto.

Em suas palavras perante o Tribunal Internacional de Nuremberg, Goering vem se mostrando ora arrogante, ora esquivo, procurando sempre tornar compatíveis a sua dignidade de comandante da Luftwafe com as desculpas rôtas de criminoso sofista.

Em certos momentos, assume a responsabilidade completa de ações bélicas desenvolvidas contra os pacíficos povos da Europa, salientando sempre a sua condição de auxiliar do Fuehrer, a quem serviu sempre com dedicação e obediência.

A quantidade de cartas recebidas pelo marechal de seus milhares de "fans" espalhados por tôda a Alemanha, revelam que êle é ainda um perigo, como um perigo é ainda a semente do nazismo, no interior de cujos cotildões se desenvolvem embriões venenosos de novas místicas sanguinárias. A pseudo-heroicidade de Goering, enfrentando arrogantemente os seus juizes, leva às novas gerações alemãs um estímulo para o prosseguimento da obra iniciada por Hitler e seus sequazes.

E, a par disso, o terrível êmulo do Fuehrer, em mentiras cínicas, vai negando tudo o que possa redundar em propaganda contra o extinto nazismo. Em certos pontos de seus discursos de defesa, insinua que a Alemanha propusera reiteradamente a paz à Inglaterra que, com as recusas em aceitar as condições dos nazistas, teria sido a única culpada da conflagração.

Inquirido sobre o incêndio do Reichstag, negou a sua

participação no "complot" de que resultou o sinistro, insistindo na afirmação irrisória de que o mesmo havia sido provocado pelos líderes esquerdistas da Alemanha prehitlerista.

Finalmente, Goering acusa judeus e democratas, católicos e comunistas dos crimes praticados pelo nazismo em todo o mundo.

Como provas irrefutáveis de suas ações criminosas restam porém ao mundo as fotografias feitas nos campos de concentração que a paranóia de Hitler semeou por todo o III Reich. Aí estão, nítidos e impressionantes, os cadáveres de Belsen, fotografados em todo o horror de suas expressões sinistras, esqueléticas e fantasmagóricas. Que maior libelo contra a figura odiosa de Herman Goering se poderia apresentar em seu julgamento? Que maior prova de seus instintos sanguinários de morfinômano enlouquecido existiria?

É preciso que os juizes do comandante da desumana Luftwafe não deixem que se perca no esquecimento essas fotografias que assombraram o mundo. É mister que não sejam esquecidas as mulheres e as criancinhas mártires da Europa, trucidadas no horror das câmaras de gás e sepultadas no inferno das valas comuns dos campos de concentração.

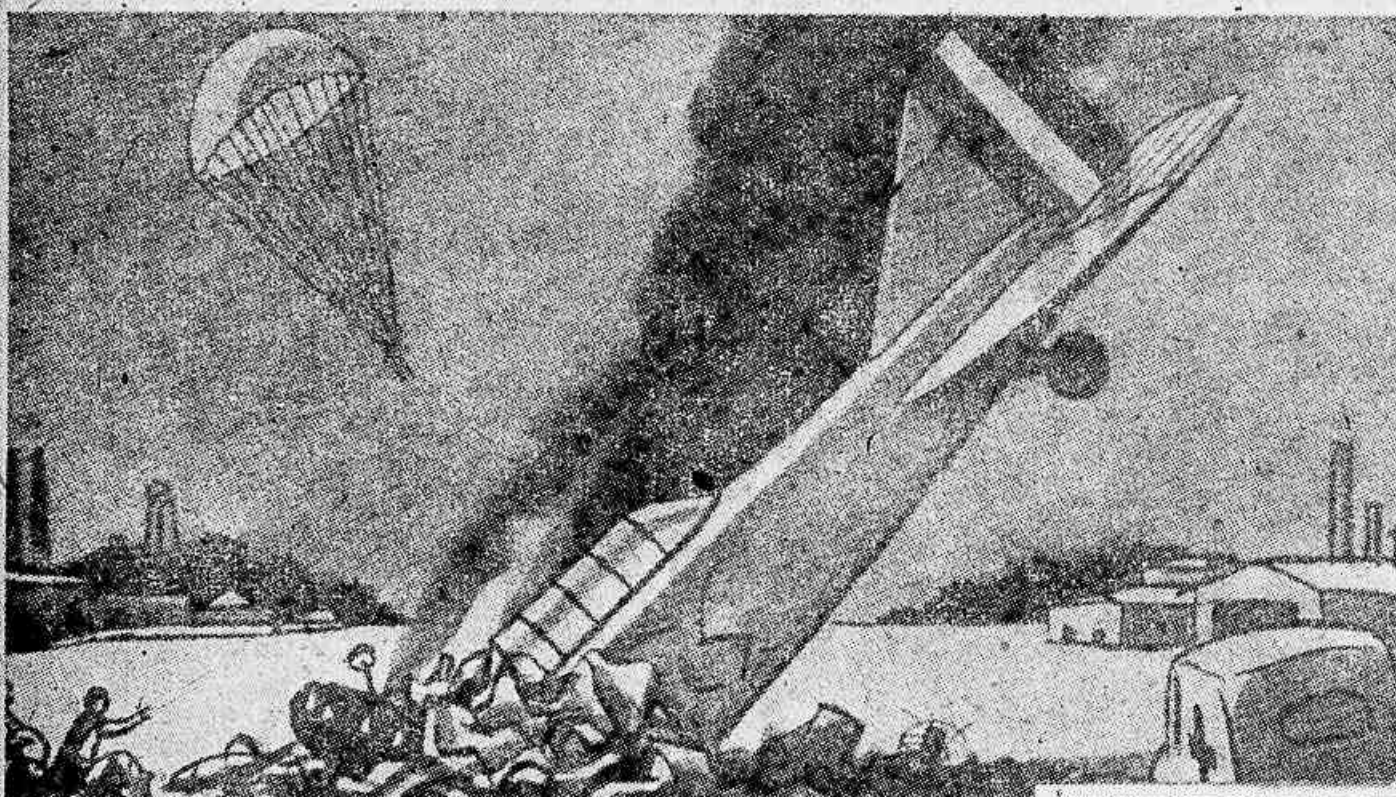
Agora, quando Goering procura escapar, é preciso que não se esqueçam essas expressões de dor e de sofrimento que aparecem nos retratos de suas vítimas...

HERMAN GOERING, O ASSASSINO — Aí está a expressão odiosa de Goering, morfinômano, paranóico e assassino. Este homem chacinou milhares de seus semelhantes, fez a desgraça de vários países. Agora procura inocentar-se. Mas o mundo não acreditará no segundo incêndio do Reichstag.





— O. K., mr. Smith! Quando precisar é só bater o telefone...



— Ora muito bem! Voltemos às nossas pesquisas de novos modelos incendiáveis...



A grande emoção de Joan Crawford

Hollywood, março. (Por Luis Serrano, correspondente da REVISTA DA SEMANA.) — A grande emoção de Joan Crawford, talvez a maior de quantas ela tem conhecido em sua longa carreira, foi a que ela viveu na noite de 6 do corrente. Na ante-véspera, a Warner havia marcado um "appointment" comigo e com Celestino Silveira, que seria apresentado à protagonista de "Humoresque", seu filme ora em preparos nos estúdios de Burbank. Aconteceu que chegando ao departamento de publicidade da Warner, ali nos informou miss Carmen Sanchez, prestimosa redatora do mesmo, ter ficado subitamente enfêrma a querida artista. Logo, porém, corriam rumores nos círculos jorna-



lísticos, quanto à verdadeira razão que teria levado Joan Crawford a essa brusca interrupção em seus trabalhos de filmagem. Pela primeira vez, seu nome estava incluído entre os mais cotados para a eleição da "melhor intérprete feminina do ano", e isto de tal maneira lhe afetou os nervos que, por medida de precaução, a Crawford resolveu ficar em casa. Também na noite de 6 de março, quando muitos milhares de "fans" se aglomeravam nas imediações do Chinese para assistir à entrada dos "astros", e estes ocupavam tôdas as dependências do teatros de mr. Grauman, também ali não apareceu Joan Crawford. Eis por que, quando se divulgaram os nomes dos premiados, e chegou a vez de se mencionar o de Joan Crawford, ela não pôde receber diretamente os aplausos calorosos da assistência. Mas não pensem que a heroína eleita es-

Retida ao leito por súbita enfermidade, que para muitos não passou de simples estado nervoso, Joan Crawford não compareceu ao Chinese, onde se realizava a cerimônia da Academia de Hollywood. Foram seus amigos, em pequeno grupo, à residência da "estrela", para fazer-lhe a entrega da estatueta. E aqui a vemos, em cima, exibindo, feliz, o famoso "Oscar"; no centro, acompanhada por Michael Curtiz, diretor de "Mildred Pierce"; e em baixo, posando para os fotógrafos que tiveram também o privilégio de visitar a eleita de 1946.



the readers of "Densha"
Jan Crawford



Foi com o seu trabalho em "Mildred Pierce", da Warner, que Joan Crawford conquistou o prêmio da Academia. Trata-se de um papel intensamente dramático para o qual a sensibilidade da artista se amoldou maravilhosamente. Depois de alguns anos de ausência dos estúdios, a veterana "estrêla" demonstrou que só por vontade própria ela se absteve de filmar durante esse tempo, e não porque seus méritos andassem abalados. Uma nova fase vem, assim, inaugurar-se na carreira de Joan Crawford, talvez a mais auspiciosa.

tivesse por completo alheia ao acontecimento de tão magna importância para a sua carreira de artista, pois de sua casa, a alguma distância, embora retida ao leito, Joan Crawford realmente acompanhava, pelo seu pequeno rádio de cabeceira, todas as "demarches" da eleição. E deve ter se comovido extraordinariamente, ao ouvir os aplausos que repercutiam, ainda alguns minutos depois,

através do fio, aclamando a eleição da Academia de Artes e Ciências de Hollywood!

Não tardou que um pequeno grupo de convidados, conduzindo a estatueta "Oscar", se transportasse para a residência de Joan Crawford e ali fizesse entrega, à "estrêla", desse glorioso troféu, que tão de direito já lhe devia ter sido ofertado muitos anos antes, pôsto que tantos

e tão admiráveis trabalhos a heroína de "Mildred Pierce" já havia dado ao cinema! No entanto é bem certo o ditado: Antes tarde do que nunca.

E agora, uma novíssima Joan Crawford aqui está encetando sua carreira, vivendo a heroína de "Humoresque", tendo como galã, John Garfield, também nos estúdios da Warner, que lhe proporcionaram esse galardão de 1945.

"Humoresque", refilmagem de um tema que Hollywood já aproveitou em outros tempos, é a nova tarefa artística de Joan Crawford. Sua filmagem foi interrompida pela súbita enfermidade da "estrêla", quando da solenidade no Chinese do Hollywood Boulevard. Aqui estão os primeiros "stills" desse filme, que tem John Garfield como intérprete central masculino, vivendo a parte de um violinista. Acredita-se que Joan Crawford volte a registrar uma vitoriosa "performance" em "Humoresque", para confirmar o êxito de sua "rentrée".



NA TORRE ENVIDRAÇADA

ESCRAGNOLLE DORIA

SERÁ possível descobrir em D. Pedro II um polemista? É, pois o foi e bem originalmente. Por sua alta posição não podia vir à imprensa ou recorrer a qualquer outro meio de publicidade para esclarecer fatos ou rebater acusações injustas à sua sempre tão alvejada pessoa; segundo a Constituição do Império declarada "inviolável e sagrada".

Conhecendo na prática a inocuidade dos dois adjetivos constitucionais, o imperador polemizava, esclarecendo, contestando, rebatendo. Como? Em silêncio.

Tudo quanto, e não pouco, saía de prelos no Brasil Segundo Reinado tomava logo o caminho do paço de S. Cristóvão. E não raro até de maneira vilanaça. Numa das audiências semanais do imperador, alguém lhe entregou, como se fôsse um memorial, certo panfleto ridicularizando o soberano. Mais tarde o ofensor pedia e obtinha ser provido num consulado de relêvo, fiado na generosidade das almas grandes inclinadas ao perdão. Como este exemplo quantos outros exemplos!

"Não tem conta as vezes que o imperador perdoou aos seus inimigos e detractores as injurias e doestos com que armavam popularidade. Esta clemência foi maior e mais difícil porque era de agravo próprio e pessoal."

Testemunho insuspeito de José de Alencar em suas "Cartas de Erasmo", de avesso o testemunho quando o autor das "Cartas" se candidatou a senador pelo Ceará. Rir é próprio do homem, variar também. Mas à luz da verdade o testemunho prevalece a poder de repetidos exemplos bem sabidos.

E' igualmente sabido que se esforçando por não sair de órbita constitucional, sobretudo ao subir da idade mesclada à da experiência, D. Pedro II resistia quanto e até onde podia a ministros por demais partidários e por conseguinte arbitrários.

Conforme Taunay, queixou-se alguém ao imperador de ter sido vítima de ato ministerial injusto. Respondeu o monarca servindo-se de imagem de momento.

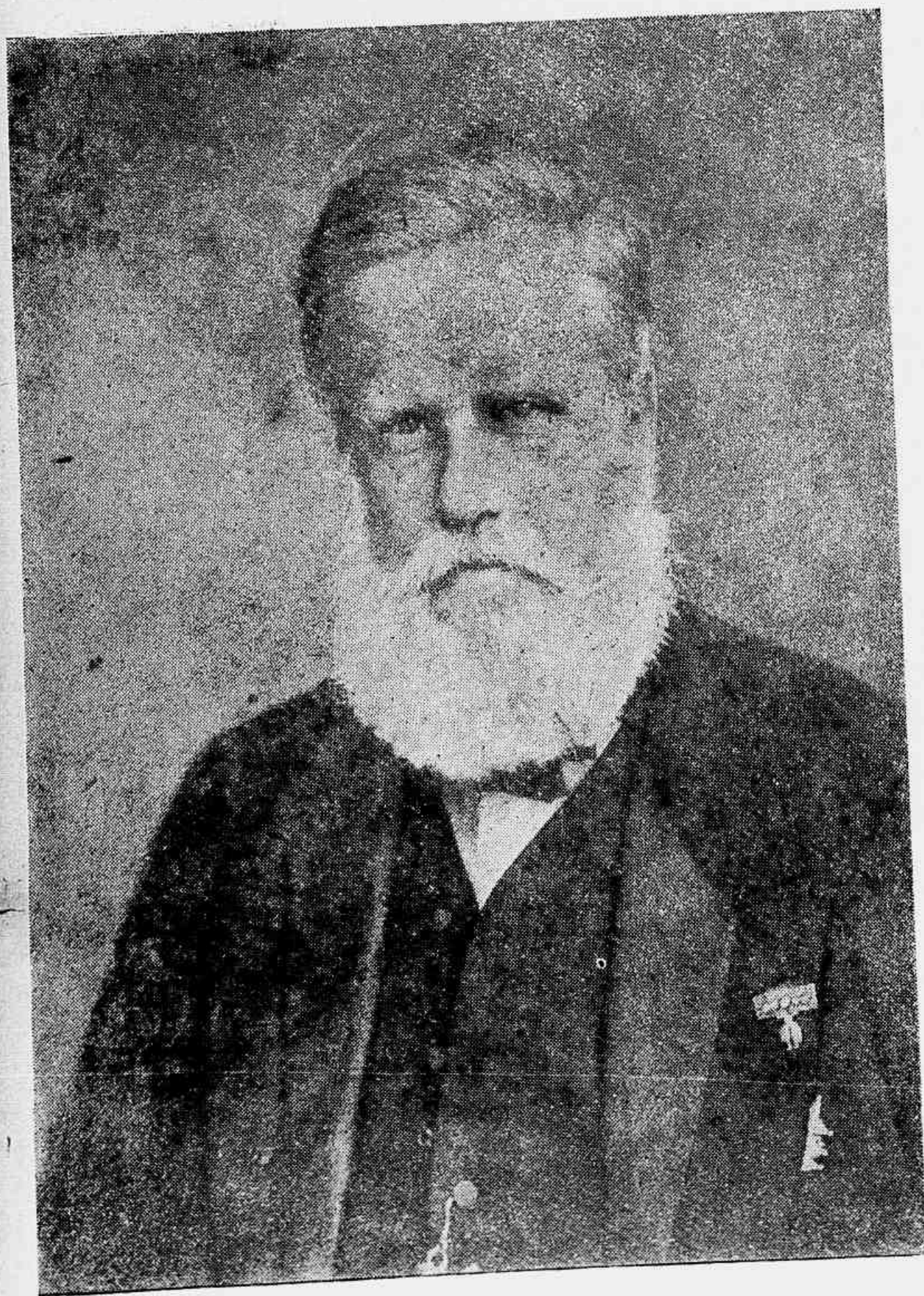
— Figure o Snr. um homem encerrado em torre envidraçada, homem que sem possibilidade sequer de um gesto, vê outrem, mais ou menos longe, ser injustiçado e maltratado. Eis a minha situação.

Um tanto esquecido de conveniências, objetou o reclamante:

— Mas Vossa Magestade quebra os vidros, grita, ajuda, socorre ao sofredor sem motivo abaixo de seus olhos.

O olhar do imperador transluzia habitual serenidade. Por vezes perpassava naquele olhar um quê de tristeza, natural num homem amargurado desde infância.

D. Pedro II em 1885



Com tal olhar respondeu talvez o imperador ao objetante, pessoa que ôle estimava. — Não me é lícito intervir, dei a minha palavra de honra, jurei até, solenemente, não sair jamais dessa aparente indiferença, por mais doloroso que se me tornasse tal constrangimento.

Na torre envidraçada de S. Cristóvão um dos poucos prazeres do imperador era lêr, devorador de livros e opúsculos.

Mas no encêrro da torre, anotando livros e opúsculos, nuns e noutros encontrava ataques à sua pessoa e a atos que lhe eram atribuídos por panfletários.

A sós, apelando para sua consciência, D. Pedro II polemizava com ausentes. Daí haver quem dissesse:

"D. Pedro II lia com meticolosa atenção as obras relativas ao govêrno imperial, e, no silêncio de sua biblioteca, parecia empenhar-se em tremendas discussões com os autores de trabalhos políticos ou históricos, contestando conclusões, defendendo ou explicando a sua atitude."

De tal o mais divulgado exemplo vem a ser a margindália imperial à obra biográfico-política de Tito Franco estudando a personalidade de Furtado.

Em 1885 alcançava a torre envidraçada de S. Cristóvão um opúsculo impresso no Recife. Intitulava-se a brochura "Dados e Factos relativos á historia politica e financeira do Brasil". Acobertava-se o autor, declarando-se "Um Brasileiro".

Acusava este acerbamente o govêrno. Ao lado de cada acusação o lápis do leitor deixou defesa, respondendo ao acusador, que se anunciava contudo partidário do regimen monárquico.

O debate entre o imperador e o Brasileiro principiou logo na entrada do primeiro capítulo do opúsculo, no qual o Brasileiro increpava o soberano por alimentar "certa ambição de glória".

O lápis marginou a página. "Não me accusa a consciência de tal ambição" — respondeu o Brasileiro de S. Cristóvão ao Brasileiro do Recife.

Interrogava este: "Tem a Corôa o direito de impor programmas aos ministerios? Resposta: Não, e jamais o fez".

Nova pergunta: Tem a Corôa o direito de nomear para representá-la no estrangeiro um cidadão condemnado por crime contra a integridade do Imperio?

Desta vez a pergunta gerou outra, impossível no caso de ser respondida.

— Quem? — inquiriu o imperador.

O Brasileiro do Recife perguntava ainda, reportando-se a quase passado, meio século: A proclamação da Maioridade foi feita de accordo com disposições constitucionaes? A pergunta, ingênua ou maliciosa, repisava questão muito mais dirigiável aos liberais de 1840. A História tem cabeças de turco, tais entre nós a Maioridade e o Quero Já.

Entretanto ao "Brasileiro" respondeu o imperador envelhecido pelo imperador menino: Se não fosse inexperiente e não tivesse de ceder aos conselhos dos que respeitava, não annuiria ás solicitações".

Negando o "Quero Já" em resposta à consulta relativa à proclamação da Maioridade, explicava o imperador ao "Brasileiro": Não me exprimi assim (Quero Já) e se disse que preferia immediatamente é porque os que me aconselhavam — eu tinha apenas 14 annos e sempre retirado da sociedade politica — disseram-me que assim era preciso para evitar a desordem".

O autor do opúsculo recifense analisava a situação financeira do Império e dizia: "Oxalá tomasse o nosso augusto soberano pela causa da justa e conveniente distribuição dos impostos o mesmo interesse em favor da causa da libertação dos escravos! Então andaríamos em outras condições e o povo não se queixaria do govêrno e do Parlamento".

Respondeu o imperador: Pois tenho tomado (interesse pela distribuição de impostos) alguma cousa se adeantou á solução por insistencia minha. Sem cuidar do melhor meio da emancipação dos escravos, nada se poderá construir de solido em nosso systema economico".

Referiu-se o "Brasileiro", em certa altura do seu opúsculo, a projeto de revisão constitucional apresentado à Câmara dos Deputados, em 1875, pelo deputado cearense Pristão de Alencar Araripe. O artigo 1.º do projeto estatua que nenhuma crença religiosa serviria de obstáculo ao exercicio de qualquer função politica ou civil no Brasil. À margem do artigo deixou o imperador esta breve nota: "De accordo".

Emitiu o "Brasileiro" a opinião de "ser a religião negocio de consciencia e não estatuto de lei do Estado". O imperador ponderou: "A separação tem graves inconvenientes e pôde soffrer com elles o poder civil".

Aludindo o "Brasileiro" à extinção do Poder Moderador ante quem privativa e constitucionalmente o exercia, exarou o imperador esta nota: "O poder moderador é necessario na constituição ou na pratica. Não se pôde deixar de reconhecer que os interesses politicos mal entendidos tambem o tem corretado inconvenientemente".

Adiantando o "Brasileiro" serem os legisladores do Império "eleitos sob a influencia dos desejos da Corôa", o imperador rebateu a accusação: "Nego, e não o quiz nunca".

Referindo-se o "Brasileiro" a projetos de reforma provincial e municipal, dando maior elasticidade ao Ato Adicional, observou o anotador: "O Affonso Celso tem idéas boas, menos a de uma commissão permanente junto aos presidentes de provincia e outras menos importantes".

O lápis imperial acompanhou o "Brasileiro" em quanto dizia a respeito da situação politica e financeira do Brasil em 1885, a primeira situação sempre ligada à segunda, na prosperidade ou decadência de qualquer povo.

Em 1885 gozava o Brasil de paz interna e de respeito externo. Financeiramente merecia crédito no interior e no exterior, até chegar o papel-moeda a ser preferido à libra esterlina. E com a própria miugalha monetária, o dez réis e o vintem, muita coisa se comprava, sem deixar de haver quem achasse "o país à beira do abismo", propondo-se a tirá-lo dali com facilidade.

M E D O

— O senhor deseja mais alguma coisa?

Com um gesto bem estudado de cansaço e desânimo, ele respondeu:

— Não. Obrigado. Pode ir.

Mas a criada não parecia disposta a deixá-lo.

— Observa-me, pensou ele. Terá notado alguma coisa?

Tolice! Era impossível descobrir que ele... Voltou-se para Ana e disse:

— Sei que você quer fazer tudo o que puder, Ana, e agradeço sinceramente a sua solicitude, mas agora desejo somente estar só.

— Sim, senhor.

Sem mais uma palavra, ela retirou-se em silêncio. Ele expandiu-se. Abandonou imediatamente a pòse de acabrunhamento e espreguiçou-se, lentamente.

— Livre!

Murmurou a palavra baixinho, porém com infinita alegria. Livre, enfim! Nunca mais! Nunca mais as queixas, as recriminações; nunca mais os aborrecimentos! Daquele dia em diante, ele estava livre da presença opressora da esposa. Enquanto o caixão estivera dentro de casa, ele ainda sentia um certo embaraço, um certo constrangimento, porque aquele esquife de madeira escura lembrava seu crime. Mas depois de enterrada a esposa desaparecera. A terra que a cobrira parecia ter acabado definitivamente com a sua pessoa. Nada mais. Nunca mais. E, agora, a liberdade.

Novamente Ana? Ouvia passos no corredor. Imediatamente correu para a cadeira e sentou-se, com a cabeça entre as mãos, em pòse compungida.

— Eu vim perguntar ao senhor se quer o jantar mais cedo...

— N... não estou com fome.

Admirou a si mesmo pela segurança e habilidade com que dava aquele tom amargurado à voz.

— Coma alguma coisa.

O tom da empregada era respeitoso e, ao mesmo tempo, insistente. Mas aquela solicitude aborrecia-o. Despedi-la-ia com uma boa indenização.

— Escute, Ana, hoje eu não tenho ânimo para nada. Não quero jantar...

— Não tenha medo...

Medo? Medo por que? Que queria ela dizer?

— Eu? Medo?

— A comida não tem nada... Está limpa, bem temperada. Não há perigo. Eu mesma a fiz.

— Que quer você dizer com isso? Que está insinuando?

— Digo simplesmente que a comida está limpa... Não tem veneno.

Tudo no mesmo tom de voz, tranquilo, velado e baixo. Um sorriso desagradável brincou no rosto da criada, mas a atitude continuava a ser de respeitoso acatamento. As palavras, contudo, desmentiam a pòse. Ela sabia! Ela sabia de tudo...

— Ana, nós precisamos pôr isso em pratos limpos. Que quer você dizer com essa observação?

— Nada mais, nada menos do que o que disse.

— Ana, o melhor é mesmo não termos contemplações e falar abertamente. Você está me acusando de ter envenenado minha esposa?

— A dedução fica por sua conta. Mas talvez tenha sido isso, sim. Envenenou-a.

Gotas de suor brotaram na testa de Walter.

— Não!

Ana sorriu novamente:

— Nesse caso nada tem a receiar. Uma denúncia... Um exame post-mortem no cadáver... Nada disso pode prejudicá-lo. **Nem mesmo meu testemunho.**

— Seu testemunho?

— Sim. Coisas de criada. Coisas que a gente ouve. Coisas que a gente vê. Conclusões que a gente tira.

— Você está sendo muito vaga...

— Quando falar com a polícia serei mais explícita.

— Mas...

— Com licença.

Antes que ele pudesse pronunciar uma palavra, retirou-se. Walter precipitou-se em seu encalço.

— Ana!

Como ela sabia fingir! Que maravilha de respeito! As mesmas maneiras sérias e tranquilas.

— O senhor chamou?

— Ana! Explique-se. Que pretende você? Quanto quer?

— Não quero muito.

Sua voz adquirira uma estranha nota de veemência. Era como se ela estivesse desdo-

brando um plano longamente pensado, cuidadosamente arquitetado.

— Quero viver tranquilamente. Aqui nesta casa mesmo. Ter bastante dinheiro para frequentar o cinema, que há muito tempo não frequento. Comprar livros, romances, porque gosto de lêr. Quero ser como que dona desta casa. Ganhar bem. Em troca disso, estou disposta a continuar oficialmente como sua empregada... e a guardar o seu segredo.

— Você está exigindo de mais. Se quiser uma pequena soma, com a condição de desaparecer da minha vida...

— Uma pequena soma paga-se por um pequeno crime. O seu foi grande — foi homicídio; e a pena é a morte. Quanto valerá a sua vida?

— Não adianta exigir mais do que eu posso dar.

— Por isso mesmo me con-

tento com pouco. Não peço somas grandes. Um ordenado bom, simplesmente. E nada me impedirá de realizar o meu sonho, compreende?

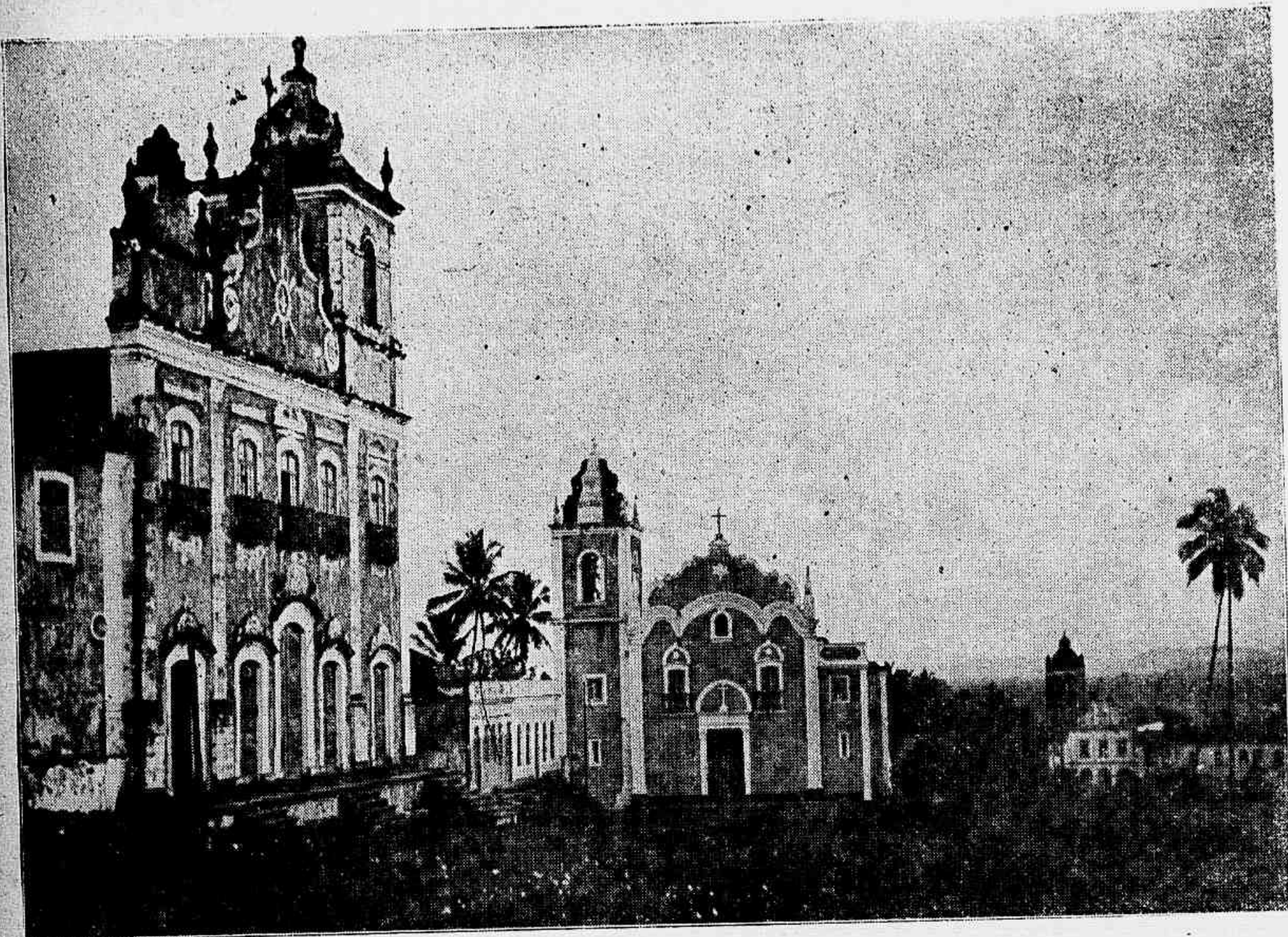
Seria ilusão ou ele percebeu um vislumbre de selvageria na expressão cuidadosamente contida de Ana?

— O senhor não sabe o que significa esperar. Esperar a grande oportunidade de sua vida e subitamente ver aparecer o momento propício. Terminada a escravidão. Terminada a submissão. Agora eu quero dominar.

(Continua na pág. 47)

Conto de
W. W. JACOBS





COISAS DO BRASIL

Não fôra a uniformidade homogênea e monótona dos arranha-céus quadrados, ainda assim teríamos sempre afluído às nossas praias e às nossas montanhas multidões de turistas estrangeiros, em busca de paisagens novas e novos horizontes, que o Brasil é tão pródigo em lhes oferecer à vista encantada.

Pelos píncaros da Mantiqueira, pela vegetação verde e cerrada das caatingas nordestinas, pela planura dos pampas vastos há sempre, em cada detalhe, um motivo de encantamento e uma nota de poesia.

Vejamos, por exemplo, esta vila de Iguaraçu, trancada no fundo de Pernambuco. Que manancial de inspiração para os poetas românticos! Que maravilhoso motivo para as telas dos paisagistas! Dêste maravilhoso lugarejo são as fotografias que reproduzimos nesta página, e que nos mostram dois aspectos diversos da vila. Ao alto, o largo central da comunidade, vendo-se em primeiro plano a capela do Recolhimento do Sagrado Coração de Jesus, e, ao fundo, a Igreja dos Santos Cosme e Damião, que dá nome à freguesia. Em baixo, a entrada da vila pela parte norte. Um caminho emoldurado por brancas casinhas e, ao fundo, como outras tantas notas de beleza, a presença alegre das igrejas brancas.



Nos ★ bastidores femininos

CUIDADO com as "últimas sensações" da moda, minha amiga... Cuidado, porque os resultados poderão ser justamente opostos aos que você possa esperar... Há criaturas que se lançam entusiasmadamente às inovações que surgem, "melhorando" tudo com o seu otimismo e sem o cuidado de verificar: primeiro, se as tais inovações vão se adaptar ao seu físico; segundo, se estão em idade de adotá-las.

Estamos numa época em que é preciso cuidado, muito cuidado, pois três grandes centros disputam a primazia da elegância mundial e, como consequência, procuram lançar as coisas mais bizarras e extravagantes afim de chamar a atenção das mulheres de todo o mundo, ávidas em novidades e mais ávidas ainda em se tornarem belas.

Enquanto Londres ainda apresenta linhas suaves, ombros ligeiramente arredondados, mangas drapeadas, blusas do "lingerie" com "jabots" de renda, Paris apresenta uma profusão de capotes militares, de "toilettes" onde a abundância de panos faz-nos crer que procura-se uma "revanche" ao racionamento que até então existia sobre os tecidos.

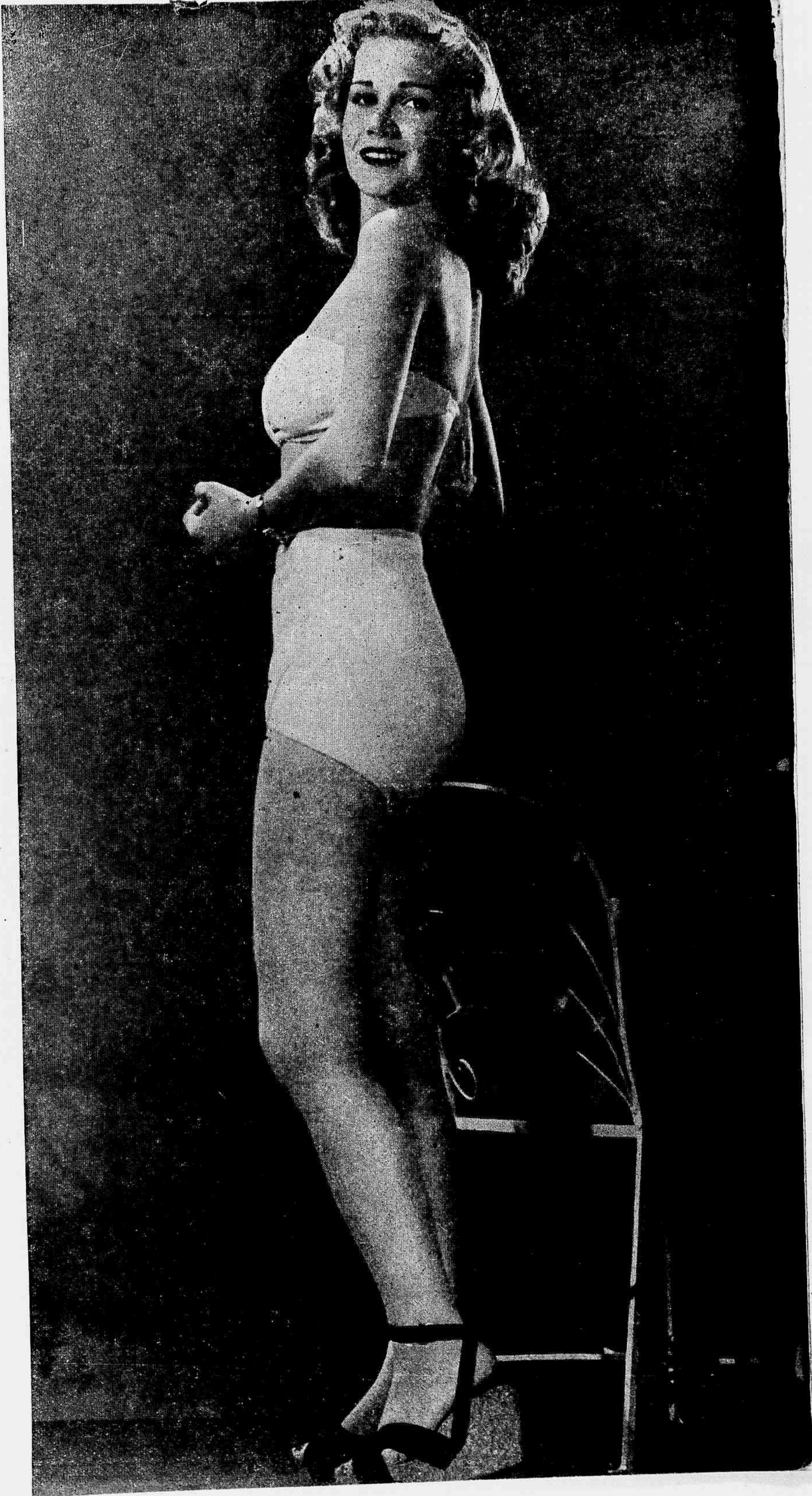
Quanto a Nova York, ainda predomina a linha juvenil, de coloridos vivos e de inspiração mexicana, usando-se muito saias pretas com blusas em cores vivas.

Num ponto estão os três centros de acordo com o decote. Este é muito maior do que o que se usava nas estações anteriores, predominando o decote arredondado. Londres apresenta vestidos para a noite, de mangas compridas, porém com decotes bastante acentuados; o mesmo acontece com Paris. Não esqueça, no entanto, que para usar tais decotes é preciso possuir um colo bonito e bem cuidado, pois não há nada mais horrível do que um rosto com "pan-cake" e um pescoço cuja cor destôe inteiramente.

Trate do colo e do pescoço com o mesmo cuidado que trata do rosto e então, minha amiga, você estará pronta para usar os modelos que Londres, Paris e Nova York estão lançando e fazer furor junto às suas "amiguinhas"...

Kitty

MARION CARR (RKO)



Modeli

1 — E' sem dúvida de grande elegância este modelo que Paris nos manda. Confeccionado em c
plissada e as mangas japonesas prequeadas. O "plissé" na frente é apanhado por cas

2 — E' de fato maravilhoso este modelo-apresentado por Jinx Falkenburg, da Columbia, que
que, apesar de passados os vinte anos, conservam um arzinho juvenil. O modelo é feito em "la
ao redor do bordado. Faixa de veludo preto, com nó e duas y-tas

3 — Dianna Lynn, "estrelinha" da Paramount, apresenta-nos aqui um gracioso modelo-para a
mesma côr. A blusa tem talhe alto, mas para "compensar" tem nas costas um grand

4 — Irene, famosa modista de Hollywood, foi buscar no Oriente a inspiração para este l-
Lucille Ball, "estrela" da Metro. O pijama é executado em pesado crepe branco, transpassado n
e uma faixa larga do mesmo tecido, com tiras de vidrilhos de côres vivas que termina e
Calças prêsas aos tornozelos.



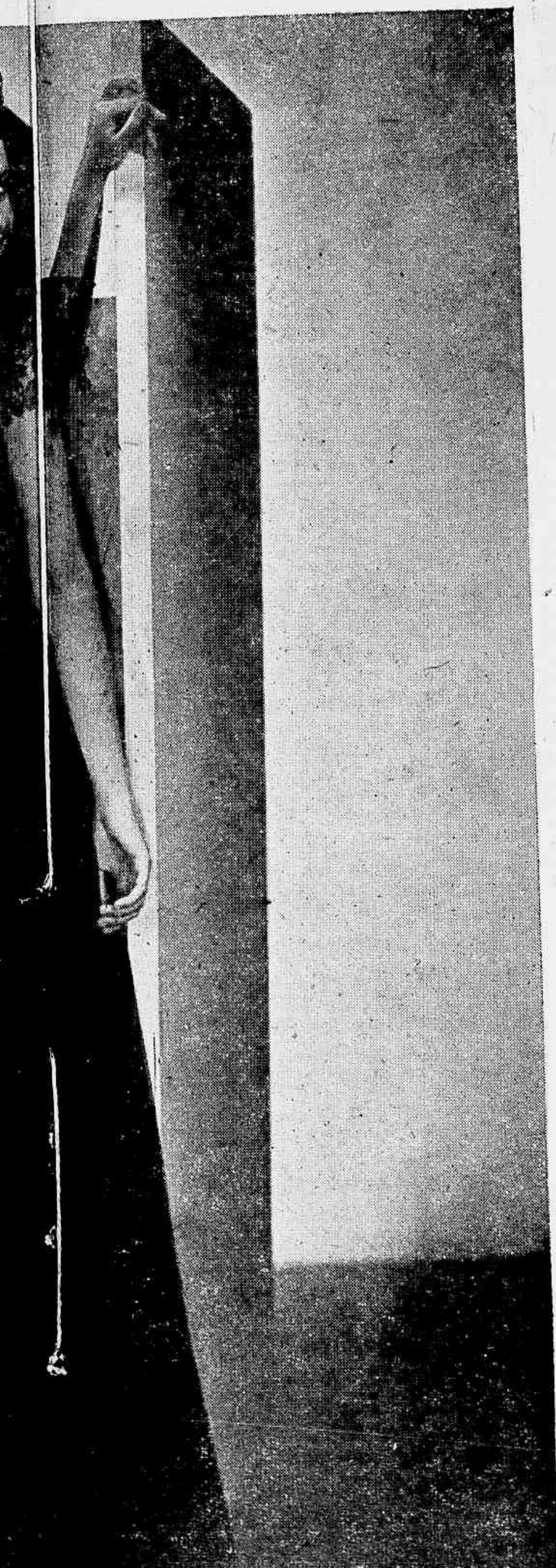
ilos

do em crepe cinzento, tem a frente inteiramente
or das de "roulouté", formando losangos.

a, que recomendamos às mocinhas, ou àquelas
o en "laise" branca, com babadinhos de organza
as caídas.

para a noite, feito em renda preta e tule da
m grande decote. Saia bastante ampla.

e luxuoso pijama usado pela interessantíssima
assado na frente e talhe alto, mangas "kimono"
termina em duas pontas longas na frente.



A HEROINA DE HOLLYWOOD QUE O CINEMA DESCONHECE

AVENTURAS E PERIPÉCIAS POR QUE PASSOU EM NATAL UMA DESTEMIDA JOVEM DE HOLLYWOOD — O LIVRO QUE ALGUM DIA SE CONVERTERÁ EM UM FILME PASSADO NO BRASIL — SE NÃO FOSSE O 29 DE OUTUBRO, OUTROS CAPÍTULOS SERIAM VIVIDOS NO RIO

CELESTINO SILVEIRA — Enviado especial da "REVISTA DA SEMANA" aos Estados Unidos

Hollywood, março. — Acreditem ou não, tudo quanto vamos contar, aconteceu em Natal. Logo de início aí está o título que poderia ser dado a um filme onde as aventuras de miss Violet Kinney fôssem narradas:

"Aconteceu em Natal". Ela, porém, quando resolveu passar para o livro essas peripécias, deu-lhe outro nome: "Eu vi Natal". Para miss Kinney a capital do Rio Grande do Norte ficou sendo alguma coisa de fascinante,

Miss Violet Kinney, a heroína do episódio autêntico relatado nestas páginas, aqui está mostrando-nos o seu sorriso de moça americana disposta a viver novos capítulos e aventuras em rincões brasileiros. Ela está concluindo o seu livro de impressões durante a viagem ao norte do Brasil, livro que se denominará "Eu vi Natal", e do qual também aqui reproduzimos algumas passagens.

repleta de episódios sensacionais e de muitas emoções. Talvez o giro que vimos empreendendo à América do Norte, não constituísse para ela acontecimento de tanta envergadura dramática, quanto a sua excursão ao norte do Brasil.

O caso passou-se assim. Certo dia, pelos fins de agosto último, Violet Kinney resolveu empreender por própria conta e risco uma viagem ao Rio. Mas quem é Violet Kinney? Uma jovem de vinte e dois anos, de olhos claros e cabelos castanhos, de porte fino e um sorriso perene abrindo-lhe os lábios que mostram uma dentadura perfeita, nascida em Vermont, de pai norte-americano e mãe francesa. Sem qualquer ligação com o Brasil e os brasileiros, desde menina tomou-se de amores pela nossa terra. Conheceu, em tradução, livros que lhe relatavam episódios da nossa história, filha de pai músico, travou relações com os motivos harmoniosos brasileiros que a deslumbravam. Pintora por temperamento, cresceu sonhando com uma viagem ao Brasil onde esperava encontrar cenários e figuras absolutamente novos para reproduzir em suas telas. Como toda a boa americana, possuía seu "pé de meia" e, afeita à educação da terra, nada havia de estranho que embarcasse sozinha. Morando aqui em Hollywood, no coração do cinema, jamais se interessou pelos estúdios nem dá um passo para ver de perto a cara de qualquer "astro" por mais notável. Sua fascinação é a viagem ao desconhecido, à terra inédita.

Para tomar o avião em Miami, no dia 16 de setembro, com a falta de transportes da Califórnia à Florida, meteu-se no automóvel da família — o automóvel, aqui, faz parte integrante dos trastes, não é luxo — e fez acompanhar-se dos pais, mas só até Miami. Lá obteve maneiras de participar da tripulação de um avião militar e rumou com destino à nossa terra, convencida que, uma vez em Natal, facilmente encontraria outra condução até o Rio. Mas a primeira surpresa a esperava, pois o Norte vivia então, mal terminada a guerra, inteiramente separado do Sul. A estrada de rodagem ainda está para ser aberta, e trem... Não vê que existia!

Que fazer nessa contingência? Voltar para a América em outro avião-transporte militar? Não era papel para a jovem sobrinha de Tio Sam, sujeitando-se ao que, a seus olhos, constituía uma derrota. Contou as economias. A passagem havia sido grátis. Tinha de seus, aproximadamente quinze mil cruzeiros. Comprou um automóvel usado, em Natal, alugou uma casa pintada com as cores da bandeira "yankee" em sua homenagem, contratou os trabalhos de uma pequena e de um rapaz, e deu largas ao seu espírito de aventura. Inutilmente, aqui de Los Angeles, o casal Kinney suplicava à filha que voltasse, quando ela cada dia mais se integrava no "habitat" de Natal, deslumbrando-se com a sua gente, seus usos e costumes.

Mas o que aconteceu então, senhores! Toda a sorte de episódios possíveis e imaginários se desenrolaram, dos quais miss Violet Kinney foi a protagonista.

Conquanto as autoridades militares americanas a considerassem hóspede do seu governo, a nova amiga do Brasil emancipou-se, passando a viver mais com os norte-riograndenses. Daí, naturais incidentes criados pela sua incondicional aproximação com os nativos. Todo o controle tentado pelos "yankees"





Um flagrante da escritora norte-americana feito em Natal, quando ali se encontrava e vivia os episódios evocados nesta reportagem, e que ela própria descreve em seu livro ora em preparo. Banhando-se nas águas de Natal, miss Violet Kinney aguardava uma passagem marítima ou aérea para o Rio, que ela não chegou então a visitar.

foi em pura perda, diante dos recursos estratégicos da heroína que Hollywood, aqui dentro, jamais conheceu e continua ignorando.

Durante seis semanas, miss Kinney aderiu à vida de Natal, percorrendo no seu carro pre-histórico, ou a pé, os bairros ricos e pobres da cidade, desde Ponte Grande a Hora e até ao agitado Alecrim, que ela comparou a Montmartre em Paris, Greenwich Village em Nova-York ou Kasbah em Argélia. De uma feita, as autoridades americanas, tendo estalado o movimento de 29 de outubro no Rio, a aconselharam a permanecer sob seus domínios. Rebelde, protestou, mas assim mesmo viu-se fechada em um aposento de reduzidas dimensões. Não teve dúvidas, pulou a janela e palmilhou a estrada ao anoitecer. Veio a noite fechada, os pés estavam doloridos, fazendo-a sofrer bastante, enquanto patrulhas americanas a rebuscavam pelos mais distantes lugarejos. Ela, porém, insistia em transferir-se para o setor brasileiro, onde morava. Nas trevas da estrada, deparou com um grupo de soldados a quem pediu proteção, sob qualquer pretexto. E foi misturada com dezessete caboclos de Natal, em uniforme, no mesmo caminhão onde eles viajavam, também de "kepi" militar, com os cabelos repuxados para a nuca, que conseguiu burlar a vigilância dos próprios patrícios.

De outra vez, convidada para um baile simplório da gente do campo, ali viu-se impedida de entrar porque os responsáveis pela festa queriam sem dúvida evitar complicações com os americanos. Tanto bastou para que os participantes masculinos do baile se retirassem. A festa interrompida, obrigou os promotores a solicitarem que, nesse caso, o ilustre turista os honrasse com a sua presença. E só assim recomeçou, embora a nossa heroína se visse na obrigação de dançar com todos, mas absolutamente todos os solidários com a sua pessoa. Formaram-se filas para tomar a vez na dança, e sem dúvida nessa noite os pézinhos de miss Kinney cansaram-se mais que por ocasião da fuga do acampamento "yankee".

Um grupo de marujos nativos, então, a convidou para um passeio marítimo. Ela aceitou, mas arrependeu-se quando, chegando à praia, viu o estilo da embarcação. Era nada menos que uma jangada, sem qualquer proteção para quem não estivesse acostumado a navegar por esse processo. Mas Violet não se deu por achada e lá foi, águas acima, escondendo a sua apreensão, agarrando-se ao mastro, soltando gritinhos nervosos que muito divertiam os pescadores... Apareceram tubarões, o mar encapelou e foi preciso amarrar a jovem americana ao tronco. Ainda



Mas a "heroína de Hollywood que o cinema desconhece" é também pintora. Ela maneja os pincéis com rara habilidade, reproduzindo na tela bonitas expressões de animais, como se pode ver na gravura acima. Muitas ilustrações de sua autoria, fixando aspectos pitorescos de Natal e de sua gente, estão sendo desenhadas para seu livro "Eu vi Natal".

assim ela nos confessa, agora, que muito se divertiu, conquanto não se disponha a repetir a proeza.

Mulheres e crianças fizeram-se logo seus melhores amigos. Todos a cercavam de atenções e cada qual timbrava em oferecer-lhe um divertimento melhor. Certo rapaz, sem outra coisa para homenagear a sua grande amiga, "plantou uma bananeira" e ficou de pés para cima, infinitamente. A gente pobre dos bairros humildes de Natal recebia a visita de miss Kinney com assiduidade, e no dia de sua volta, foi uma peregrinação comovente, à que ela assistiu, rumo ao aeroporto.

Nesse meio-tempo, sob o pretexto da revolução no Rio, cujas notícias chegavam a Natal pintadas com as mais tenebrosas cores, houve quem demovesse miss Kinney de prosseguir viagem até o Rio. E receiando que de fato se registrassem acontecimentos dramáticos, ela decidiu atender aos apelos da família, tomando lugar em outro avião militar, em fins de novembro.

Mas chegando a Hollywood revoltou-se sabendo que tudo não passara de exagero para assustá-la. Era tarde, e recomeçar a viagem não seria fácil. Ainda aqui, porém, chegaram

(Continua na pág. 52)

UM ARTISTA DO TRAPÉZIO

Conto de

FRANZ KAFKA

UM artista do trapézio — como se sabe, esta arte que se pratica no alto das cúpulas dos grandes circos é uma das mais difíceis de todas as exequíveis pelo homem — havia organizado sua vida de tal maneira que — primeiro por afã profissional de perfeição, depois por um hábito que tinha se tornado tirânico — enquanto trabalhava para o mesmo patrão, permanecia dia e noite no trapézio. Todas suas necessidades — por outro lado, muito pequenas — eram satisfeitas por criados que se revezavam e ficavam, em baixo, vigiando. Tudo o que se necessitava em cima era levado e trazido em cestinhos construídos especialmente para aquele fim.

Dessa maneira de viver não resultavam para o trapezista dificuldades especiais com o resto do mundo. Era somente um pouco

conversavam longamente. Os operários que consertavam o teto trocavam algumas palavras com ele através da clarabóia, ou o electricista que verificava os fios na galeria mais alta gritava alguma palavra respeitosa, se bem que quase ininteligível.

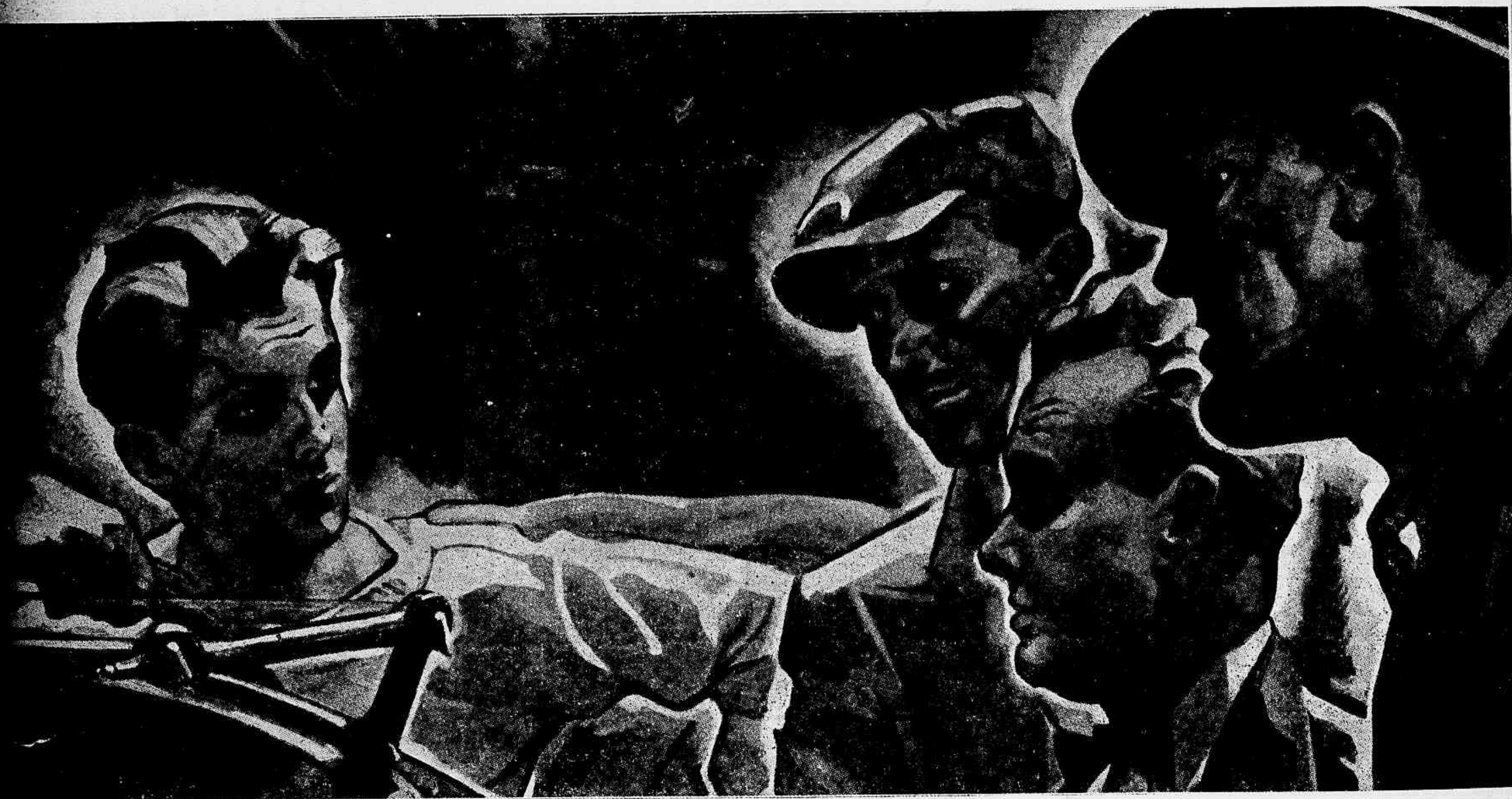
A não ser nessas ocasiões, estava sempre só. Às vezes, um empregado errando na hora

antes de serem cerradas as tábuas e colocadas as portas. Para o empresário o momento mais agradável era aquele em que o trapezista apoiava o pé na corda de subida e ia se acomodar novamente em seu trapézio.

Apesar de todas essas precauções, as viagens perturbavam gravemente os nervos do trapezista; de modo que, por melhores que fossem, economicamente falando, para o empresário, sempre lhe resultavam penosos.

Uma vez em que viajavam, o artista no seu pôsto, sonhando, e o empresário perto da janela, lendo, o homem do trapézio interpelou-o suavemente. E disse-lhe, mordendo os lábios, que daquele dia em diante necessitava, para viver, não um trapézio, como até então, mas dois, um em frente do outro.

O empresário acedeu imediatamente. Mas o trapezista, como se quisesse demonstrar que



incômodo para os demais números do programa, porque não se podia ocultar que ficara lá em cima, se bem que se mantivesse quieto, alguns olhares do público se desviavam para ele. Mas os diretores perdoavam-no porque era um artista extraordinário, insubstituível. Ademais, sabia-se que não vivia assim por capricho e que só daquela maneira podia estar perfeitamente em forma e conservar a extrema perfeição de sua arte.

Além disso, lá em cima ele ficava muito bem. Quando, nos quentes dias de verão, se abriam as janelas laterais que havia em redor da cúpula, e o sol e o ar irrompiam no âmbito crepuscular do circo, era até belo. Sua convivência humana era muito limitada, é claro. Às vezes trepava pela corda de ascensão algum colega de "tourné", sentava-se a seu lado, no trapézio, apoiado um na corda da direita, outro na da esquerda, e

da sesta pelo circo vazio elevava o olhar à quase atraente altura em que o trapezista descansava ou se exercitava em sua arte, sem saber que era observado.

Assim, poderia viver tranquilo o artista do trapézio a não ser pelas inevitáveis viagens de um lugar para outro que o importunavam enormemente. Certo é que o empresário tratava de abreviar esse sofrimento.

O trapezista era conduzido à estação num carro de corridas que ia de madrugada pelas ruas desertas a toda velocidade; demasiado lento, entretanto, para sua nostalgia do trapézio.

No trem estava preparado um lugar especialmente para ele com uma substituição mesquinha — mas de algum modo equivalente, de sua maneira de viver.

No local de destino, já estava armado o trapézio muito antes de sua chegada, mesmo

a aceitação do empresário não importava mais que sua oposição, acrescentou que nunca mais, em nenhuma ocasião, trabalharia unicamente sobre um trapézio. Parecia horrorizar-se diante da idéia que isso lhe pudesse acontecer alguma vez. O empresário, detendo-se e observando seu artista, reiterou sua absoluta conformidade. Dois trapézios é melhor do que um. Por outro lado, os exercícios seriam mais variados e mais vistosos.

Mas o artista, de repente, pôs-se a chorar. O empresário, profundamente comovido, levantou-se e perguntou o que havia. E, como não recebesse resposta, subiu para perto do artista, acariciou-o, abraçou-o e encostou seu rosto no dele, até sentir as lágrimas em sua pele. Depois de muitas perguntas e palavras carinhosas o trapezista exclamou soluçando:

(Continua na página 51)

Por BEVERLEY BAXTER

Copyright do B. N. S., especial
para a REVISTA DA SEMANA

O teatro nunca apresentou tantos temas circunstanciais como o cinema, mas o teatro londrino atravessa no momento uma fase em que está sendo aproveitado grande número de assuntos de atualidade. Estão sendo exibidas duas peças focalizando o tema do marido que regressa ao lar após ter servido a pátria nas linhas de frente. Também está sendo representada uma comédia que se passa em um hospital de restabelecimento atrás das linhas de combate da Birmânia, e em outro teatro está sendo levado à cena um drama sobre um soldado que, ao voltar para os braços de sua noiva, verifica que ela não mais o ama.

As quatro peças estão assinalando verdadeiro sucesso, mas, como me disse Noel Coward após a primeira exibição de sua nova revista "Sigh no More", "é impossível escrever uma peça que seja um fracasso atualmente".

A afirmação de Mr. Coward não deixa de ser verdadeira. A sua peça "Blithe Spirit" está no quinto ano de representações. A peça importada dos Estados Unidos — "Arsenic and Old Lace" — atravessa o seu terceiro ano de exibições. O mesmo acontece com a revista "Sweeter and Lower". E existem muitas outras peças com dois anos de representações.

Mr. Edward Percy, que além de ser teatrólogo é um dos membros do Partido Conservador do Parlamento, escreveu uma peça desprezível, "The Shop at Sly Corner", que ele espera se mantenha dois meses em cartaz. A peça foi apresentada no St. Mar-

(Continua na pág. 49)

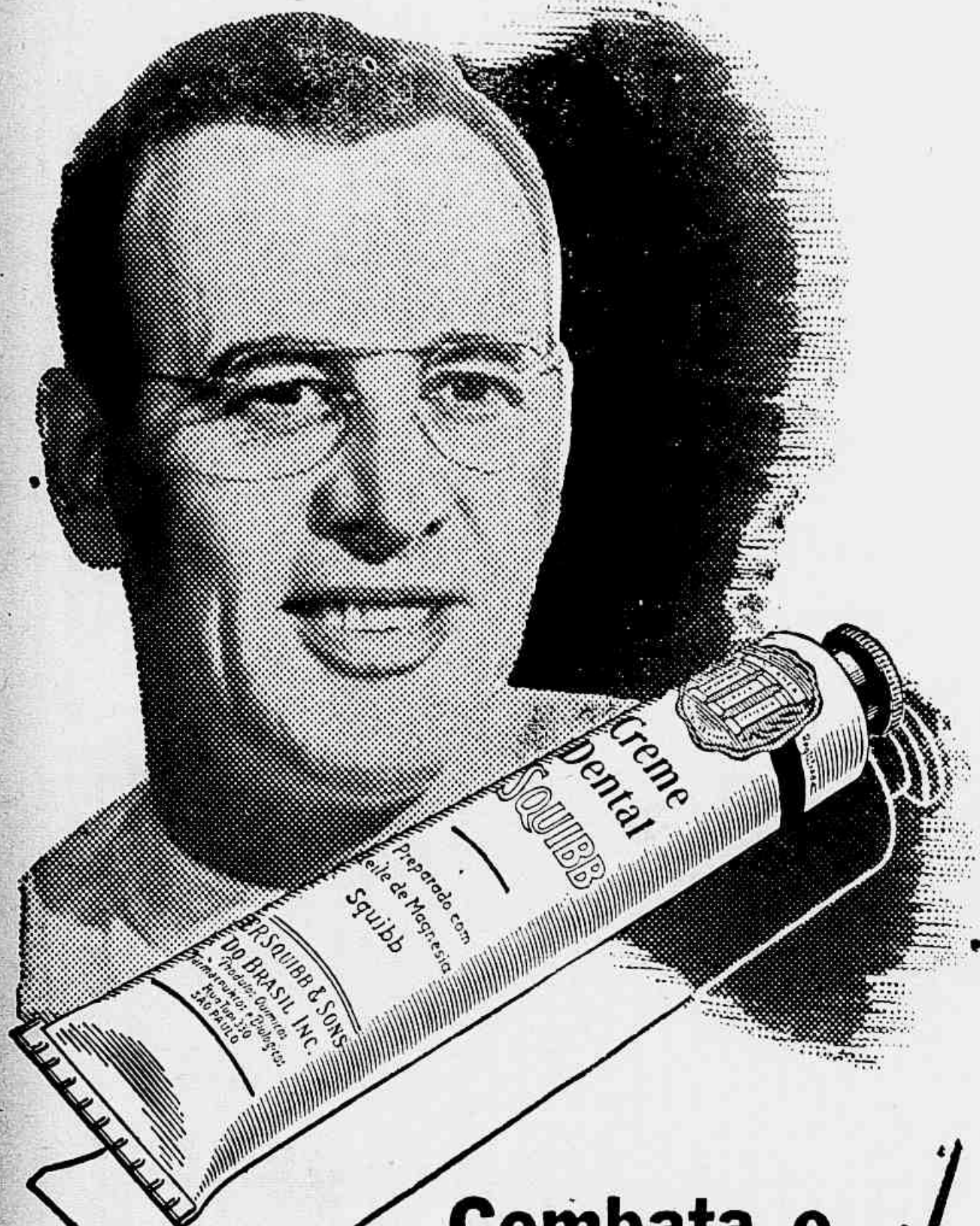


Cena da peça "Young Mrs. Barrington", em exibição no Winter Garden Theatre de Londres.

O MOVIMENTO TEATRAL EM LONDRES

A fotografia mostra-nos uma das cenas de "The Hasty Heart", que vem obtendo grande sucesso no Aldwych Theatre de Londres.





Combata o

Inimigo Invisível!

O mais traiçoeiro dos inimigos dos seus dentes não é visível. É a acidez bucal de origem bacteriana. Esse "Inimigo Invisível", que age noite e dia, secretamente, pode atacar o esmalte dos seus dentes e causar cáries. Para auxiliar no combate à acidez de origem bacteriana, você deve limpar os dentes pelo menos duas vezes por dia. Mas faça questão de usar o dentífrico certo — o Creme Dental

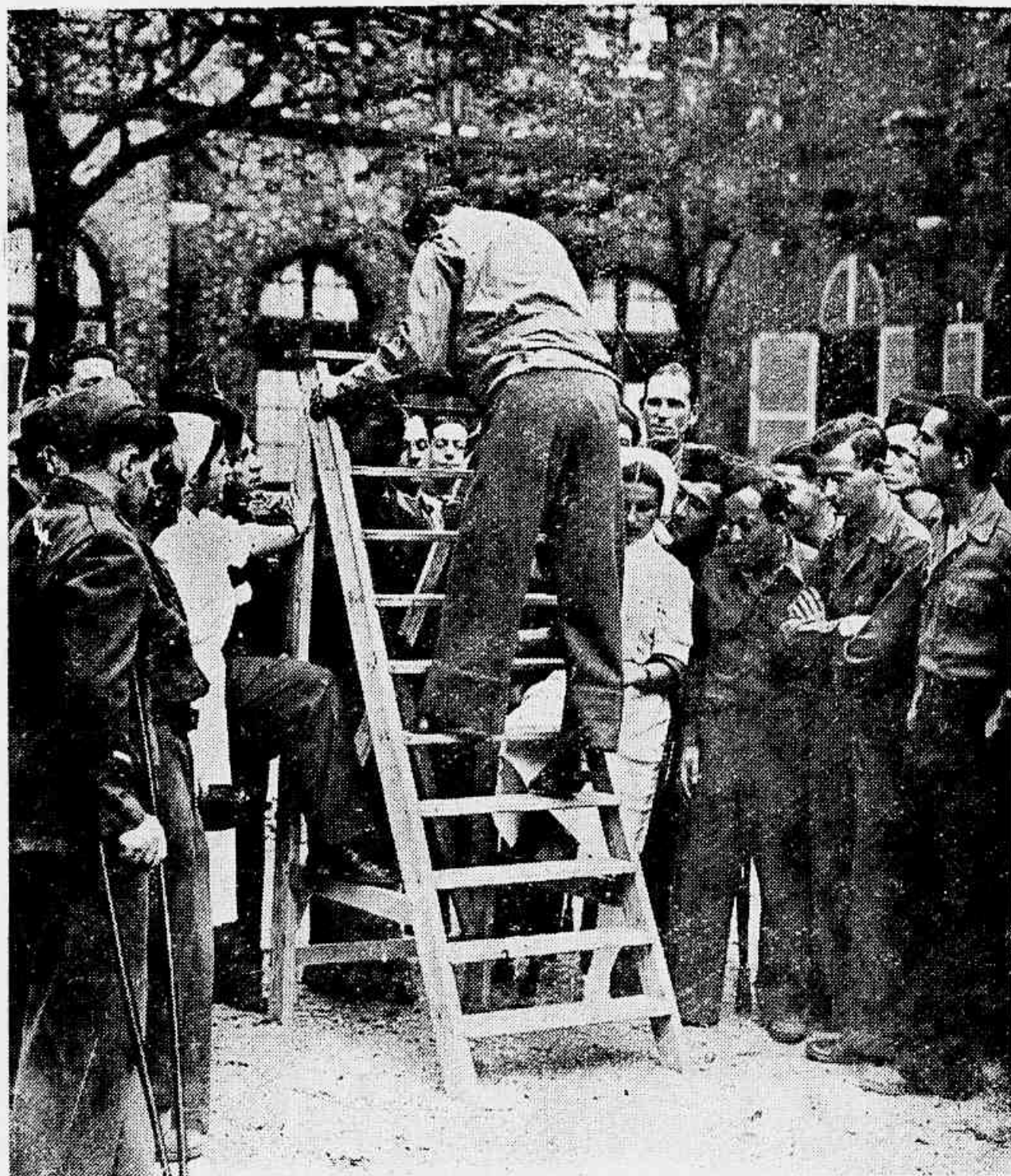
Squibb! Squibb não é um dentífrico comum. Contém Leite de Magnésia — ingrediente cujo contato concorre para a neutralização dos ácidos.

E o Creme Dental Squibb é delicioso, estimulante. Uma agradável sensação de frescor invade a boca, o paladar se renova. É um prazer combater o "Inimigo Invisível" com o Creme Dental Squibb. Adquira hoje esse hábito saudável.



**CREME DENTAL
SQUIBB**

1007

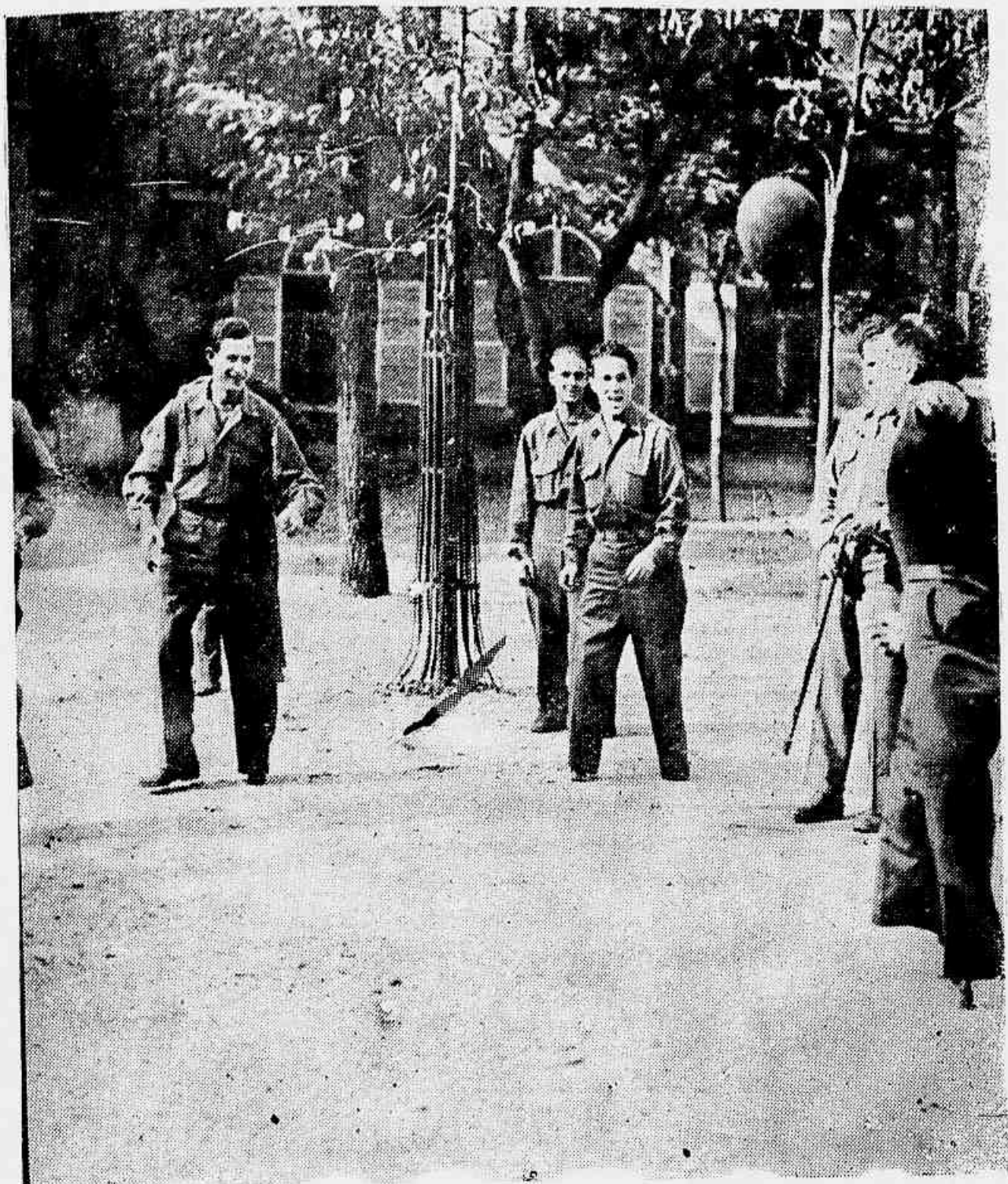


TREINANDO OS MEMBROS FERIDOS — Os mutilados de guerra recebem em Paris todo o auxílio possível do governo. Procurando readaptá-los à vida civil, enfermeiras especializadas procuram com mil cuidados devolver-lhes as esperanças e alegrias perdidas nos campos de batalha. Em estabelecimentos destinados unicamente a tal fim, eles treinam os membros feridos, exercitando-se nos movimentos de distensão e retenção dos músculos atrofiados. Aqui está um dos heróis da guerra de libertação praticando um difícil exercício: a subida de uma escada.

N E M T U D O

APARELHOS ORTOPÉDICOS — As modernas ciências da cirurgia e da ortopedia contribuíram para que se anulassem praticamente os horrores das mutilações provocadas pela guerra. Em estabelecimentos hospitalares especiais, os soldados da França que vultaram dos campos de luta com os membros atrofiados, são readaptados à vida e postos novamente em condições de trabalhar e se distrair, como qualquer homem normal. Na foto vemos um mutilado se acostumando ao uso do aparelho ortopédico, por meio da mecanoterapia, sob as vistas atenciosas de uma enfermeira.





ESPORTES PARA OS HERÓIS — Um dos meios mais práticos de tratamento psicológico dos mutilados de guerra é a prática de jogos desportivos. Nos hospitais destinados a esses antigos heróis da campanha de libertação, o governo francês instalou praças de esportes, onde os que já se acostumaram a movimentar-se com o auxílio dos aparelhos ortopédicos se entretêm em disputas entusiásticas. Na foto acima aparecem soldados e marinheiros "batendo bola" no campo de um desses hospitais. E assim eles retornam à vida.

ELES PERDERAM

UM SALTO SENSACIONAL — Sob os aplausos de seus companheiros, um ex-combatente francês executa um maravilhoso salto, na pista do hospital a que foi recolhido. Este valente infante do exército de De Gaulle tem um grão mecânico, o que não impede que pratique esportes, ou trabalhe como qualquer homem são. A sua alegria voltou graças aos processos psicológicos empregados pelo Governo Francês na readaptação de seus soldados à vida civil. Hoje, ele é mais um cidadão útil à pátria.



"Sacrifício de Mãe"
"Punhado de emoções"
DOIS LIVROS ESCRITOS PELO
CORACÃO E PARA O CORAÇÃO
DEDICADOS À SENSIBILIDADE
DA MULHER BRASILEIRA
Duas obras consagradas de
MARIA DEZONNE
PACHECO FERNANDES
À venda nas boas livrarias



ESTA

e a única apresentação

de água de colônia

JEAN MARIE FARINA



Exijam
a marca
franceza
de

ROGER & GALLET

PARIS ★ RIO



PARA UMA

COSINHA MODERNA

Utensílios de Vidro

"PIREX" e "GLASBAKE"

PARA Forno e FOGO

Indispensáveis às donas de casa
pela sua facilidade de limpeza.

Vendas pelo

Credi-MESBLA

Rua do Passelo, 48/54

Visitem nossas exposições de Utensílios Domésticos

RIO - S. PAULO - NITERÓI - RECIFE
B. HORIZ. - PELOTAS - P. ALEGRE

MESBLA



NUCIAS NA SOCIEDADE CARIOCA — Constituiu acontecimento marcante na sociedade carioca o enlace matrimonial da sta. Gioconda Fróis da Cruz Lips, bisneta do dr. Luiz Carlos Fróis da Cruz, com o sr. Amílcar Guerreiro de Oliveira, descendente de ilustre família baiana. Na cerimônia religiosa, realizada no dia 26 de janeiro, por monsenhor Henrique Magalhães, na igreja da Candelária, serviram de padrinhos, por parte da noiva, o dr. Americo Caparica e d. Iris Fróis da Cruz, e, por parte do noivo, o dr. José Afonso Guerreiro e d. Semiramis Guerreiro. Na foto que acima estampamos vêem-se os noivos após a cerimônia religiosa.

ECOS DO "BAILE DAS ATRIZES" — A foto abaixo nos mostra um flagrante colhido durante a realização do "Baile das Atrizes", vendo-se o nosso confrade Elidio Loia em companhia da sta. Dulce Maria.



O NOVO SUPERINTENDENTE DA ORGANIZAÇÃO HENRIQUE LAGE — O cliché acima reproduz um instantâneo colhido por ocasião da posse do sr. Ruy Carneiro, ex-secretário do Ministério da Viação e do presidente do Banco do Brasil e ex-interventor federal na Paraíba, no cargo de superintendente da Organização Henrique Lage. Ao ato compareceram os mais destacados elementos da nossa sociedade.

FIGURAS E FATOS

ENLACE PROFESSORA RIZOLETA SOARES-ARMANDO MORGADO — Realizou-se recentemente o casamento da sta. Rizoleta Monteiro Soares, professora da Secretaria da Educação da Prefeitura, com o sr. Armando Morgado, alto funcionário da Companhia Usinas Nacionais. Ao ato religioso, que teve lugar na matriz de Nossa Senhora de Lourdes, compareceram elementos destacados da nossa sociedade. Na foto, os noivos após a cerimônia do enlace.





JOCKEY CLUB MUNDANO.

Os flagrantes que ilustram esta página foram colhidos pela nossa objetiva, durante os intervalos das corridas realizadas domingo último no Hipódromo da Gávea. Como podemos verificar por essas expressivas fotos, numeroso foi o público que acorreu àquela praça de esportes, onde o ambiente, como sempre, esteve animadíssimo e cheio de emoções.



1 — Modelo bastante original é este, tendo a parte toda de trás e uma parte da frente da blusa em azul marinho e toda a frente em azul claro. Mangas três-quartos, "raglan". Saia bem franzida na frente, com bolsos embutidos. 2 — Em hava-na e mostarda é este modelo confeccionado em lã. Decote quadrado, pala pespontada com pequeno franzido. Botões

ferrados no tom escuro. 3 — Em marron e bege é este modelinho próprio para mocinhas. Pala e lacinho pespontados. Mangas compridas ajustadas por punhos. 4 — Neste modelo são usadas três cores diferentes, formando um interessante contraste. A saia e as mangas são de crepe preto. A blusa na parte de trás é toda cor de tijolo, e na frente cor de tijolo e amarela. Notem o interessante recorte da blusa. 5 — Este modelo que pode ser aproveitado para reforma, é de seda azul marinho e seda estampada rosa, branco e azul marinho. Blusa bastante justa com recortes arredondados. Saia ligeiramente

VESTIDOS DE DUAS CÔRES

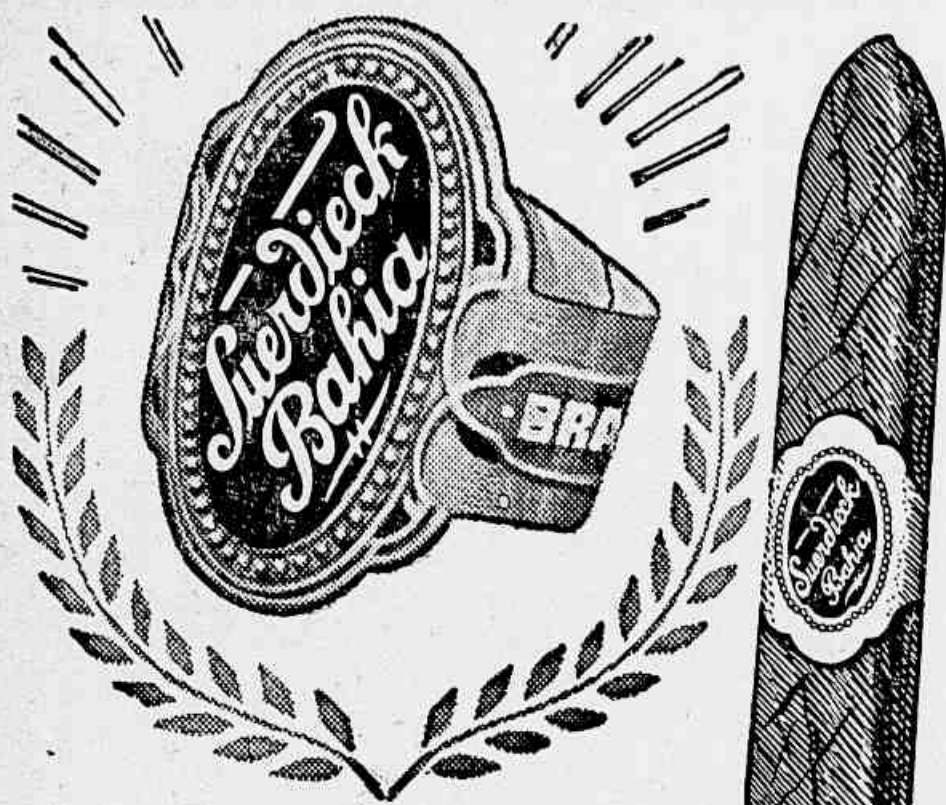


franzida. 6 — Modelinho para gente moça, aproveitando-se uma saia preta, franzida, com uma blusa de seda estampada, transpassada, com ligeiro drapé e abotoada do lado.



Um deslumbrante modelo de Irene, para "cocktail", em seda preta, com um lado da blusa e da saia inteiramente drapeados. Do outro lado, grandes rosas bordadas em azul, formando uma aba sobre as cadeiras. Mangas japonesas.

JOIAS INDICAM POSSES



...e este anel, com propriedade:
SUERDIECK SIGNIFICA QUALIDADE.

FLORINHA HAVANA — HOLANDEZES
BARONEZA ERNA — REGALIA FINA — OURO DE CUBA
SUERDIECK HAVANA PEQUENA FLÔR
SUERDIECK HAVANA MEDIOS
SUERDIECK HAVANA SUPREMOS
BRASIL HAVANA

DISTRIBUIDORA DE CHARUTOS SUERDIECK LTDA.

Caixa Postal n.º 2317 — Rio de Janeiro

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS
FARMACIAS E
DROGARIAS



Pílulas de Herva de Bicho
compostas mescladas

LIC. 3.518
12-3-925-D.N.S.R.

DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use AURIS-SEDINA

GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS



DÔRES
de CABEÇA

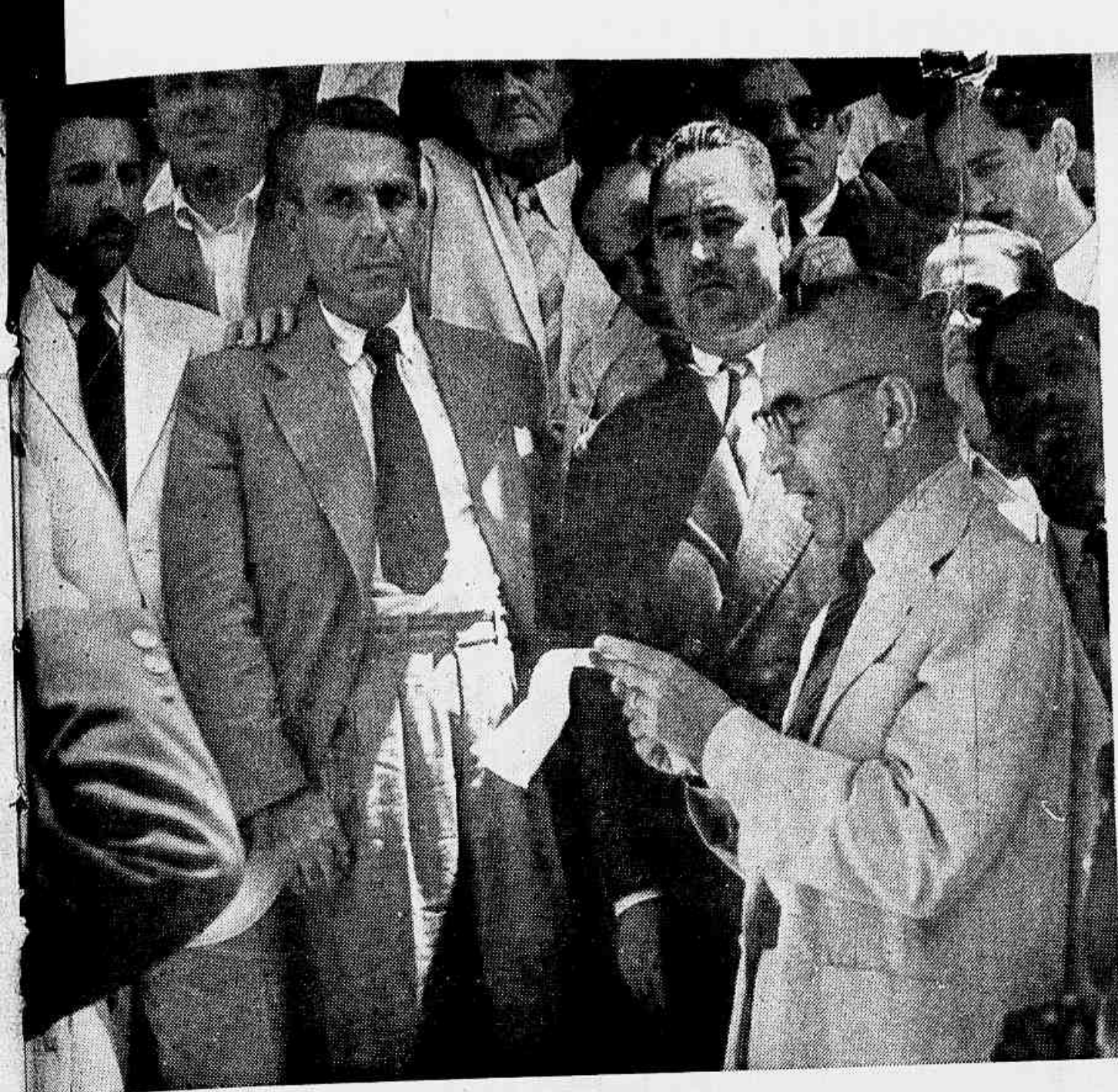
TRANSPIROL



PENTEADOS

O cabelo para o alto é sempre "chic". Dizem uns que envelhecem a fisionomia, mas olhem para esse palminho de cara e digam, não irradia mocidade, graça e alegria? Pois Doris Merrick, "estrelinha" da Columbia, só tem a lucrar com este seu penteado para o alto, com grande fartura de "boucles" caindo ligeiramente sobre a testa. Não tenha susto, copie o penteado de Doris Merrick, porque sua beleza só ganhará com isso.





Em cima, à esquerda — O sr. José Fortunato Ribeiro, prefeito de Cachoeiro do Itapemirim, saudando o interventor Aristides Campos, à chegada de s. s. a essa cidade sul espírito-santense, traduzindo o júbilo dos cachoeiranos pela sua nomeação para o elevado cargo. À direita — Já na sua residência de Cachoeiro, o dr. Aristides Campos posa para a REVISTA DA SEMANA, em companhia de sua exma. esposa, sra. Margarida Vivacqua Campos, e de pessoas de sua família.

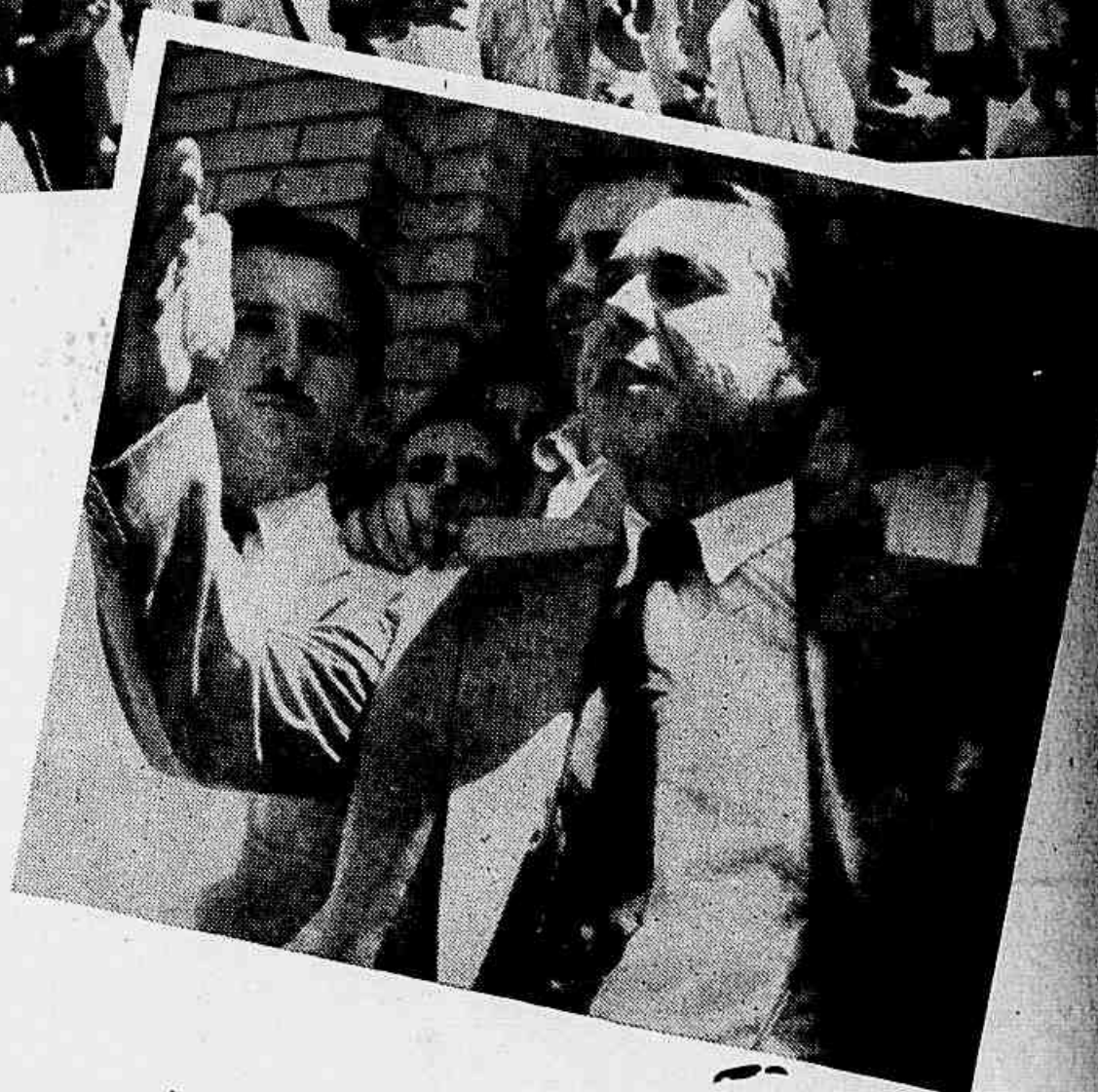


Flagrante da chegada do interventor Aristides Campos a Cachoeiro do Itapemirim. S. s. está em companhia de seus filhos e de sua esposa, sra. Margarida Vivacqua Campos. A ilustre dama espírito-santense foi alvo de grandes homenagens da família cachoeirana. À direita — Aspecto do cortejo popular, que acompanhou o dr. Aristides Campos à sua residência, após a chegada a Cachoeiro. Ainda à direita, em baixo — O dr. Aristides Campos falando de improviso ao povo de Cachoeiro do Itapemirim.

Há cerca de um mês encontra-se o Estado do Espírito Santo sob novo governo. Governo de gente moça, onde apenas a figura tradicional do dr. Ubaldo Ramalheira Maia tem certidão de maioridade política. Designado interventor da terra capichaba, o dr. Aristides Campos, médico de nomeada na bela cidade de Cachoeiro do Itapemirim, reuniu em torno de si um secretariado de nomeada na bela cidade de Cachoeiro do Itapemirim, pelas qualidades pessoais dos escolhidos como capaz de dar boa conta dos negócios públicos, pelas qualidades pessoais dos escolhidos como pelas demonstrações de eficiência e operosidade de que têm dado prova no exercício das suas atividades profissionais como na gestão da coisa pública. Para a pasta do Interior e Justiça foi aproveitada a grande experiência e o tirocínio do dr. Ubaldo Ramalheira Maia, antigo deputado federal, titular muitas vezes de várias secretarias e ocupante de destacados postos na administração do Estado; na secretaria da Agricultura, Viação e Obras Públicas, o professor e jornalista Rosa, advogado e industrial; na secretaria da Educação e Saúde Pública, o professor e jornalista dr. Manoel Lopes Pimenta, sobretudo professor, cuja passagem pelos mais altos postos do magistério capichaba tem sido brilhante; ao dr. Atila Bezerra Nunes, alto funcionário da Fazenda Federal, antigo delegado do Tesouro Nacional no Piauí, em Minas Gerais, no Espírito Santo, na Bahia e ultimamente em S. Paulo, no desempenho de tão importantes funções revelando sempre raras qualidades de direção e organização de trabalho, coube o importante setor que é a pasta da Fazenda. Finalmente, como secretário do Poder Executivo está o dr. Heli Athayde, escritor e jornalista.

Queremos nos referir ainda à nomeação do dr. Nelson Goulart Monteiro, cujo passado é uma garantia de êxito, para a prefeitura de Vitória.

Residindo há mais de vinte anos na cidade de Cachoeiro do Itapemirim, onde exerce numerosa clínica e é altamente estimado, o ilustre dr. Aristides Campos, nomeado in-



O ESPIRITO SANTO SOB NOVO GOVERNO



O dr. Nelson Goulart Monteiro, em nome do Partido Social Democrático, sauda em discurso o interventor Aristides Campos, à chegada deste em Vitória para assumir o governo do Estado.



O interventor Aristides Campos agradece de improviso as inúmeras manifestações de apreço que recebeu à sua chegada a Vitória.

Interventor do Espírito Santo, de passagem para Vitória a fim de assumir o importante cargo, foi recebido festivamente e homenageado pelo povo daquela florescente cidade, tendo ocasião de receber as provas mais inequívocas de carinho e apreço por parte dos seus concidadãos. Recebido ali carinhosamente, foi o atual governante capichaba saudado pelo prefeito da cidade, a cujo discurso respondeu agradecendo, após o que, acompanhado por sua exma. esposa e filhos, conduzido à sua residência por grande massa popular. À noite, em praça pública, foram novamente homenageados o interventor Aristides Campos e sua ilustre consorte, sa. Margarida Vivacqua Campos, falando por essa ocasião diversos oradores.

O desembargador Octavio Lemgruber discursando na solenidade em que transmitiu o Governo ao interventor Aristides Campos.



Grande massa popular, como nos mostra a fotografia acima, recebeu o dr. Aristides Campos em Vitória, prestando-lhe significativas homenagens. Em baixo — Pessoas presentes à posse no Palácio do Governo, vendo-se parte da oficialidade





A esquerda — O dr. Manoel Lopes Pimenta discursando no momento em que lhe era transmitida pelo dr. José Sette a pasta da Educação e Saúde. Ao centro — Após a cerimônia de posse, o dr. Octavio Lemgruber é levado à porta do Palácio pelo novo interventor, onde se despedem cordialmente. À direita — Parte da assistência ao ato de posse, vendo-se, em primeiro plano, a contar da esquerda, d. Luiz Scortegagna, arcebispo de Vitória, o escritor Helio Athayle, secretário da Interventoria, desembargador Gilson Mendonça, engenheiro Ceciliano Abel de Almeida e desembargador Augusto Botelho.

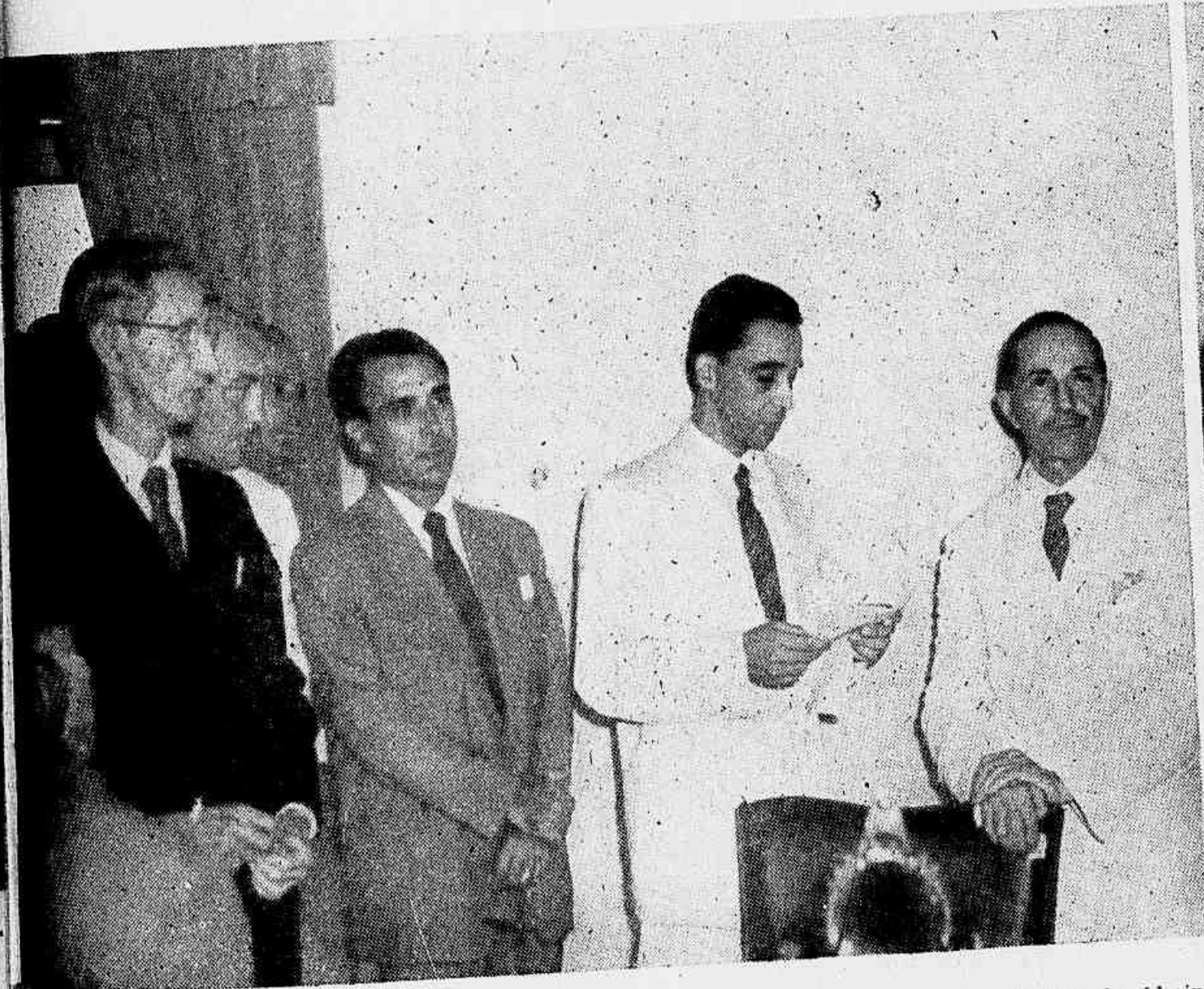
À sua chegada a Vitória, foi novamente alvo de manifestações populares o dr. Aristides Campos. Saudado então em nome do Partido Social Democrático pelo dr. Nelson Goulart Monteiro, respondeu s. s. em brilhante improviso, no qual salientou continuar no governo a ser o mesmo homem simples e desprovido de vaidades.

Nesse mesmo dia, 27 de fevereiro, realizou-se solenemente a transmissão do governo, até então exercido pelo desembargador Octavio de Carvalho Lemgruber. No salão

nobre do Palácio do Governo achavam-se presentes altas autoridades civis e militares, representantes do clero, elementos os mais destacados da política espírito-santense, do comércio, da indústria e da sociedade capichaba. Respondendo à saudação do ex-interventor Octavio Lemgruber, proferiu o dr. Aristides Campos substancial discurso, em que delineou seus propósitos de governo, tendo como pontos básicos os problemas da educação, saúde e trans-

porte, elementos fundamentais de sua ação administrativa à frente dos destinos do Espírito Santo.

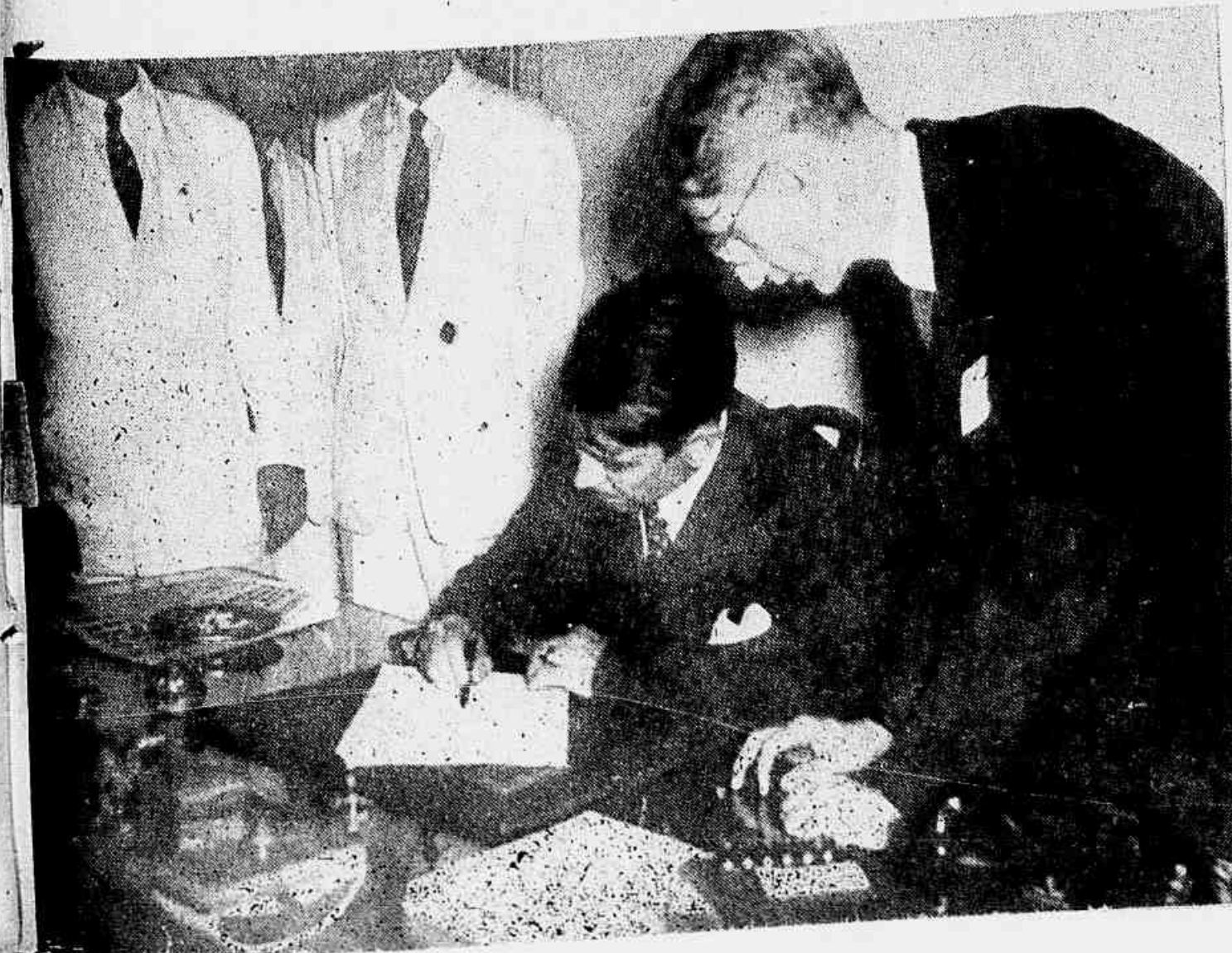
Assume o dr. Aristides Campos o governo capichaba cercado de gerais simpatias dos seus conterrâneos. Vitória hospedou representações de todos os municípios do Estado, o que concorreu para emprestar um aspecto festivo ao dia da posse do novo interventor, abrindo-se por essa forma uma nova era de trabalho, dentro de um ambiente de tranquilidade tão propício às boas realizações.



Em cima — Na solenidade da posse do secretário da Agricultura. O novo titular, dr. Almir Garcia Rosa, discursando ao receber a pasta do engenheiro Ceciliano Abel de Almeida. Em baixo — O interventor Aristides Campos, depois de empossado, assina seu primeiro ato de governo, nomeando o dr. Ubaldo Ramallete Maia, que está à sua esquerda, secretário do Interior e Justiça.



Em cima — O dr. Ubaldo Ramallete Maia recebe do desembargador Gilson Mendonça a pasta da Justiça, pronunciando seu discurso no momento em que fixamos este flagrante. Em baixo — O dr. Ethereldes Queiroz do Valle, novo chefe de Polícia do Espírito Santo, recebe do seu antecessor o importante cargo, para o qual foi distinguido pelo interventor Aristides Campos.





MALTOGENO

"Granado"

Medicação

tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



T. TARQUINO



ILONA MASSEY

Encantadora Estrela da Tela, diz:
"Considero ARRID o de-
sodorante por excelên-
cia e o recomendo com
o maior entusiasmo".

NOVO

Creme Desodorante
que evita manchas
e odor nas axilas

1. Não irrita a pele.
2. Não estraga os mais finos vestidos.
3. Evita as manchas desleigantes, nas mangas e nas costas dos vestidos.
4. Seu efeito é duradouro. Evita o cheiro do suor. Tem um delicioso perfume.
5. Tem a fina consistência de um creme de beleza. É branquíssimo, sem gordura, não mancha e desaparece instantaneamente.

Use ARRID com regularidade.

Preços: Cr\$ 4,80 e Cr\$ 9,50

ARRID

O DESODORANTE QUE MAIS SE VENDE.

Como conservar a DENTADURA POSTIÇA com firmeza na boca

Sua dentadura postiza o incomoda, ainda quando come, fala ou ri? Passe sobre ela uma camada de FIXODENT. Este pó alcalino (não ácido) mantém a dentadura postiza com maior firmeza e comodidade na boca. Não deixa nenhuma sensação pegajosa. Não azarga a boca. Permite o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

85-8

Esperança fagueira...



- Cessou a queimada. Lancemos a semente das boas intenções



- Vamos vêr se pégam. Recêio que o málo brávo nos traga muita "espiga", com essa porção de calháus, que não me cálham...

...O LHO PAUL ESTAVA INSPIRADO.

MEDO

(Continuação da página 27)

— Você diz que eu não conheço tudo isso?... Que pensa que foi minha vida?

— O senhor casou-se por dinheiro. Era sua oportunidade e resolveu tomá-la. Mas não aguentou as suas consequências. Matou a esposa que não amava para ser livre. Foi pior, porque prendeu-se irremediavelmente ao seu crime.

Walter olhou-a longamente. Depois abaixou a cabeça:

— Está bem, Ana. Você ganhou.

Ela sorriu mais uma vez, com malícia, com provocação:

— Eu sabia — comentou. — Eu sabia que o senhor era/fracó...

★

Ele estava sentado no batente quando ela entrou:

— Vim avisá-lo de que já tomei minhas precauções.

— Precauções?

— Sim. Hoje escrevi uma carta à minha irmã.

— Que dizia essa carta?

— Contava toda a verdade.

Ele levantou-se num pulo.

— Você me traiu, miserável! Você me traiu!

— Tranquillize-se. Mandei a carta lacrada, como se fosse meu testamento. Para ser aberta depois de minha morte. Precaução.

— Não entendo.

— Precaução contra o senhor.

— Contra mim? Que teme de mim?

— O senhor já matou uma vez. Eu não esqueci isso. O senhor me odeia. Também não esqueci isso. O senhor é um covarde e usa as armas dos covardes: envenena. Isso também eu não esqueci.

— Devo ouvir em silêncio tudo isso? Devo ouvir sem protestar? Diga! Minha vida está em suas mãos. Você me perguntou: quanto vale sua vida? Mas não era eu quem tinha que fazer o preço e sim você, que a tinha em suas mãos. Quanto vale minha vida? Vale o meu tormento? Vale o arrependimento de ter perdido a liberdade pela qual lutei, pela qual cheguei a matar?

— O senhor nunca lutou, porque é covarde. Nunca lutou abertamente pela sua liberdade, ou a teria obtido. Preferiu outros métodos, mais seguros, mais fáceis...

— Você não compreende o meu martírio!

— O martírio de muita gente é uma personagem da sua própria imaginação. Toda a pessoa com um temperamento como o seu tem a tendência a se acreditar um sacrificado. Mas que espécie de sacrificado é você? Você casou com uma moça que a quem não amava, por causa de seu dinheiro. E' isso sacrificar-se? Você matou sua mulher para gastar o dinheiro

dela sem o incômodo de sua presença! Onde está o sacrifício?

Havia momentos em que ela se tornava eloquente. Esquecia as maneiras comedidas. Falava alto, gesticulava. Depois daquele rompante, ela voltou à sua tranquilidade. Recolheu-se novamente e murmurou:

— Tomei minhas precauções. Era isso que eu vinha comunicar.

E saiu.

★

Não podia suportar mais aquela situação. Havia meios de fugir: uma confissão, um suicídio — um outro crime? E a carta que ela mandara para a irmã?

Poderia ser apanhado... E perderia então a sua liberdade completamente.

Durante meses andou arquitetando um plano. Nas horas que se arrastavam lentamente ele ficava sentado a um canto, perto da lareira, sonhando com a liberdade. Livre, livre, afinal! Sem ninguém. Nunca mais. Nunca mais. Palavras que ele já pronunciara... e via-se algemado, à disposição daquela mulher que odiava, tendo que ouvir os insultos que ela achasse conveniente dirigir-lhe ou então... ou então confessar e fugir, com um tiro na cabeça.

No seu cérebro, contudo, começou a germinar um plano. Certa tarde, resolveu comprar

uns livros a respeito de venenos. Não tinha sido necessário "estudo especial" para matar a esposa. Arsênico... O mais fácil. Até os romances policiais indicam a maneira mais eficiente de usá-lo.

O plano começou a amadurecer. Criou detalhes, preparou tudo.

Um dia, finalmente, tudo estava pronto. Resolveu aplicá-lo. E antegozou a vitória. E sozinho, ele o "covarde", pela coragem de seu cérebro, pela inteligência, resolvera o problema.

Naquela mesma tarde visitou um médico.

★

— Tenho a impressão de que estou com a mesma doença de minha mulher...

★

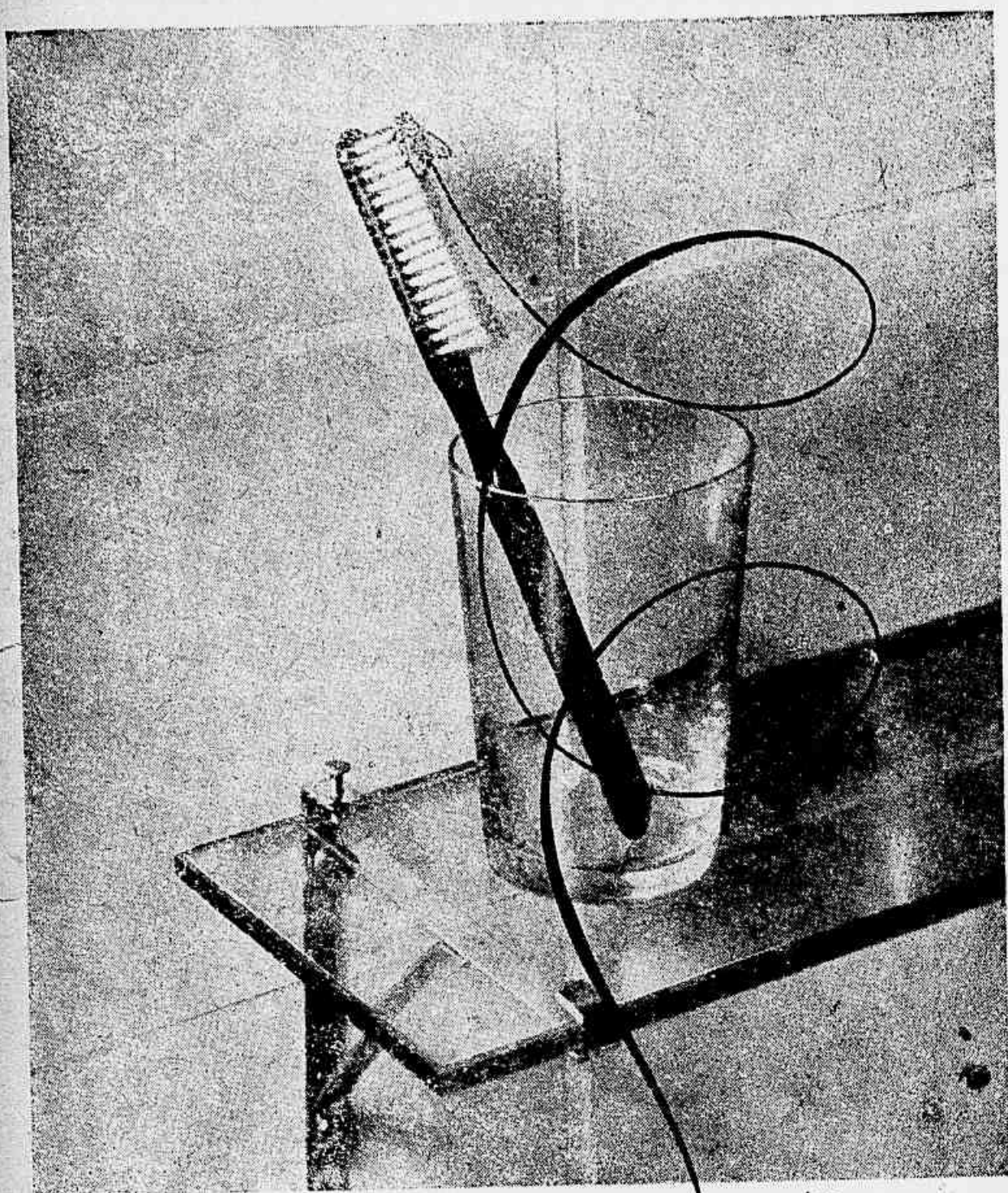


PILSEN-EXTRA,

a cerveja-líder do Brasil

Um produto **ANTARCTICA**

De onde veio esta môsca?



Nos monturos mais imundos, fazem as môscas seu festim, impregnando-se de perigosos germes que transmitem em seguida ao ser humano ao pousar ou depositar seus resíduos sobre objetos do mais delicado e frequente uso. Não tolere esta invisí-



vel e terrível ameaça para V. e para todos os seus. Elimine-a com SHELL TOX, poderoso inseticida científico que extermina môscas, mosquitos e outros insetos nocivos.

SHELL TOX

Não fonteia os insetos: MATA-OS!

ANGLO-MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.

PRODUTOS



DE PETRÓLEO

— Ora, Walter. Você anda muito nervoso. O que você tem é naturalmente uma pequena perturbação intestinal. Vou dar-lhe um remédio...

— Obrigado.

Mas ele já obtivera o efeito que queria. Ia ingerir pequenas doses de arsênico, conforme ensinava o livro, até ser capaz de tomar uma dose mais alta sem que isso fizesse mal a ele. E depois semearia provas... Por toda parte haveria indícios de que estava sendo envenenado, por Ana, por ela. Assim, ela assumiria a responsabilidade, também, da morte de sua esposa, e ele ficaria finalmente livre.

— Ana!

No meio da noite ele começou a gritar.

— Ana!

Ana apareceu, surpreendida.

— Chame o médico! Estou muito doente...

— Que há?

— Não sei. Estou morrendo.

Ela hesitou um pouco mas, vendo a fisionomia transtornada dele, resolveu ir telefonar. Ele, porém, cortara o fio do telefone de maneira que ela não percebesse. Ana voltou:

— O telefone não fala.

— Ahhh!

Ele respondeu com um gemido. Hesitante novamente ela contemplou-o. Por fim decidiu-se.

— Vou buscar o médico.

Quando ele ouviu bater a porta da rua, levantou-se e fez os preparativos.

Várias horas se passaram. Ele ficou sozinho, a casa deserta, um silêncio tremendo. Mas que

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas

rumor seria aquele? A chuva... Começou a ensaiar os gestos, as contorsões de dor... Que seria aquilo? Que estranha pontada era aquela? Meu Deus! Os sintomas de envenenamento... Teria sido descuidado? Teria tomado uma dose mais forte do que poderia suportar? Não. Tinha certeza. Mas então... lembrou-se de Ana. Ela o fizera assinar um testamento em seu benefício... Mas, não. Não podia ser. Entretanto... Ela! Ela o envenenara! Sentiu um suor frio cobrir-lhe a testa. Ouviu um rumor de passos. Ana com o médico. Ele contorceu-se de dor. Não havia fingimento.

Expirou às duas horas da madrugada. O médico assinou um atestado de óbito declarando que ele tivera uma perturbação intestinal. Ana não reparou bem no nome da doença, mas continuava sorrindo, aquele mesmo misterioso sorriso.

A DÍVIDA

(Cont. do número anterior)

O bacharel voltou-se para verificar quem tinha pago por ele, e deu com os olhos em Veloso, que lhe disse de longe, rindo-se:

— Foi por conta daqueles vinte, — sabes?

— Reza-lhes por alma! bradou Montenegro, rindo-se também.

V

Esse "reza-lhes por alma" queria dizer que Montenegro voltara desencantado do seu passeio de bonde. Lalá parecia-lhe outra, mais desenvolta, mais americana, completamente despida do melindroso recato que é o mais precioso requisito da mulher virgem. Ele deixou-se convencer de que a môça, depois de ouvir a exposição franca e leal das suas condições de insolvabilidade, desistira mentalmente de considerá-lo um noivo possível, dizendo por dizer aquelas palavras "talvez eu consiga", palavras atoa, trazidas ali apenas para fornecer o ponto final a um diálogo que se ia tornando penoso e ridículo.

Montenegro fez ciente do seu desencanto ao conselheiro Brito, que lhe deu parabens, e daí por diante só se lembrou de Lalá como de uma bonita mulher de quem faria com muito prazer sua amante mas nunca sua esposa. Desaparecera completamente aquele doce enlêvo causado pela primeira impressão. O "reza-lhes por alma" saiu-lhe dos lábios com a impetuosidade de um grito da consciência. A desilusão foi tão pronta como pronto havia sido o encanto. Fogo de palha.

VI

Entretanto, mal sabia Montenegro que Lalá concebera um plano extravagante e o punha em prática enquanto ele, tranquilo e despreocupado, imaginava que ela o houvesse pôsto à margem. Depois de aconselhar-se com a tia, que não pri-

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

O MOVIMENTO TEATRAL EM LONDRES

(Continuação da pág. 35)

tin's Theatre, situado ao lado do "Ambassadors", em um trecho um tanto isolado da zona teatral de Londres. "Sweetener and Lower" está sendo exibida com lotações esgotadas no "Ambassadors" e as pessoas que não conseguem adquirir ingressos se dirigem ao St. Martin's. Tudo faz crer que a peça de Mr. Percy levará tanto tempo em cartaz como a sua vizinha.

Outro fator que muito contribui para a longa permanência em cartaz é o regresso dos veteranos de guerra, ansiosos por ver as peças de que ouviram falar ou leram em revistas especializadas.

Das novas peças, a mais interessante é "The Hasty Heart", pois o seu autor procura realizar o impossível — e o consegue. Uma sim-

ples descrição do enredo demonstra que nenhuma pessoa em seu juízo perfeito jamais se arriscaria a inverter capital em uma peça desta natureza. Só há uma cena — uma enfermaria de convalescentes em um hospital militar da Birmânia. Somente uma mulher toma parte na representação — a enfermeira. Um jovem soldado escocês dá entrada na enfermaria com apenas três ou quatro semanas de vida, embora não o saiba. Acabara de ser submetido a uma intervenção cirúrgica em que perdera um rim e o outro não estava em condições muito boas. O médico pede aos demais pacientes para que cerquem o escocês de todo o carinho.

Os parisienses poderiam assistir a uma peça desta natureza, mas não era de se esperar que os ingleses, com o seu sentimentalismo e aversão à dor e à tragédia, aplaudissem uma história tão triste. Fui ver a peça na noite de estréia, e diverti-me imensamen-

te, mais do que com qualquer outra comédia a que assisti nos últimos anos. E' verdade que também chorei, mas o riso abafou as lágrimas.

A peça é tão brilhantemente arquitetada que embora se saiba que o escocês morrerá, encaramos com simpatia os seus companheiros que são obrigados a aturar as suas suspeitas infundadas, a sua vaidade, a sua presunção. Em verdade, quando o americano pergunta à enfermeira: "Você tem mesmo certeza de que ele vai morrer? Porque do contrário vou matá-lo", o público apoia francamente a sua decisão.

Um fato digno de nota é o desenvolvimento em Londres dos teatros de bairro. E' nesses teatros que vamos encontrar peças de Ibsen, Shaw, Chekov, Sheridan e todos os autores que colocam a inteligência acima do simples fator divertimento.

mava pelo bom senso, a professora de piano e canto encheu-se de decisão e coragem, foi ter com o doutor Veloso no seu escritório e disse-lhe que desejava dar-lhe duas palavras em particular.

A beleza de Lalá deslumbrou o advogado, e, como este era extremamente vaidoso, viu logo ali uma conquista amorosa em perspectiva.

— Tenha a bondade de entrar neste gabinete, minha senhora.

Lalá entrou, sentou-se num divã, e contou ao doutor Veloso toda a sua vida, repetindo, palavra por palavra, o que dissera a Montenegro durante o jantar do conselheiro Brito.

Admirado de tanta loquacidade e de tanto espírito, Veloso perguntou-lhe, terminada a história, em que poderia servi-la.

— Sou amada por um homem que é digno de mim, e o nosso casamento depende exclusivamente do doutor.

— De mim?

— A minha ventura está nas suas mãos. Custa-lhe apenas vinte contos de réis. Não quero crer que o doutor se negue a pagar por essa miserável quantia a felicidade... de uma órfã.

— Não compreendo.

— Compreenderá quando eu lhe disser que o homem por quem sou amada é o seu amigo e colega doutor Gustavo Montenegro.

— Ah! ah!...

— Escusado é dizer que ele ignora absolutamente a resolução, que tomei, de vir falar-lhe.

— Acredito.

— Qual é a sua resposta?

— Minha senhora, balbuciou Veloso, sorrindo; eu tenho algum dinheiro, tenho... mas perder assim vinte contos de réis...

— Recusa?

— Não, não recuso; mas peço algum tempo para refletir. Depois de amanhã venha buscar a resposta.

A conversação continuou por algum tempo, e Veloso come-

(Continua na pág. 51)



Regina

A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

À VENDA EM TODO O BRASIL

R.F.



MODELOS FRANCESES

Graças a Deus, devem dizer as nossas elegantes, pois Paris volta a ditar a moda. Consequentemente, teremos muita coisa nova, "chic" e elegante. Os vestidos já não serão tão iguais, pois os costureiros franceses usam a imaginação para oferecer novidades às mulheres elegantes de todo o mundo.

Eis alguns modelos recém-chegados de Paris:

Ao alto, da esquerda para a direita: 1 — Modelo em pesada seda branca, decote quadrado e gola esporte. Mangas compridas e saia bastante rodada, com bolsos embutidos. Na blusa e na saia, vistoso bordado em cores vivas. 2 — Duas peças em estampado de fundo preto com pequeninos motivos em branco. Saia "godet" e o casaquinho, ajustado à cintura, tem um movimento "godet" para trás. Grandes botões fantasia. 3 — Notem a volta das mangas "presunto" neste modelo... Na blusa uma aba de renda sai dos franzidos da gola. Recorte indo até a saia, com botões do mesmo tecido. Saia "godet". 4 — Modelo em seda estampada bastante leve. Blusa pregueada na frente, o mesmo acontecendo à saia. Mangas fôfas e sobre os ombros uma tira ligeiramente drapeada formando pala. 5 — Um modelo que indica bem as tendências da moda atual é esta, feito em seda estampada, com a saia em "godet" formando pregas. A manga "presunto" é ajustada ao cotovelo, e é toda de pequenas pregas horizontais. Decote em "V" profundo.

Um artista do trapézio

(Continuação da pág. 34)

— Uma única barra nas mãos. Como eu poderia viver!

Então já se tornou mais fácil ao empresário consolá-lo. Prometeu-lhe que na primeira estação, na primeira parada, telegrafaria

para que instalassem o segundo trapézio, e recriminou-se por ter deixado o artista trabalhar tanto tempo em um só trapézio. Enfim, agradeceu-lhe por ter-lhe feito notar aquela omissão imperdoável. Desta maneira, o empresário conseguiu tranquilizar o artista e voltar para seu lugar.

Em troca, ele é que não estava tranquilo. Com grave preocupação espiava, às furtade-

las, por cima do livro. Sé semelhantes pensamentos haviam começado a atormentá-lo, poderiam cessar por completo? Não continuariam aumentando dia a dia? Não ameaçariam sua existência? E o empresário, alarmado, pensou ver naquele sonho aparentemente calmo, em que haviam terminado os soluços, começar a esboçar-se a primeira ruga na testa infantil do artista do trapézio.

A DÍVIDA

Capítulo 49

çou a sentir pela môça a mais-míssima impressão que ela causara a Montenegro.

Lalá notou o efeito que produzia, e pôs em distribuição todos os seus diabólicos artifícios de mulher astuta e avisada.

— Feliz Gustavo!

— Feliz... por que?

— E' amado!

— Oh! não vá agora supor que ele me inspirasse uma paixão des...freada!

— Ah!

— E' um marido que me convém, isso é; mas se o doutor não abrir mão da dívida, e ele não se puder casar, não creia que eu me suicide!

Ouvindo esta frase, Veloso adiantou-se tanto, tanto, que, dois dias depois, quando Lalá foi saber a resposta, ele recebeu-a com estas palavras:

— Não!... Se eu abrisse mão dos vinte contos, ele seria seu marido, e...

— E...?

— E eu... tenho ciumes.

No dia seguinte ele era apresentado à tia, manêjo aconselhado pelo própria velha.

— Este é mais rico, mais bonito e até mais inteligente que o outro... Não o deixes escapar, minha filha!

A verdade é que Veloso não se introduziu em casa de Lalá com boas intenções; mas a espezteira da môça e as indiscreções do advogado determinaram em breve uma situação de que ele não pôde recuar.

Imagine-se a surpresa de Montenegro quando lhe anunciaram o casamento de Lalá com o seu colega, e a indignação que dele se apoderou quando por portas travessas veio ao conhecimento do modo singular por que fôra ajustado esse consórcio imprevisto.

VII

No dia seguinte ao do casamento, estava Montenegro no escritório, quando recebeu um cheque de vinte contos de réis, enviado pelo marido de Lalá.

— Não acha que devo devolver este dinheiro? perguntou ele ao conselheiro Guedes.

— Não; mas não o gastes; afianço-te que terás ocasião mais oportuna para devolvê-lo.

E assim foi.

A lua de mel não durou dois meses. Os dois esposos desavieiram-se e logo se separaram judicialmente. Ele voltou à vida de solteiro e ela tornou para a casa da tia.

Um dia Montenegro encontrou-a num armário da rua do Ouvidor, e tais coisas lhe disse a môça, tais protestos fez e tão arrependida se mostrou de o haver trocado pelo outro, que dois dias depois ela entrava furtivamente em casa dele...

Nesse mesmo dia o desleal Veloso recebeu uma cartinha concebida nos seguintes termos:

"Doutor Veloso. — Devolvo-lhe intacto o incluso cheque de vinte contos de réis, porque dívida que ele representa é uma estudantada imoral, sem nenhum valor jurídico. — Gustavo Montenegro."

Perfume

NARCISO AZUL

de GALLY



Eterniza os momentos sublimes com as mais doces recordações!

- Água de Colônia
- Brilantina
- Extrato
- Loção
- Óleo perfumado
- Pó de Arroz
- Sabonete
- Talco

RUGÔL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

A VENDA EM TODO O BRASIL

Antisardina



Minhas amiguinhas, façam como eu, evitem o contraimento da pele ao sorrir. O uso diário do creme ANTISARDINA n.º 1 assegura a perfeita elasticidade da cutis evitando as rugas precoces.

ANTISARDINA é o meu creme ideal.

Em 21 de outubro de 1944

(Ass.) MIRACÍ DE ASSIS

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
 OFICINA COMPLETA
 RUA SENHOR DOS PASSOS, 88 — 2.º Lda

AS MOCINHAS E AS SENHORAS NA IDADE CRÍTICA

DUAS FASES DIFERENTES MAS IMPORTANTES NA VIDA DAS MULHERES

Não deve e não pode passar despercebida aos bons pais a fase compreendida entre os 13 e os 16 anos por que passam suas filhas quando se tornam verdadeiramente mulheres. Nesse período, quando o fluxo mensal começa a aparecer, são comuns as perturbações que trazem para as jovens uma série de grandes sofrimentos físicos e morais. Essas perturbações resultam do desequilíbrio orgânico próprio da idade e se manifestam pela falta, diminuição ou atraso das regras. Administrar-lhes, sem perda de tempo, o Regulador Xavier N.º 2 é dever de todos os pais que amam de fato suas filhas e que não querem vê-las doentias, tristes e, o que é pior, atacadas por moléstias que, por terem sido descuidadas, se tornam crônicas e incuráveis.

Não menores, nem menos perigosos, são os males que geralmente afligem a mulher na idade crítica — aos 45 anos mais ou menos — e que, mal tratados ou tratados por remédios ineficazes, lhe acarretam sofrimentos tão torturantes que essa idade crítica se lhe transforma numa verdadeira idade dolorosa. Entretanto tais males, que em geral se manifestam pela abundância ou repetição das regras e pelas hemorragias, encontram remédio fácil e de absoluta eficácia no Regulador Xavier N.º 1.

O Regulador Xavier, usado em seu número adequado, dá às mocinhas, e às senhoras na idade crítica o bem-estar e a saúde indispensáveis para as lutas e as alegrias da vida.

A heroína de Hollywood que o...

(Continuação da pág. 33)

os reflexos de sua atribulada excursão, através das cartas que lhe mandam seus humildes admiradores da terra potiguar.

Êsses e outros episódios são relatados nas páginas do livro que miss Violet Kinney está ultimando. Ou muito nos enganamos, ou os produtores cinematográficos, vizinhos da autora de "Eu fui a Natal", vão espantar-se quando souberem que tão perto deles existe material assim precioso, por eles insistentemente procurado em terras distantes...

Foi eventualmente que miss Kinney veio a ser-nos apresentada, por um amigo comum e patrício. Quanto à sua afeição pelo pedaço de Brasil que ela pôde conhecer em seis semanas, tempo bastante para fazer um excelente aprendizado do nosso idioma, ela se traduz neste período do seu livro: "Dizer que amei Natal é pouco. Natal representa tudo o que sonhei numa cidade: possui um sentimento de liberdade que não se encontra nos Estados Unidos e uma atmosfera boêmia adorável. Ali encontrei um intenso amor pela vida em toda a gente".

E para finalizar: dentro de três ou quatro meses, miss Violet Kinney vai repetir a façanha, esperando desta vez chegar ao Rio sem maiores percalços. Está fazendo novas economias, não encontrará mais obstáculos militares nem sombra de revoluções. E agora terá ensejo de viver capítulos ainda mais intensos para outros livros sobre o Brasil, livros que Hollywood, aqui tão perto, um dia há de aproveitar.

Senhorita Francinetti

(Continuação da pág. 19)

senhorita Francinetti. E' que ria estranhamente e batia palmas no telefone, enquanto repetia e explicava:

— "Obrigada, obrigada, estou chorando de contente..."

Sai exultando à procura do feliz enamorado. Se as minhas palavras não lograssem vencer a sua timidez, que de outra cadeira que não a indicada observasse como ansiosamente era esperado.

Mas o travesso senhor Destino de modo diverso tinha disposto as coisas. E assim é que o Fernando desaparecera dos lugares habituais. Viajara ao interior, como soube depois. Fôra conhecer o martírio das longas marchas dos trens vagarosos do sertão, apertara-se nos bancos mal estofados entre moças bonitas e caixeiros viajantes gordos e impertinentes. A noite, desesperado de encontrá-lo, fui ao cinema combinado. Entrei cedo, habituei-me à semi-obscuridade e me dispus a observar nem sei o que, talvez a decepção da minha amiguinha, que decerto se julgaria torpemente enganada. Vi-a de perto, sempre linda, um tanto pálida, com duas interrogações nos olhos castanhos, ansiosamente voltados para a cadeira indicada e vazia.

Foi então que se deu o imprevisível. Um elegante e desconhecido mancebo, trajando cinza, de escolha em escolha, negligente-

STANDARD
CR\$ 115,00

FEDERAL
CR\$ 165,00

JICA
CR\$ 285,00

ANEL ZODIAICO

Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inesquecível. Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Mandar medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio pelo Reembolso Postal. Peça catálogo Fábrica de Jóias "Azteca" — Rua Regente Feijó n.º 18, Rio de Janeiro

AMERICA
CR\$ 150,00

CAPITAL
CR\$ 265,00

BRASIL
CR\$ 300,00

mente, guiado pelas mesmas mãos invisíveis que afastaram o Fernando, sentou-se exatamente na cadeira a este destinada. Próximo que estava, ainda lhe vi na fisionomia a surpresa de tão exuberante acolhimento: a senhorita Francinetti, com o riso e com os olhos, era toda para ele uma oferenda de amor!



Poucas semanas depois transferi residência para cidade distante, onde só vagamente me chegavam notícias de X. E dezesseis anos depois o Destino, que decididamente teimava em me fazer testemunha do romance, colocou-me no convés de um navio onde palestrava pequeno grupo de pessoas recém-apresentadas. Tive a impressão de que todas me eram estranhas até o momento em que um dos presentes, dirigindo-se à esposa, chamou-a familiarmente Francinetti. Nome raro, atentei melhor na fisionomia e compreendi então: Madame Y, formosa dama, em todo o esplendor da idade balzaquiana, era minha velha conhecida, a menina do telefone de tantos anos atrás.

Intensamente curioso e como já houvesse uma certa intimidade na palestra, insinuei o assunto que me convinha, o dos casamentos românticos, iniciados fora dos caminhos usuais. Conteí fatos imaginários provocando a sua confiança que não se fez tardar:

— "O nosso amor — começou ela, envolvendo carinhosamente o marido com o olhar — principiou pelo telefone, quando não nos conhecíamos ainda. Durante três longos meses este atrevido desfechou a mais envolvente ofensiva contra o indefeso coração de uma jovem inexperiente. E foi tão persuasivo, tão romântico nos seus madrigais, perturbou-me de tal forma, que nem sei por que não lhe caí nos braços, quando concordou em desfazer o incógnito e apareceu em pessoa, sentado em uma cadeira de cinema, onde próximo estava eu com meus pais. E' que houve a mais perfeita concordância entre o tipo ideado nas minhas horas de ansiedade e o que se me apresentou por fim. Lembrou-me ainda que ele me pareceu um tanto desconsertado, a princípio. Seria timidez, seria a emoção do primeiro encontro. Casámos afinal, como seria de esperar, e temos sido integralmente felizes. Nunca uma nuvem sombreou sequer a nossa ventura."

E fitando de soslaio o marido, que tinha os olhos perdidos no crepúsculo:

— "Apenas nunca cheguei a compreender: ele ainda hoje nega o que chamo o período telefônico do nosso amor. Não sei por que..."

SOFRE DO FÍGADO?
 Tome
BIO-HEPAX
 PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANIDINA



★ Miami Beach — o mais famoso balneário atlântico norte-americano.

O mundo é seu... pelo **CLIPPER**

V. S. pode ser um dos milhares de turistas que estão desfrutando a temporada na praia alegre e pitoresca de Miami. Pelo Clipper da Pan American é

simples questão de horas um vôo àquele paraíso dos que estão em férias! Hoje, o mundo inteiro está ao seu alcance — graças à vasta rede de rotas interna-

cionais da Pan American. Projete agora a viagem de férias que tanto sonhou. Consulte hoje, mesmo o representante local da PAA ou agências de viagem.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers

PASSAGEIROS ★

CLIPPER EXPRESS ★

CORRESPONDÊNCIA.

10.056-BP-13-B





NASCEU UMA CRIANÇA — Avançavam os americanos pelo inferno verde das matas cerradas de Saipan. Nas tocas perigosas escondiam-se os japoneses, de metralhadora em punho, prontos a chacinarem os batalhões de desembarque que iam se penetrando naquele emaranhado de cipós e lianas. Numa toca, um soldado de infantaria estadunidense descobriu uma criança com doze horas de vida. O recém-nascido chorava como tôdas as crianças do mundo, mas não mostrava terror nos olhinhos oblíquos. O infante trouxe para a claridade o pequeno ser e os seus companheiros vieram vindo, curiosos, olhar o garoto que nascera em meio à mais selvagem carnificina de todos os tempos. (Foto W. Eugene Smith.)

OS GRANDES MOMENTOS DA GUERRA

Antigamente a História se fazia com os papéis encontrados no fundo das bibliotecas vastas das cidades soterradas pelos anos e pelas intempéries. "Papéis" não é o termo certo — pergaminho seria mais exato. Era na película fina de couro de carneiro batido,

←
NAS PRAIAS DE BUNA — Os americanos chegaram em lanchões e chatas e desembarcaram debaixo do cerrado fogo da artilharia nipônica. Os canhões inimigos formavam na praia uma muralha de barragem imensa e poderosa. Muitos cadáveres lá ficaram estendidos. (Foto George Strock.)

que os escriturários da Antiguidade Clássica e da Idade Média faziam chegar aos pósteros os fatos que se haviam desenrolado sob suas vistas, ou sob as vistas de um informante.

Assim se escreveu toda a história da Grécia; as maravilhas de Esquilo e a epopéia das Termópilas chegaram até nós, através dos séculos, graças aos caracteres gravados nos pergaminhos amarelados, que resistiram à ação destruidora do tempo, mostrando aos

homens que foram se sucedendo na sequência dos dias, as belezas de uma grande civilização perdida.

As guerras de conquista ditadas pela ambição de domínio dos romanos, também ficaram gravadas nos pergaminhos indestrutíveis.

Veio depois a imprensa. E os prelos manuais contaram os fatos de muitos séculos, fizeram chegar a todos os cantos da terra a



EM FRENTE A NOTRE DAME — Dois dias depois da libertação de Paris, rezou-se na catedral de Notre Dame um "Te Deum". O general De Gaulle compareceu ao ato religioso, que levou ao templo todo o povo da Cidade Luz. Os nazistas e colaboracionistas armados com metralhadoras portáteis fizeram fogo contra a multidão e contra o líder da resistência, que se abrigou no alto das casas fronteiras. Muitos mortos e muitos feridos se contavam entre a multidão. Na gravura vemos um magnífico instantâneo desse atentado, quando os populares procuravam evitar os projéteis dos tocaias nazistas. (Foto Frank Scherschel.)

História de Napoleão e de Frederico o Grande.

Até ali, tudo era descrito de acôrdo com a nudez forte da verdade, mas sempre todos os fatos apareciam cobertos pelo manto diáfano da fantasia. Então, aconteceu Niepce. Uma vez conseguido pelo homem a gravação das imagens em papéis revestidos com sais de prata, a História deixou de ser feita com palavras. Hoje, ela se faz com fotografias. Foram as fotos que contaram tôda a verdade

em tôrno da guerra russo-japonêsa de 1905, quando Jack London, êsse gênio da reportagem, se aventurou pelas frentes de batalha, de "Kodak" em punho, retratando homens e canhões, prisioneiros e cadáveres.

Depois a grande guerra, revelando os grandes fotógrafos. Agora, a guerra de libertação, que jogou por terra o jugo nazi-fascista. Esta guerra foi a guerra mais fotografada de todos os tempos.

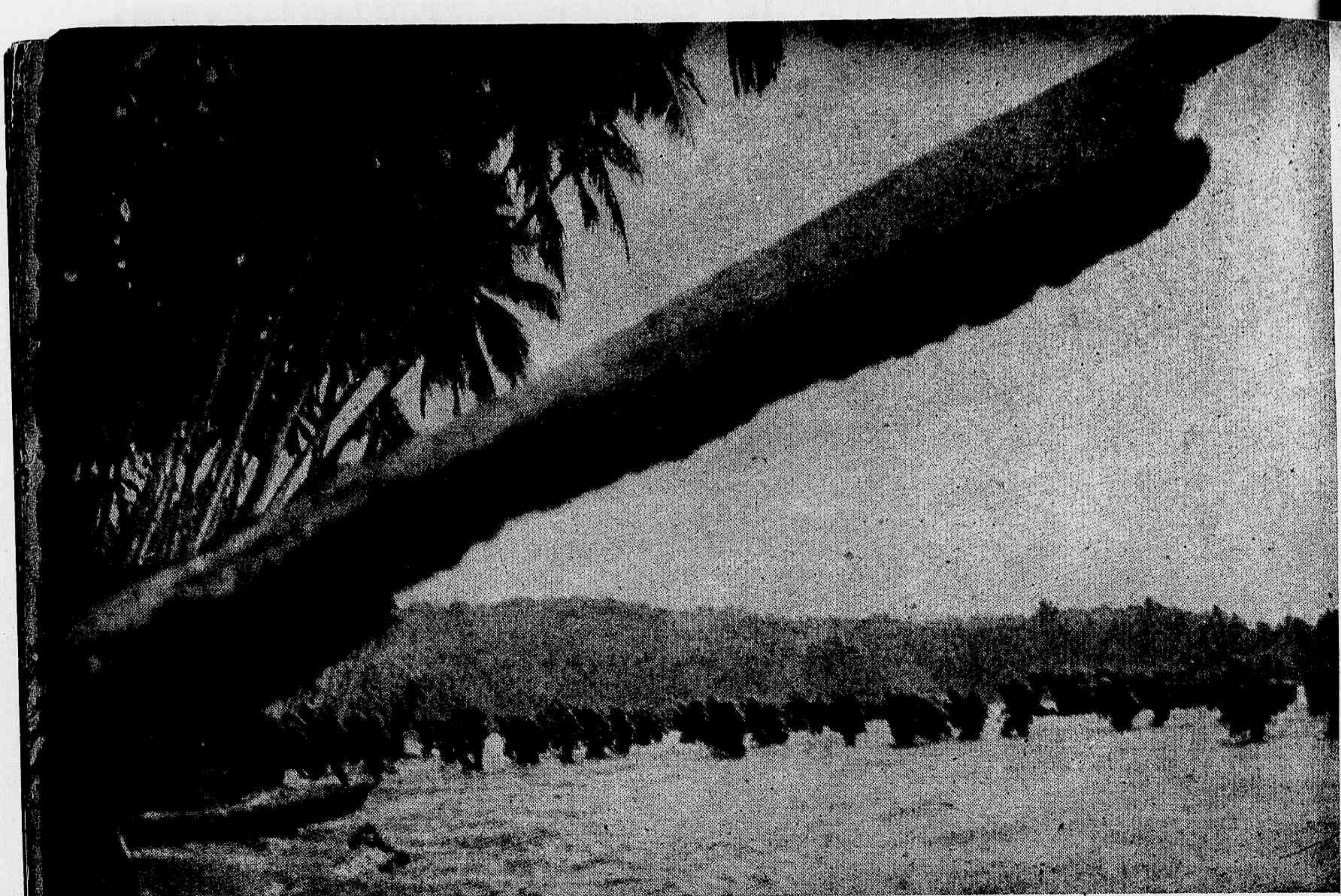
A revista americana "Life", procurando

fixar em suas páginas as melhores fotografias desta guerra, organizou um concurso, para premiar os trabalhos mais perfeitos. E foram estas as fotos laureadas. Êstes foram os momentos mais dramáticos da guerra. Estas fotos são grandes documentos históricos.

BOMBARDEIOS CONTRA LONDRES — A luz do branco luar adverso os pilotos da aviação alemã voavam sobre Londres. Os petardos caíam num inferno de fogo e de aço. Bondes e telhados voavam pelos ares. E os feridos eram tirados dos abrigos, para os hospitais de sangue.

(Foto George Rodger.)

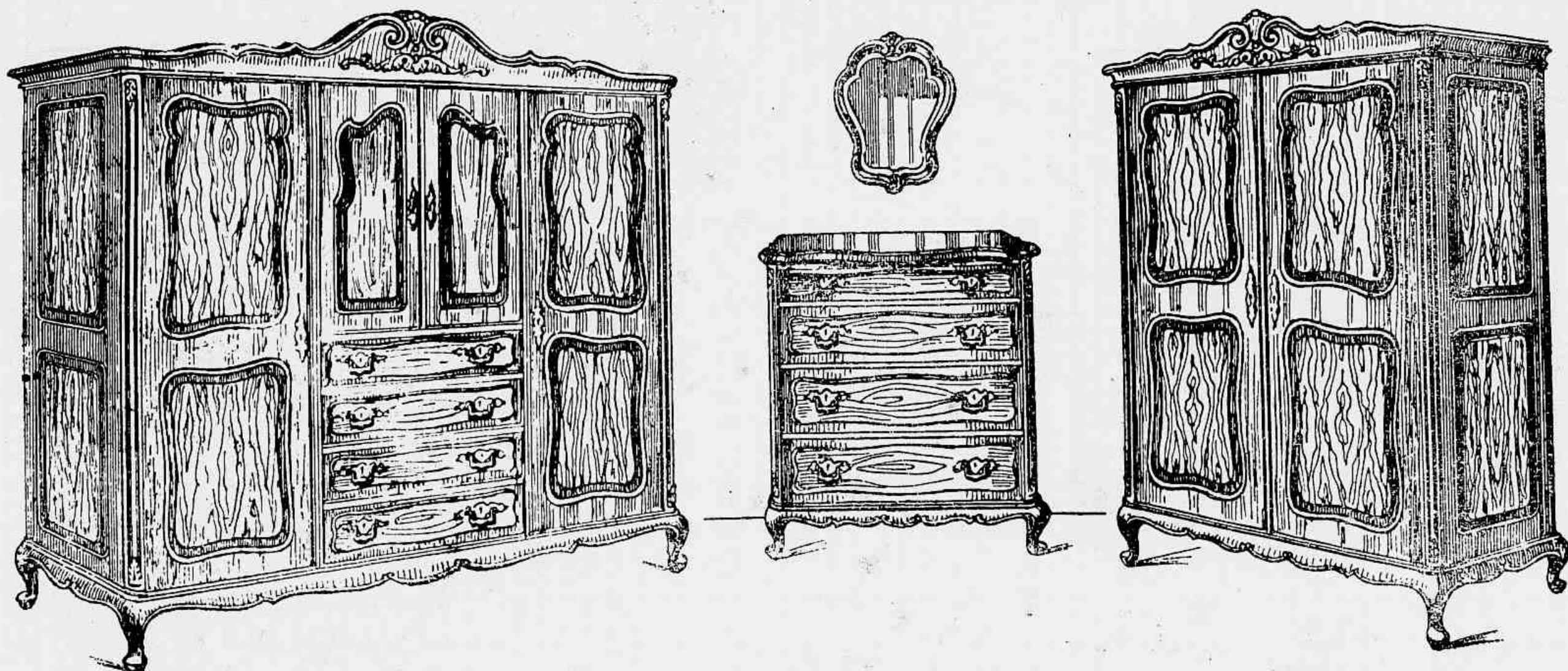
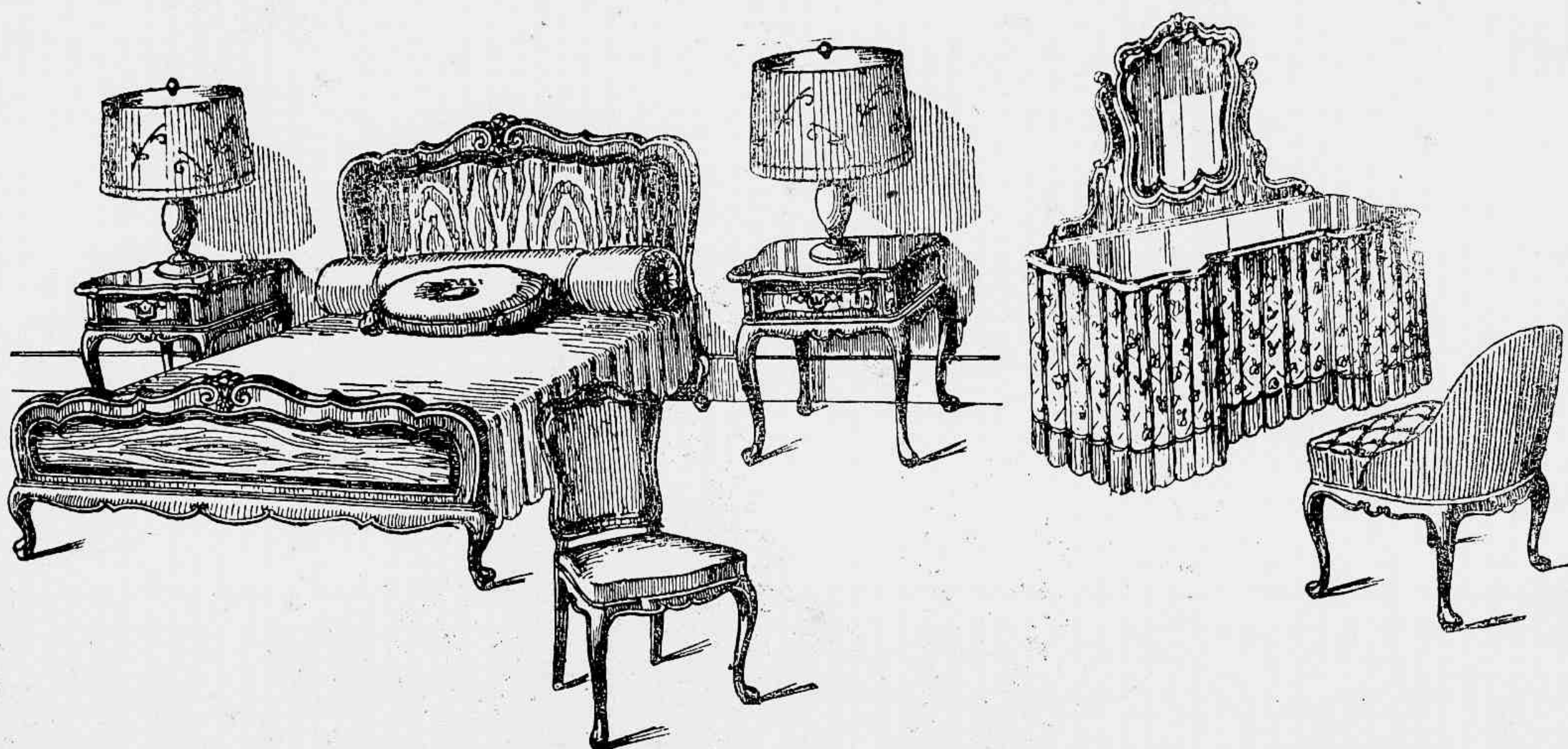




DESEMBARQUE — Quando abandonou o último posto no arquipélago filipino, disse Mc Arthur: "Nós voltaremos". E voltaram. Nas madrugadas quentes, as esquadras evoluíam nas costas escuras das ilhotas do Pacífico. Depois, como um enxame de peixes de aço, os lanchões se aproximavam da costa e despejavam a sua carga humana sobre as posições nipônicas. Principiava o desembarque. Muitos se embrenhavam pelo "hinterland" das ilhas selvagens, mas grande número de heróis ficava estendido nas areias úmidas da praia. Esta é uma fase do desembarque em uma ilhota desconhecida do Pacífico, onde pereceram vários milhares de soldados. (Foto William Shrout.)

INVASÃO — Saldos dos barcos de desembarque, as forças de fuzileiros navais dos Estados Unidos avançam para o interior de uma ilhazinha do Pacífico, na qual os japoneses fizeram pé firme. Foi necessário que se exterminasse a poder de lança-chamas e granadas de mão as ocas onde se escondiam os atiradores emboscados do inimigo. A gravura nos mostra a primeira fase da invasão. Em cada uma destas cafuas havia um centro de resistência poderosamente armado. Enquanto restava um homem no interior das choças, havia uma séria resistência aos invasores. Mas os fuzileiros passaram. (Foto Myron Davis.)





DORMITÓRIO DE LUXO

O dormitório de que damos acima o modelo esquemático, constitui um notável mobiliário para um grande palacete residencial, podendo ser trabalho em madeira clara, que mais condiz com as linhas curvas da cama e dos armários.

Entre as duas partes laterais do guarda-roupa estão postas as gavetas, que substituem perfeitamente o camiseiro. A cômoda deve ser posta em baixo de um espelho de bordas rendilhadas. O guarda-vestido é largo e simples. Os criados-mudos quadrados e altos. A penteadeira, com cobertura de espelho, deve ser forrada por uma seda pesada e com estampas de motivos florais. Uma cadeira lisa e uma poltrona estofada em cetim completam a peça.

MOBILIÁRIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANDRÉ NEM FILIAS



CIA. DE CIGARROS Souza Cruz